



Obras de arte do Senado Federal

Catálogo do acervo



SENADO FEDERAL



Obras de arte do Senado Federal

Catálogo do Acervo

BRASÍLIA – DF

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Organização: Serviço de Museu e Secretaria de Informação e Documentação
Projeto gráfico: SEPRVI – Serviço de Programação Visual da Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal

© Senado Federal, 2010

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF

CEDIT@senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

Todos os direitos reservados

.....

Brasil. Congresso Nacional. Senado Federal.

Obras de arte do Senado Federal. – Brasília :
Senado Federal, 2010.

260 p. : il.

1. Obra de arte, catálogo. 2. Brasil. Congresso
Nacional. Senado Federal, catálogo. I. Título.

CDD 709.81

.....

Obras de arte
do Senado Federal



Mesa Diretora
Biênio 2009/2010

Senador José Sarney
Presidente

Senador Marconi Perillo
1º Vice-Presidente

Senadora Serys Slhessarenko
2ª Vice-Presidente

Senador Heráclito Fortes
1º Secretário

Senador João Vicente Claudino
2º Secretário

Senador Mão Santa
3º Secretário

Senadora Patrícia Saboya
4ª Secretária

Suplentes de Secretário

Senador César Borges
Senador Cícero Lucena

Senador Adelmir Santana
Senador Gerson Camata

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal

Obras de arte do Senado Federal



Brasília – 2010

APRESENTAÇÃO

pág. 13

INTRODUÇÃO

pág. 15

AGI STRAUS

pág. 16

ALDEMIR MARTINS

pág. 18

ALFREDO CESCHIATTI

pág. 22

ANNA BELLA GEIGER

pág. 24

ANNA LETYCIA QUADROS

pág. 28

ANTÔNIO POTEIRO

pág. 32

ARTHUR PIZA

pág. 34

ATHOS BULCÃO

pág. 38

C. BRUSELL

pág. 42

CARLOS SCLiar

pág. 44

CLAIRE JEANNE ROBERTE COLINET

pág. 50

CORREIA, SILVA, SANTOS E SILVA

pág. 52

DAREL VALENÇA

pág. 54

DÉCIO VILLARES

pág. 56

DENIS CAVALCANTI

pág. 58

DI CAVALCANTI

pág. 60

DIONÍSIO DEL SANTO

pág. 62

DJANIRA

pág. 66

E. PICAULT

pág. 68

EDITH BEHRING

pág. 70

EDITH JIMÉNEZ

pág. 74

EDUARDO MEIRA LIMA

pág. 76

EMANUEL ARAÚJO

pág. 78

F. REBOLO

pág. 82

FAYGA OSTROWER

pág. 86

FRANCISCO BRENNAND

pág. 90

FRANS KRAJCBERG

pág. 92

FREI CONFALONI

pág. 98

GLAUCO RODRIGUES

pág. 100

GUIDO MONDIN

pág. 102

GUSTAVO HASTOY

pág. 108

HANS GRUDZINSKI

pág. 110

IRENE BUARQUE

pág. 114

ISABEL PONS

pág. 118

JACQUES MADYOL

pág. 124

JONAS LEMES

pág. 126

JOSÉ FERREIRA
pág. 130

JOSÉ GUERRA
pág. 132

JOSÉ SARNEY
pág. 134

LUIZ COSTA
pág. 136

M. FERNANDES
pág. 138

M. KALIL
pág. 140

MARCELO GRASSMAN
pág. 142

MÁRCIO SCHIAZ
pág. 146

MARIA BONOMI
pág. 148

MARIANNE PERETTI
pág. 154

MARÍLIA RODRIGUES
pág. 156

MARLENE HORI
pág. 160

MASSUO NAKAKUBO
pág. 164

MAURÍCIO MAIA SOUTINHO
pág. 168

MOACIR ANDRADE
pág. 170

MÔNICA CUNHA
pág. 172

NELY EVANGE INDIG
pág. 176

NINITA
pág. 178

NONATO DE OLIVEIRA
pág. 180

ODETTO GUERSONI
pág. 182

OSCAR NIEMEYER
pág. 186

OTONIEL FERNANDES NETO
pág. 192

PAULO WERNECK
pág. 196

PÉRICLES ROCHA
pág. 198

PÍNDARO CASTELO BRANCO
pág. 204

RENINA KATZ
pág. 206

ROBERTO BURLE MARX

pág. 210

ROSSINI PEREZ

pág. 216

RUBEM ZEVALLOS

pág. 220

SACHIKO KOSHIKOKU

pág. 226

SAVÉRIO CASTELLANO

pág. 228

SCHIRLEY INDIG

pág. 232

SÉRGIO TELLES

pág. 234

THEREZA MIRANDA

pág. 236

TOMIE OHTAKE

pág. 240

TONY LIMA

pág. 246

WEGA

pág. 248

Apresentação

O Senado Federal, além de ser uma peça importante do patrimônio artístico brasileiro, no magnífico projeto de Oscar Niemeyer, juntou, ao longo dos anos, um considerável acervo de obras de arte. São artistas das mais diversas tendências, e as peças dos mais diversos materiais: constitui-se, assim, num corte representativo da arte brasileira da segunda metade do século XX.

Merecem menção especial os grandes painéis de Athos Bulcão – em primeiro lugar o do Salão Negro do Congresso Nacional, passando pelos azulejos dos jardins internos e fechando com o painel de blocos vermelhos do nosso Salão Nobre – e os de Roberto Burle Marx, que estão na Presidência do Senado e no Salão Negro. São obras de dimensões importantes, mas, sobretudo, bem integradas à arquitetura da Casa.

A divulgação do acervo das obras de arte do Senado Federal é um gesto de transparência, para que os cidadãos tenham acesso a peças artísticas que estão muitas vezes em gabinetes e locais normalmente inacessíveis ao público, ao mesmo tempo em que recebem uma prestação de contas de parte dos recursos públicos destinados às nossas áreas de representação.

É, portanto, com grande prazer que convido a todos para conhecerem as obras de arte do Senado Federal, repertoriadas neste belo livro.

JOSÉ SARNEY
Presidente do Senado Federal

Introdução

Este Catálogo apresenta a seleção das mais significativas obras de arte do acervo artístico do Senado Federal. Composto por quadros, painéis, gravuras, tapeçarias e esculturas, ele muitas vezes não está disponível ao público visitante, o que dificulta o acesso e sua merecida apreciação.

As 152 peças aqui selecionadas contemplam o que de mais expressivo há no Setor de Obras de Arte, cuja guarda é competência do Serviço de Museu, vinculado à Secretaria de Informação e Documentação desta Casa.

São obras assinadas por renomados artistas nacionais e estrangeiros e também por autores de produção recente, igualmente dignos de um espaço neste Catálogo pela originalidade e inovação de técnicas.

Ao folhear estas páginas, o leitor certamente se surpreenderá com os traços inconfundíveis de Oscar Niemeyer, com a força estética dos painéis de Athos Bulcão e com a fluidez do painel de Marianne Peretti. Verá a grandiosidade verde da obra de Burle Marx, o lirismo geométrico de Carlos Scliar, as presenças marcantes de Di Cavalcanti e de Djanira, a singeleza dos girassóis de Antônio Poteiro, a sensibilidade artística do político gaúcho Guido Mondim, o registro histórico nas telas de Rubem Zevallos. E poderá até se emocionar, como no caso do óleo sobre tela de autoria dos artistas portadores de síndrome de Down em uma releitura da obra do pintor paulistano Gustavo Rosa.

Não se pode deixar de registrar a proeminente coleção de gravuras – campo artístico cuja investigação e inovação se fez presente na história da arte brasileira do século XX – com que conta o acervo do Senado. Aldemir Martins, Anna Bella Geiger, Arthur Piza, Edith Behring, Fayga Ostrower, Marcelo Grassman, Tomie Ohtake são alguns nomes de artistas que muito contribuíram para a exploração dessa nova linguagem, e que aqui marcam presença com brilho.

Cores, luz e texturas traduzidas nas mais variadas formas de expressão estão reunidas neste Catálogo – trabalho conjunto da Secretaria de Informação e Documentação e a Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal, que, ao disponibilizarem parte do acervo artístico da Casa, rico patrimônio histórico de inestimável valor, confirmam que o Legislativo pode ir muito além do trabalho parlamentar.

Com esta iniciativa, o Senado Federal cumpre, mais uma vez, de maneira singular, o compromisso de aproximar a Instituição do cidadão, dever de todo sistema democrático.

HERÁCLITO FORTES
Primeiro Secretário do Senado Federal



Agi Straus

Viena, Áustria, 12-7-1926

Pintora, desenhista, gravadora, escultora, ilustradora e escritora, chegou ao Brasil em 1938, passando a viver e trabalhar em São Paulo, após ter residido em Belém, Recife, Salvador e São Luís.

Agathe Straus, ou Agathe Deutsch, estuda no MASP (Museu de Artes de São Paulo), em 1952, com Darel, Poty Lazarotto e Aldemir Martins. Aperfeiçoa-se em afresco com Gaetano Miani, com quem executa um afresco no Palácio do Café, e realiza estudos de escultura com Zamoisky. Paralelamente, escreve e ilustra livros infantis. Entre 1960 e 1962, funda e dirige a Escola Agi, de arte para crianças. Por seis anos, é desenhista do Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*. Em 1976, expõe na coletiva *Imigrantes nas Artes Plásticas de São Paulo*, no MASP. Em 1988, participa da exposição *Mulher, Espírito e Matéria*, no Paço das Artes, em São Paulo.



TÍTULO: Os Lírios do Campo – ANO: 1984 – TÉCNICA: Calcografia . Ponta-seca (18/18) – DIMENSÕES: 0,42cm x 0,28cm



Aldemir Martins

Ingazeiras, CE, 8-II-1922 – São Paulo, SP, 5-2-2006

Aldemir Martins, um dos principais artistas plásticos da arte contemporânea brasileira, nasceu no Vale do Cariri, Nordeste brasileiro, no ano em que se realizou, em São Paulo, a Semana de Arte Moderna. Vinte anos depois, participa do grupo Artys, juntamente com Antonio Bandeira, Inimá de Paula e outros, e da Sociedade Cearense de Artistas Plásticos, responsáveis pela instauração da modernidade no Ceará. Em 1945, transfere-se para o Rio e, no ano seguinte, para São Paulo.

Aldemir fez carreira meteórica. Recebeu o Prêmio de Desenho da I Bienal de São Paulo (1951), voltando a ser premiado na II Bienal. Em 1954, conquista o prêmio de Viagem ao Exterior no Salão Nacional de Arte Moderna e, dois anos após, a láurea que o consagraria definitivamente: o Prêmio Internacional de Desenho na Bienal de Veneza, Itália.

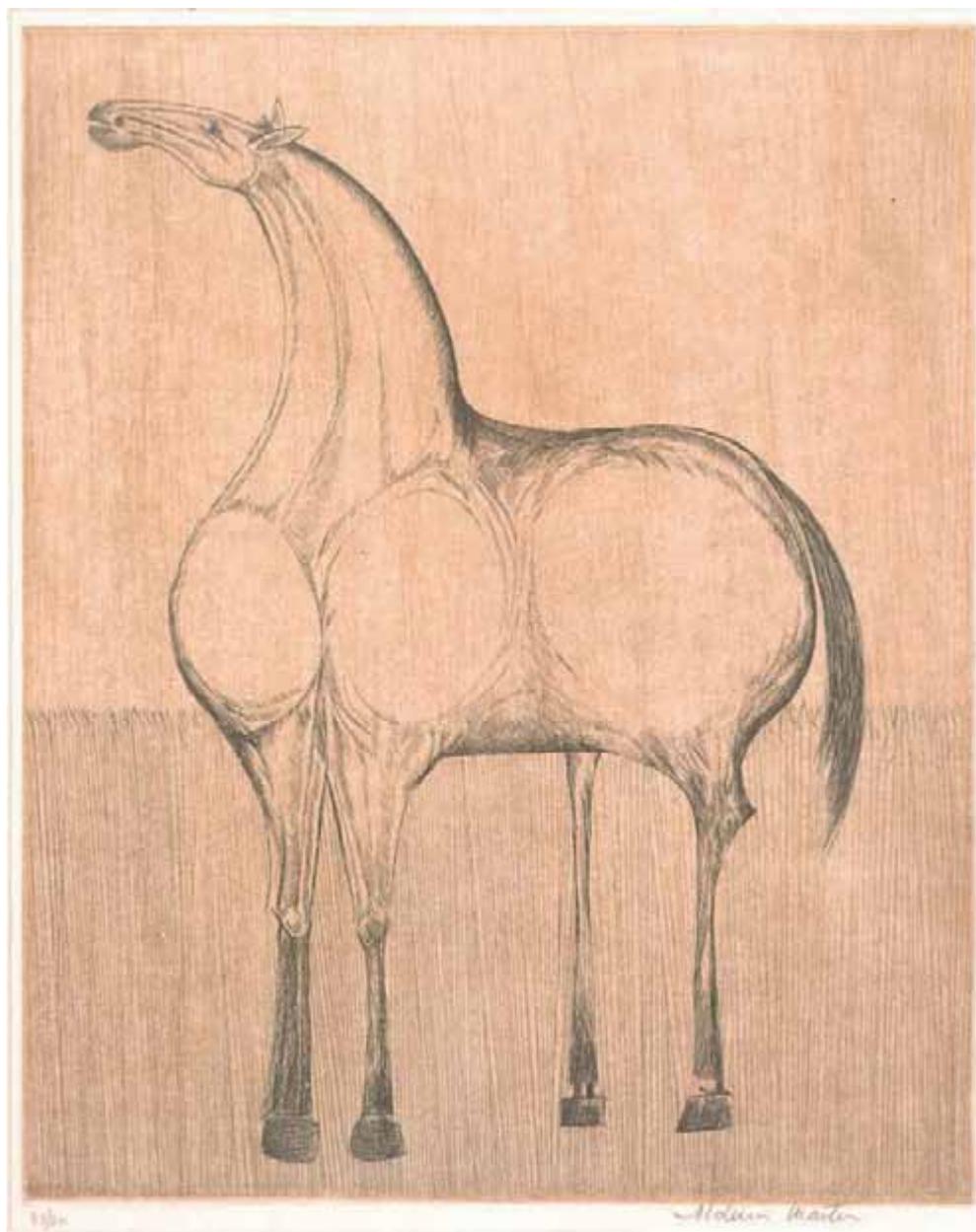
O artista desenvolveu no desenho, na pintura, na gravura, e na cerâmica uma linguagem plástica marcadamente pessoal. O tema frequente de suas obras sempre foi o Brasil, mais especificamente o Nordeste brasileiro: a paisagem do agreste, as marinhas, a vegetação, as flores, os frutos, os animais, e os tipos humanos.



TÍTULO: Flores - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte (22/30) - DIMENSÕES: 0,49cm x 0,40cm



TÍTULO: Marinha - ANO: 1972 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,74cm x 1,07m



TÍTULO: Cavalo - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte - DIMENSÕES: 0,50 cm x 0,40cm



Alfredo Ceschiatti

Belo Horizonte, MG, 1918 - Rio de Janeiro, RJ, 1989

Escultor, desenhista, professor. Em 1938, viaja à Itália e se interessa, sobretudo, por obras de artistas renascentistas. Em 1940, no Rio de Janeiro, ingressa na Escola Nacional de Belas-Artes – Enba, onde estuda escultura com Corrêa Lima. Frequenta o ateliê instalado na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, juntamente com Bruno Giorgi e José Pedrosa. Cria, em 1944, o baixo-relevo da igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, em Belo Horizonte, por encomenda de Oscar Niemeyer. No ano seguinte, conquista com esse trabalho o prêmio de Viagem ao Exterior no 51º Salão Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro. Entre 1946 e 1948, permanece na Europa e conhece a obra de Max Bill, Henri Laurens, Giacomo Manzù e, principalmente, Aristide Maillol.

Sua primeira exposição individual ocorre na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB, no Rio de Janeiro, em 1948. Integra, em 1956, a equipe vencedora do concurso de projetos para o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro. No começo da década de 60, leciona escultura e desenho na Universidade de Brasília – UnB. Várias de suas obras estão em espaços e edifícios públicos, entre eles o Palácio da Alvorada, a Praça dos Três Poderes e o Palácio do Itamaraty, em Brasília; o Memorial da América Latina e a Praça da Sé, em São Paulo; e a Embaixada do Brasil, em Moscou.



TÍTULO: Mulher Nua - ANO: 1970 - CLASSIFICAÇÃO: escultura em bronze - DIMENSÕES: 1,50m x 0,47cm x 0,35cm

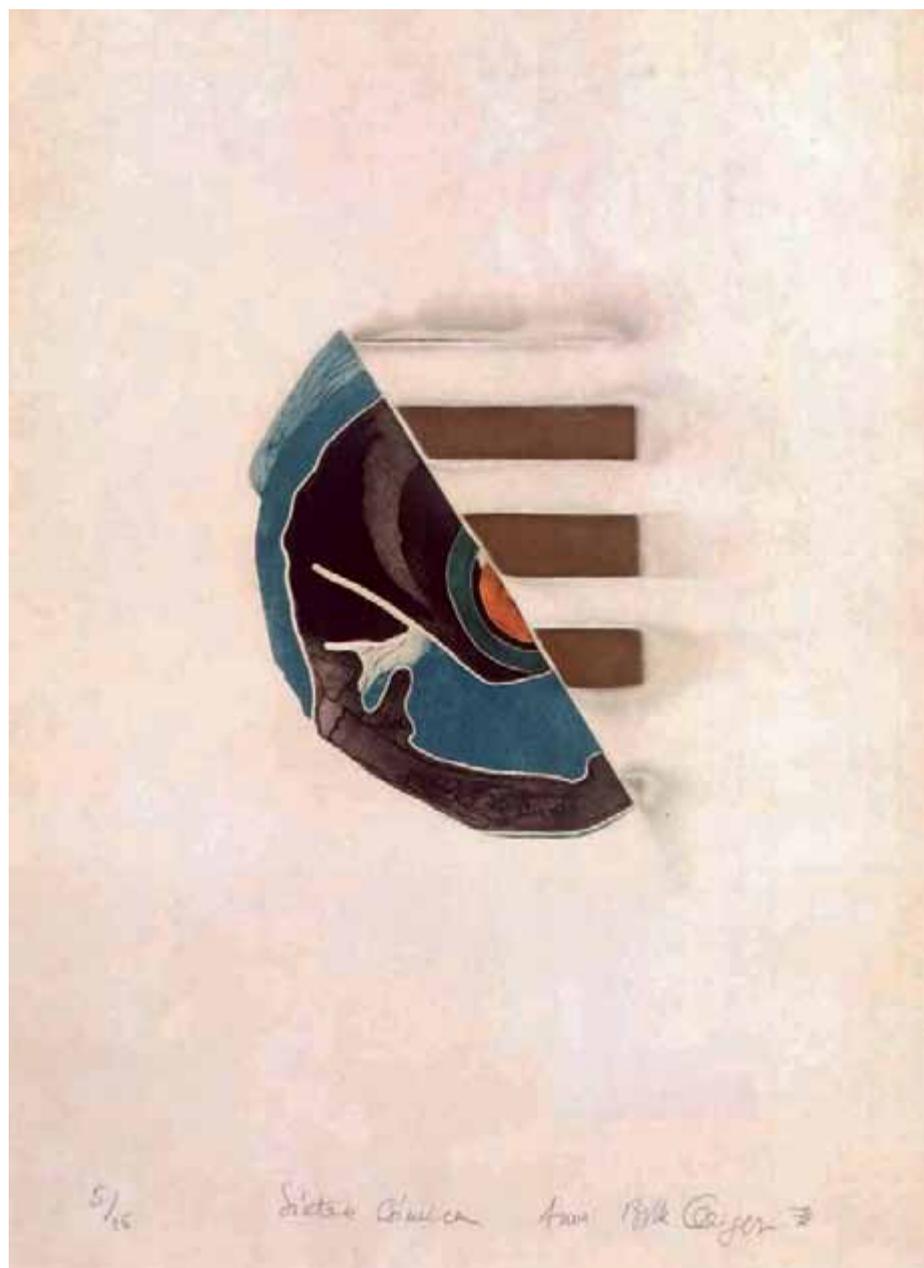


Anna Bella Geiger

Rio de Janeiro, RJ, 4-4-1933

Desde muito cedo, Anna Bella Geiger se envolveu com as artes plásticas. Começou a desenhar quando jovem. Conhecia Fayga Ostrower desde a infância por uma relação familiar, e a aproximação das duas teve grande influência no processo de formação da artista. Na década de 50, forma-se em língua e literatura anglo-germânicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, e estuda história da arte com Hannah Levy no The Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque.

Pioneira na arte conceitual, revolucionária na prática da gravura e uma das introdutoras da videoarte no território nacional, teve um papel de destaque entre os artistas brasileiros do século XX. Realizou mostras individuais em diversos museus internacionais, entre eles o MoMA, em Nova Iorque, e possui peças em grandes coleções, como a do Centre Georges Pompidou em Paris. Pouco ortodoxa no uso de materiais, lança mão de xérox, fotografia, intermídia, postais e impressos para a materialização de suas obras. Em 1987, publica, com Fernando Cocchiarale, o livro *Abstracionismo geométrico e informal: A vanguarda brasileira nos anos cinquenta*.



TÍTULO: Síntese Cósmica – ANO: 1972 – TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e relevo (5/35) – DIMENSÕES: 0,75cm x 0,55cm



TÍTULO: Dimensão de um mito - ANO: 1970 - TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta (14/30) - DIMENSÕES: 0,93cm x 0,61cm



TÍTULO: Florença - ANO: 1970 - TÉCNICA: Calcografia, Água-tinta e relevo (14/35) - DIMENSÕES: 0,67cm x 0,53cm



Anna Letycia Quadros

Teresópolis, RJ, 25-9-1929

Gravadora. Inicia estudos de desenho e pintura com Bustamante Sá, na Associação Brasileira de Desenho, no Rio de Janeiro. Na década de 50, no Rio, frequenta o curso de André Lhote, estuda gravura com Darel, na Escola Nacional de Belas-Artes – Enba, e com Iberê Camargo, no Instituto Municipal de Belas-Artes. Realiza curso de xilogravura com Oswaldo Goeldi, na Escolinha de Arte do Brasil, e de pintura com Ivan Serpa, com quem participa da criação do Grupo Frente. Em 1959, frequenta o ateliê do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, coordenado por Edith Behring.

A afinidade com a obra de Goeldi na produção de Anna Letycia pode ser percebida no clima soturno de algumas gravuras e na ligação com o expressionismo. Utiliza frequentemente a imagem do caracol, motivo para geometrizações e múltiplas combinações formais. Por meio das formas espiraladas, explora sugestões de positivo e negativo, claro e escuro, e densidade e transparência. Manifesta uma reflexão introspectiva, explorando o não revelado e o interior velado.



TÍTULO: Abstrato - ANO: 1972 - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte e Água-tinta (4/15) - DIMENSÕES: 0,40cm x 0,45cm



TÍTULO: Abstrato Geométrico - ANO: 1972 - TÉCNICA: Calcografia Água-forte e Água-tinta (prova do artista) - DIMENSÕES: 0,54cm x 0,32cm



TÍTULO: Caracol - ANO: 1968 - TÉCNICA: Calcografia, Água-forte e Água-tinta (prova do artista) - DIMENSÕES: 0,45cm x 0,52cm



Antônio Poteiro

Santa Cristina de Pousa, Portugal, 1925 - Goiânia, GO, 8-6-2010

Antônio Batista de Souza imigra para o Brasil com a família em 1926 e mora em diversas cidades antes de fixar-se definitivamente em Goiânia na década de 40. Produz cerâmica utilitária para ganhar a vida e, em 1957, encorajado pela folclorista Regina Lacerda, passa a produzir cerâmicas de maior liberdade artística, assinando-as com "Poteiro". São peças cada vez mais elaboradas e cheias de detalhes, provenientes de um mundo de sonhos e crendices populares.

Em 1964, o professor Antônio de Melo o estimula a criar bonecos e máscaras, e, a partir de 1972, Siron Franco o leva a pintar. Transporta para a tela o mesmo tipo de figuração insólita, inspirada na cultura popular ou em histórias bíblicas, que reconta segundo sua própria interpretação. Poteiro acumula figuras e ornamentações tanto na pintura quanto na superfície da cerâmica, ao mesmo tempo em que procura organizar tudo com base na simetria, ainda que inexata.

O tratamento ingênuo dispensado às figuras humanas, aliado às soluções singelas e espontâneas adotadas pelo artista, fazem de Poteiro um dos principais artistas *naïfs* do Brasil.



Foto: Cláudio Medeiros

TÍTULO: Girassol - TÉCNICA: Serigrafia (91/120) - DIMENSÕES: 0,70cm x 0,70cm



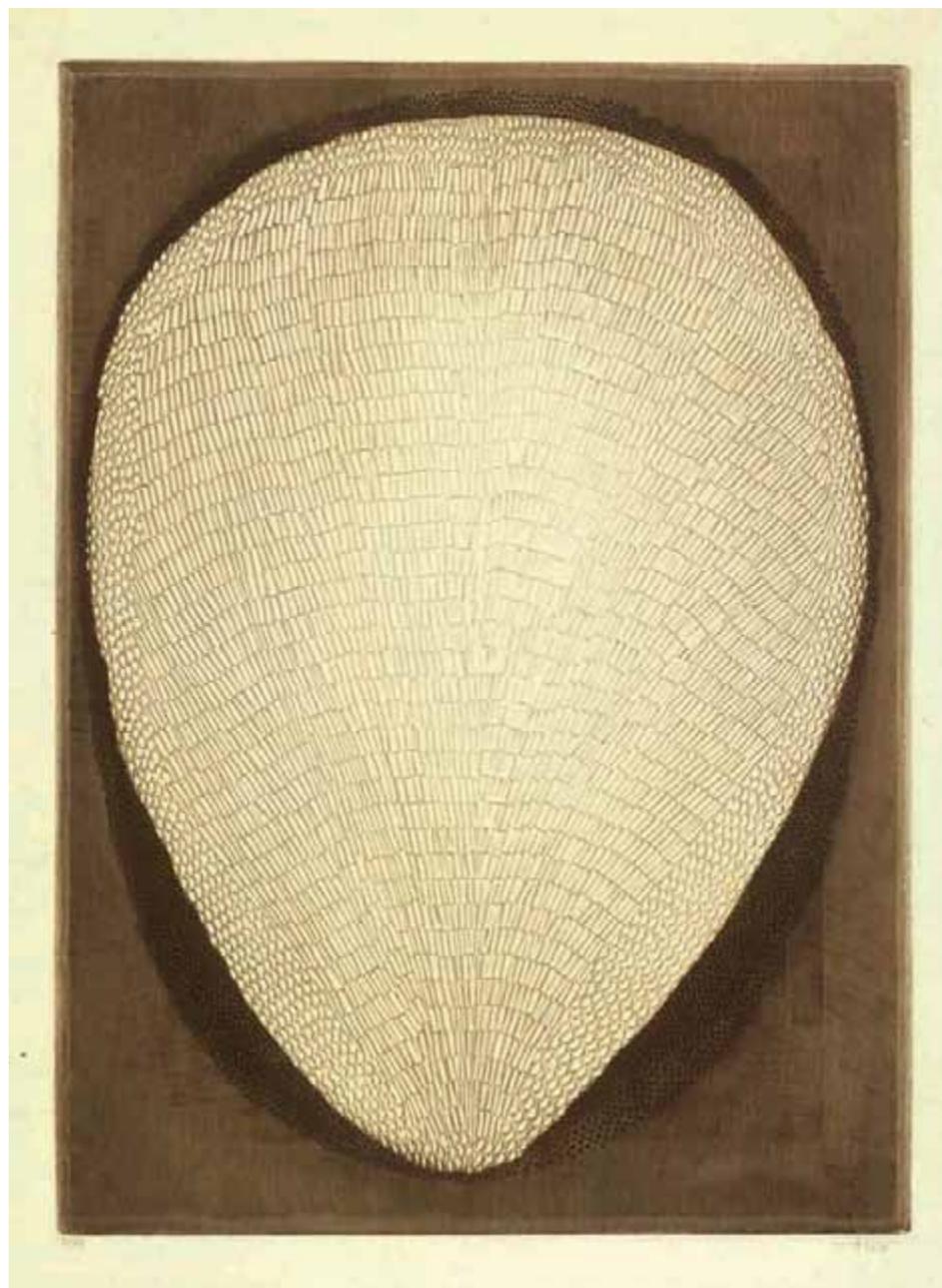
Arthur Piza

São Paulo, SP, 13-1-1928

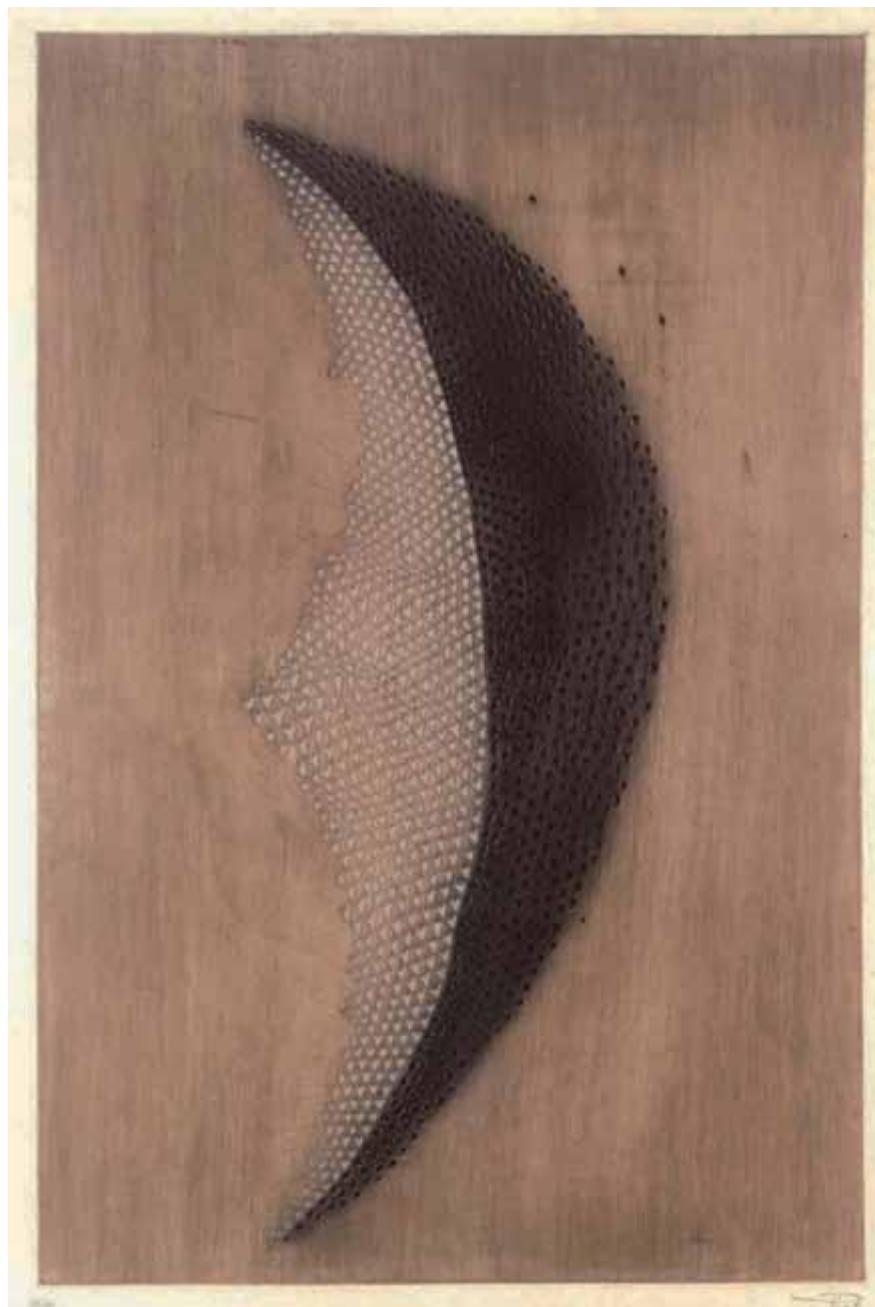
Arthur Luiz Piza nasceu, em 1928, em São Paulo, onde teve seu primeiro contato com as artes. Nos anos 40, estudou pintura e afresco com Antonio Gomide. Os estudos de gravura se deram com Friedlaender, em Paris, a partir de 1953. Dedicou-se logo depois à aquarela e à colagem. Participou diversas vezes da Bienal de São Paulo com várias premiações.

Na França, participou do Salão de Maio (1953, 1956, 1958 e 1965) e da Bienal de Paris. Entre 1951 e 1963, participou das Bienais de São Paulo; em 1959, da Documenta de Kassel. Marcou presença na Bienal de Veneza em 1966. Foram numerosas suas participações em salões e coletivas de âmbito nacional e internacional, bem como suas exposições individuais pelo mundo.

No livro *A criação plástica em questão*, declarou o artista: "Gravar para mim é rasgar, cortar, desarraigar uma superfície que resiste. E quanto mais resiste, mais decisiva será a marca deixada. Mais tarde, na tiragem da prova, este ato de cavar resulta em relevo, o qual receberá o papel. Todo o instrumento convém a esta agressão: buril, goiva, prego, martelo... Minha experiência pessoal dá preferência a toda sorte de goivas manejadas a martelo. Cada golpe de goiva é definitivo como o som de um instrumento".



TÍTULO: Fruto - ANO: 1998/1999 - TÉCNICA: Calcografia. Talho-doce - DIMENSÕES: 0,90cm x 0,64cm



TÍTULO: Abstrato - TÉCNICA: Calcografia. Talho-doce - DIMENSÕES: 0,65cm x 0,45cm



TÍTULO: Abstrato - TÉCNICA: Calcografia. Talho-doce - DIMENSÕES: 0,61cm x 0,90cm



Athos Bulcão

Rio de Janeiro, RJ, 2/7/1918 – Brasília, DF, 31/7/2008

Pintor, escultor e arquiteto. Em 1939, abandona o curso de medicina para dedicar-se à pintura. Torna-se amigo de Burlle Marx, Carlos Scliar e Bianco. Apresentado por Murilo Mendes ao casal Vieira da Silva e Arpad Szenes, frequenta o ateliê deles na década de 40.

Em 1945, trabalha como assistente de Candido Portinari na construção do painel de São Francisco de Assis, na igreja da Pampulha, em Belo Horizonte. Em 1948 e 1949, vive em Paris com bolsa de estudos concedida pelo governo francês. Realiza cursos de desenho na Académie de La Grande Chaumière e de litografia no ateliê de Jean Pons.

De volta ao Rio de Janeiro, ingressa no Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura – MEC, e realiza ilustração de catálogos e livros. Entre 1952 e 1958, dedica-se à realização de fotomontagens. A convite do arquiteto Oscar Niemeyer integra a Companhia Urbanizadora da Nova Capital - Novacap. Realiza, entre outros, o projeto de painéis de azulejos e vitrais para a igreja Nossa Senhora de Fátima, para o Salão Verde do Congresso Nacional, para o Palácio Jaburu e para o Palácio do Itamaraty, em Brasília. Leciona na Universidade de Brasília - UnB entre 1963 e 1965. Desde a década de 70, trabalha com o arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé (1932), criando relevos e elementos arquitetônicos para a rede de hospitais Sara Kubistchek. Em 1993, é criada a Fundação Athos Bulcão, em Brasília.

“Athos Bulcão chegou em Brasília com a equipe de Oscar Niemeyer, adotou a cidade, e nela permanece produzindo trabalhos de integração da arte com a arquitetura. (...) Os azulejos e os painéis de integração fazem parte do acervo da humanidade, não só por estarem em Brasília – Patrimônio Cultural da Humanidade –, mas porque Athos Bulcão é um artista com grande sensibilidade para intervenções em espaços públicos, produzindo obras que se incorporam harmonicamente à paisagem e estão acessíveis a qualquer cidadão. Além de azulejos e painéis, pinturas, desenhos, objetos, máscaras, fotomontagens, cenários para teatro e artes gráficas fazem parte da arte de Athos Bulcão.”

Trecho do texto da Fundação Athos Bulcão para o livro *Athos Bulcão*, 2001. Imagem: p. 5.



Foto: Luca Reines - gentilmente cedida pela Fundação Athos Bulcão

Sem título – ANO: 1960 – TÉCNICA: PAINEL EM GRANITO NEGRO E MÁRMORE BRANCO – DIMENSÕES: 3,00m x 20,00m



Foto: Edgard Cesar – Gentilmente cedida pela Fundação Athos Bulcão

TÍTULO: Ventania – ANO: 1960 – TÉCNICA: Pintura em Azulejo – Painel de fundo do Salão Verde do Congresso Nacional



Foto: Luca Reines - Gentilmente cedida pela Fundação Athos Bulcão

Sem título - ANO: 1978 - TÉCNICA: Painel escultórico em madeira laqueada - DIMENSÕES: 5,00m x 5,28m



C. Brusell

*em distinção de qualquer natureza
a inalienabilidade do direito à
segurança e à propriedade é livre a*

Bahia, BA, 1915

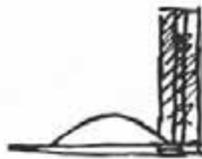
Pintor e desenhista, nascido na Bahia em 1915, Carl Brusel, filho de pais suecos, aos dez anos viaja para a Europa, onde sua aguçada sensibilidade para o desenho desperta em seu professor da Beskowska Skolan, em Estocolmo, o cuidado de ministrarlhe aulas particulares de arte e encaminhá-lo ao conhecimento da pintura a óleo.

É no intervalo entre as duas grandes guerras que o jovem Brusell domina e integra-se aos elementos que serão constantes em sua vida. Aos 20 anos está de volta ao Brasil, onde se associa ao pai na firma D. Brusell & Cia. Em 1938, conhece o prof. Manuel Mendonça Filho, cuja influência o marcará profundamente. Com o professor, ele soma à sua curiosidade sensível todo o instrumental acadêmico vindo de um mestre respeitado e consagrado. Este valioso acréscimo o fez procurar seu próprio caminho.

Observando a obra de Brusell, o espectador depara-se com a espontaneidade submetida à consciência lúcida do artista. Seus desenhos são mostras desta espontaneidade elaborada, confeccionados com os critérios de uma personalidade disciplinada na procura obsessiva do equilíbrio. Por meio do desenho, utilizando o espaço, tenta penetrar na essência do universo que o rodeia. Mesmo na cor, Brusell não adere ao tropicalismo convencional, âncora possível de sua origem sueca.



TÍTULO: Bahia - ANO: 1979 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,74cm x 0,60cm



Carlos Scliar

Santa Maria, RS, 21/6/1920 - Rio de Janeiro, RJ, 28/4/2001

Pintor, desenhista, gravador, ilustrador, cenógrafo, roteirista, *designer* gráfico. Estuda com Gustav Epstein, em Porto Alegre, em 1934. Participa, em 1938, da fundação da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Entre 1939 e 1947, residindo em São Paulo, integra a Família Artística Paulista – FAP. Em 1942, publica seu primeiro álbum de litografias, *Fábula*. Faz ilustrações para livros e cenários de teatro. No Rio de Janeiro, escreve e dirige o documentário *Escadas*, sobre os pintores Arpad Szenes e Vieira da Silva.

No ano de 1945, foi convocado pela Força Expedicionária Brasileira para servir ao Exército na Segunda Guerra Mundial. Durante essa experiência, trabalhou na edição especial do jornal *Cruzeiro do Sul* – jornal pertencente ao Exército brasileiro. Morando em Paris de 1947 a 1950, entra em contato com o gravador mexicano Leopoldo Méndez. De volta ao Brasil, funda com Vasco Prado o Clube de Gravura de Porto Alegre, importante iniciativa a congregar vários artistas.

A partir de 1956, passa a viver no Rio de Janeiro. Diretor do departamento de arte da revista *Senhor* entre 1958 e 1960. Funda a editora Ediarte, em 1962, com os colecionadores Gilberto Chateaubriand, Michel Loeb, Carlos Nicolaievski e o pintor José Paulo Moreira da Fonseca. Ativista social, engajou-se em vários movimentos, como o 1º Congresso da Juventude Democrática, na Tchecoslováquia, e em manifestações brasileiras, produzindo cartazes e ilustrando livros e revistas.



TÍTULO: Abstrato - ANO: 1972 - TÉCNICA: Serigrafia (prova do autor) - DIMENSÕES: 0,56cm x 0,37cm



TÍTULO: Abstrato - ANO: 1969 - TÉCNICA: Serigrafia (31/35) - DIMENSÕES: 0,45cm x 0,35cm



TÍTULO: Abstrato - ANO: 1971 - TÉCNICA: Serigrafia (8/10) - DIMENSÕES: 0,58cm x 0,38cm



TÍTULO: Marinha com cinco barcos ANO: 1972 TÉCNICA: óleo sobre Eucatex e colagem DIMENSÕES: 0,65cm x 1,00m



TÍTULO: Marinha com dois barcos ANO: 1972 TÉCNICA: Óleo sobre Eucatex e colagem DIMENSÕES: 0,36cm x 0,55cm



Claire Jeanne Roberte Colinet

Bruxelas, Bélgica, 1885 – 1948

Nascida em Bruxelas, Colinet estudou escultura com Jef Lambeaux na Bélgica. Anos mais tarde, muda-se para a França, onde produziria mais ativamente e viveria a maior parte da sua vida.

Expôs, pela primeira vez, em Paris, no Salon des Artistes Français em 1913. No ano seguinte, recebe uma menção honorável do Salon des Independents. Em 1929, prestigiada pela obra “Sonhos são bolhas de sabão”, torna-se membro permanente desta Academia. De 1937 a 1940, expõe permanentemente no Salon des Independents e se junta à União de Mulheres Pintoras e Escultoras, que se especializavam em moldar as formas femininas, dançarinas exóticas e posições de balé.



TÍTULO: Pensador – ANO: 1890 – CLASSIFICAÇÃO: escultura em bronze – DIMENSÕES: 0,50cm x 0,28cm x 0,45cm



Correia, Silva, Santos e Silva

O Instituto Olga Kos de Inclusão Social, de São Paulo – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) – realizou, em março de 2010, no Espaço Cultural Senador Ivandro Cunha Lima, no Senado Federal, a exposição Pintou a Síndrome do Respeito, doando a esta Casa este quadro de autoria de quatro artistas portadores da síndrome de Down.

Rildvan Correia (São Paulo, SP 23-9-1984), Monica Silva (São Paulo, SP 21-11-1971), Maria de Fátima dos Santos (São Paulo, SP 7-7-1983), e Severino Alves da Silva (São Paulo, SP 15-3-1982), atendidos pelo Instituto, participam das oficinas de arte, que contam com suporte e acompanhamento de equipe especializada, além da participação especial de artistas plásticos consagrados que ministram aulas e acompanham as oficinas de arte em andamento.

O quadro em questão é resultado da parceria com o artista plástico paulistano Gustavo Rosa.

Oficialmente fundado em 2007, o Instituto Olga Kos de Inclusão Cultural atua nacionalmente, contribuindo com a educação, inclusão social, cultural e geração de renda de jovens com síndrome de Down e outras deficiências intelectuais.



Foto: Cléber Medeiros

Sem título - ANO: 2010 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,80cm x 0,80cm



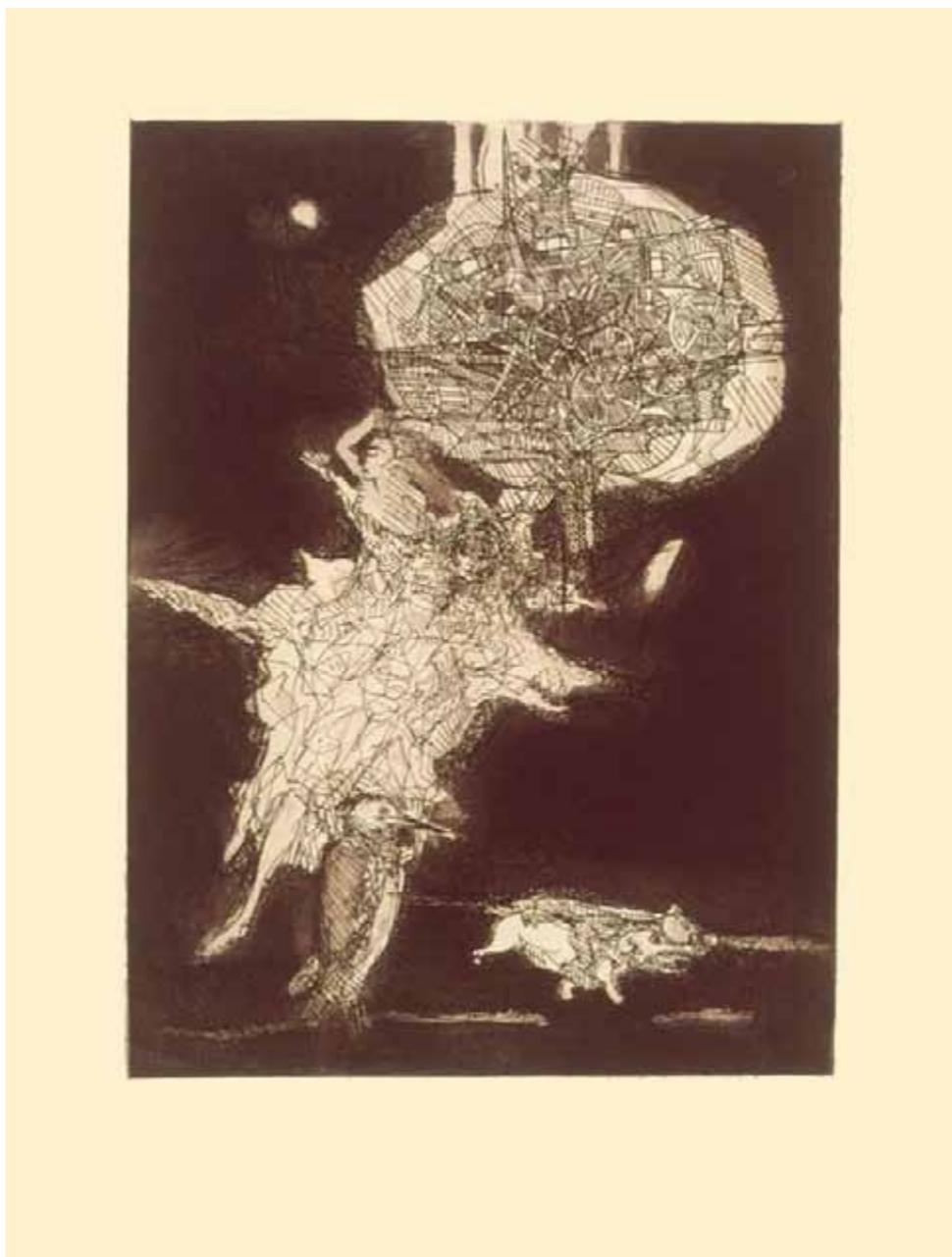
Darel Valença

Palmares, PE, 9-12-1924

Estuda na Escola de Belas-Artes do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco) em 1941 e 1942, e trabalha como desenhista e tipógrafo. Em 1945, muda-se para o Rio de Janeiro, e dois anos depois frequenta o ateliê de gravura em metal de Henrique Oswald, no Liceu de Artes e Ofícios. Até a década de 40, a litografia vinha sendo tratada como um mero processo de reprodução, acessório à imprensa escrita. Nos anos 50, Darel promove a litografia a uma forma de expressão, sendo um dos responsáveis pela recuperação da litografia artística no Brasil.

Em 1957, já como destacado gravador e desenhista, viaja à Itália e à Espanha com o prêmio recebido no Salão Nacional de Arte Moderna. Durante a estada europeia, começa a pintar e, gradativamente, esta se torna sua principal atividade.

Até 1957, está plenamente empenhado na representação da figura humana. A partir dessa data, surgem composições quase abstratas, cuja fonte de inspiração são cidades vistas a distância. Paralelamente, aborda outros assuntos como anjos, figuras femininas e duelos entre homens e máquinas. Em 1968 e 1969, executa painéis para o Palácio do Itamaraty em Brasília, e, em 1979, para a IBM do Brasil, no Rio de Janeiro.



Sem Título - ANO: 1967 - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte - DIMENSÕES: 0,49cm x 0,36cm



Décio Villares

Rio de Janeiro, RJ, 1851 – Rio de Janeiro, RJ, 1931

Pintor, escultor e caricaturista. Formado pela Academia Imperial de Belas-Artes – Aiba, no Rio de Janeiro, estuda na Europa, intercalando idas e vindas entre 1872 e 1881. Aluno de pintores consagrados como Vítor Meireles, Alexandre Cabanel e Pedro Américo, é classificado em primeiro lugar em concurso para professor da Académie des Beaux-Arts (Academia de Belas-Artes) de Paris, mas rejeita o cargo por não querer se naturalizar francês.

Retorna definitivamente ao Brasil em 1881 e se depara com o cenário que leva à Proclamação da República oito anos mais tarde. A abolição da escravatura, a formação de mercado interno urbano, a introdução do sindicalismo no país por trabalhadores imigrantes, todo esse panorama coincide com o interesse pelo progresso do pintor positivista. As obras do período retratam estadistas e figuras públicas como Benjamim Constant, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto, entre outros. É partilhando esse espírito de criação de uma identidade nacional republicana que participa da criação da nova Bandeira brasileira.

Parte de suas obras foi incendiada porque a esposa, num acesso de loucura logo após a morte de Villares, ateia fogo a seu ateliê.



TÍTULO: Retrato da República - ANO: 1919 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,55cm x 0,45cm



Denis Cavalcanti

Patos, PB, 27-6-1953

Foi em Campina Grande, PB, que iniciou sua atividade profissional como desenhista técnico de urbanismo, desenhista de arquitetura, desenhista de arte publicitária e técnico em serigrafia. Em 1976, foi para João Pessoa, onde teve as suas primeiras participações e prêmios em mostras coletivas de arte. Residiu em Lisboa, Portugal, onde desenvolveu atividades de serigrafia profissional e desenho publicitário. A partir de 2006, realizou mostras de pinturas, entre elas, Exposição Geométrica, em João Pessoa e São Paulo. Participou do 14º Salão de Artes Plásticas de Teresina, PI, e do I Salão Novos Talentos, em João Pessoa, promovido pela Gráfica Santa Marta e Galeria Solo, no qual ficou com o primeiro prêmio.

A obra pictórica de Denis compõe um universo sensível de volumetrias e composições abstratas, com bases geométricas, a partir de intensas pesquisas desenvolvidas pelo artista com a cor, a forma e a linha.

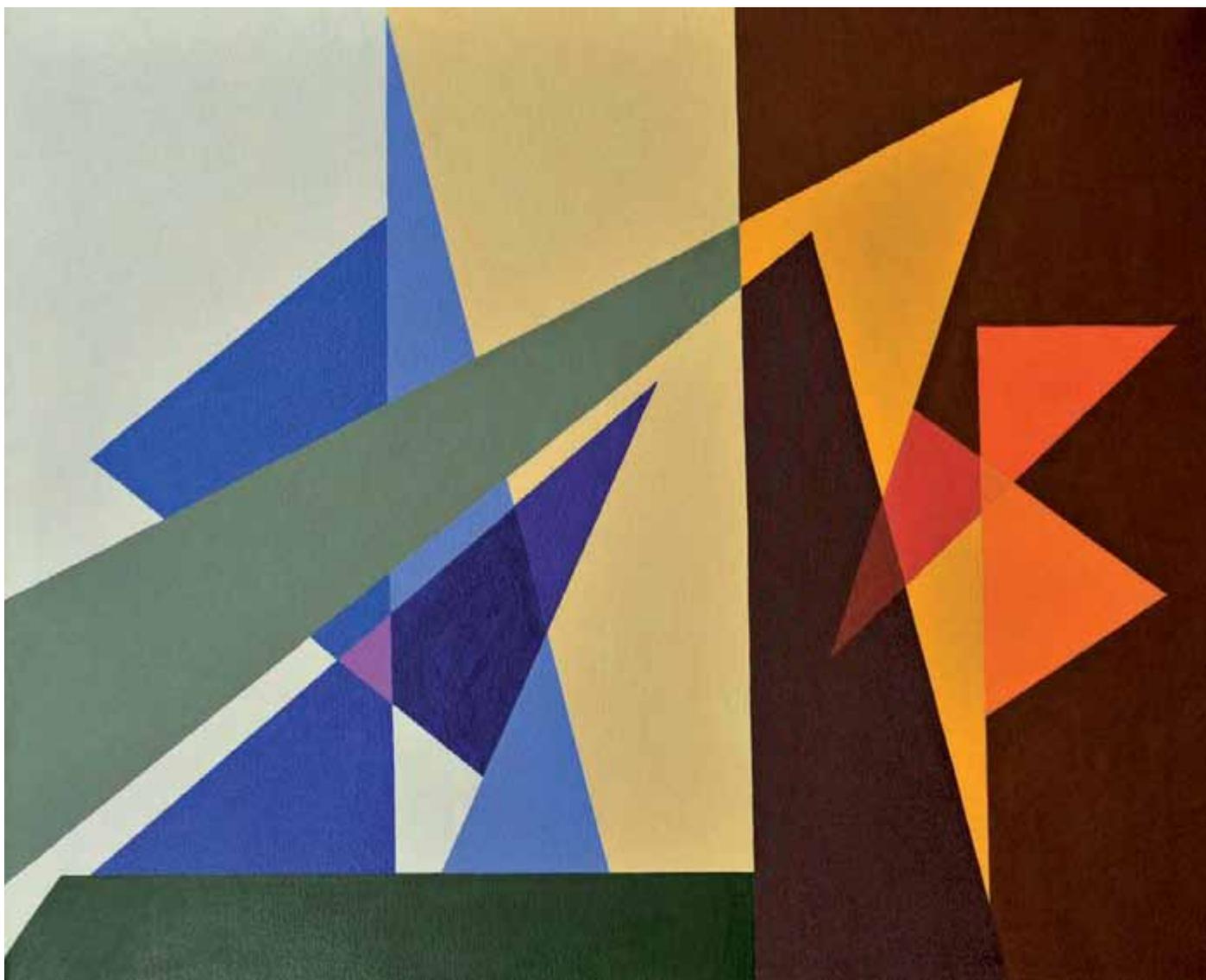


Foto: Cláudio Medeiros

TÍTULO: Progressão de Cores - ANO: 2008 - TÉCNICA: acrílica sobre tela - DIMENSÕES: 0,80cm x 1,00m



Di Cavalcanti

Rio de Janeiro, RJ, 1887 – 1976

Pintor, ilustrador, caricaturista, gravador, muralista, desenhista, jornalista, escritor e cenógrafo. A carreira de Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo tem início em 1916, quando passa a publicar charges políticas na revista *Fon-Fon*. No ano seguinte, sob influência do *art-nouveau*, começa a pintar. Ilustra *A Balada do Enforcado*, de Oscar Wilde, e publica o álbum *Fantoches da Meia-Noite*, no qual enfoca o universo boêmio e os tipos da noite: bêbados, vigias e prostitutas. Em 1921, transfere-se para São Paulo, onde frequenta o curso de Direito e convive com artistas e intelectuais paulistas como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, entre outros. Participa, como um de seus principais componentes, da Semana de Arte Moderna de 1922.

Viajando em 1923 para Paris, onde permanece por dois anos, é impactado pelo cubismo de Pablo Picasso e Georges Braque. Volta a São Paulo em 1926, trabalha como jornalista e ilustrador no jornal *Diário da Noite*. A estada em Paris marca um novo direcionamento em sua obra. Conciliando a influência das vanguardas europeias com a formulação de uma linguagem própria, adota uma temática nacionalista e preocupa-se com a questão social. No ano de 1928, filia-se ao Partido Comunista do Brasil – PCdoB. Nos anos seguintes, demonstra ser um artista inquieto com os problemas sociais. A vertente social e nacionalista, com temáticas ligadas a um certo cotidiano do povo - a favela, o malandro, o samba, os pescadores, os bares, as prostitutas e a boêmia, ambientadas no Rio de Janeiro – permanecerá constante em toda sua obra.



TÍTULO: Pescadores – ANO: 1973 – TÉCNICA: Óleo sobre tela – DIMENSÕES: 0,74cm x 1,00m



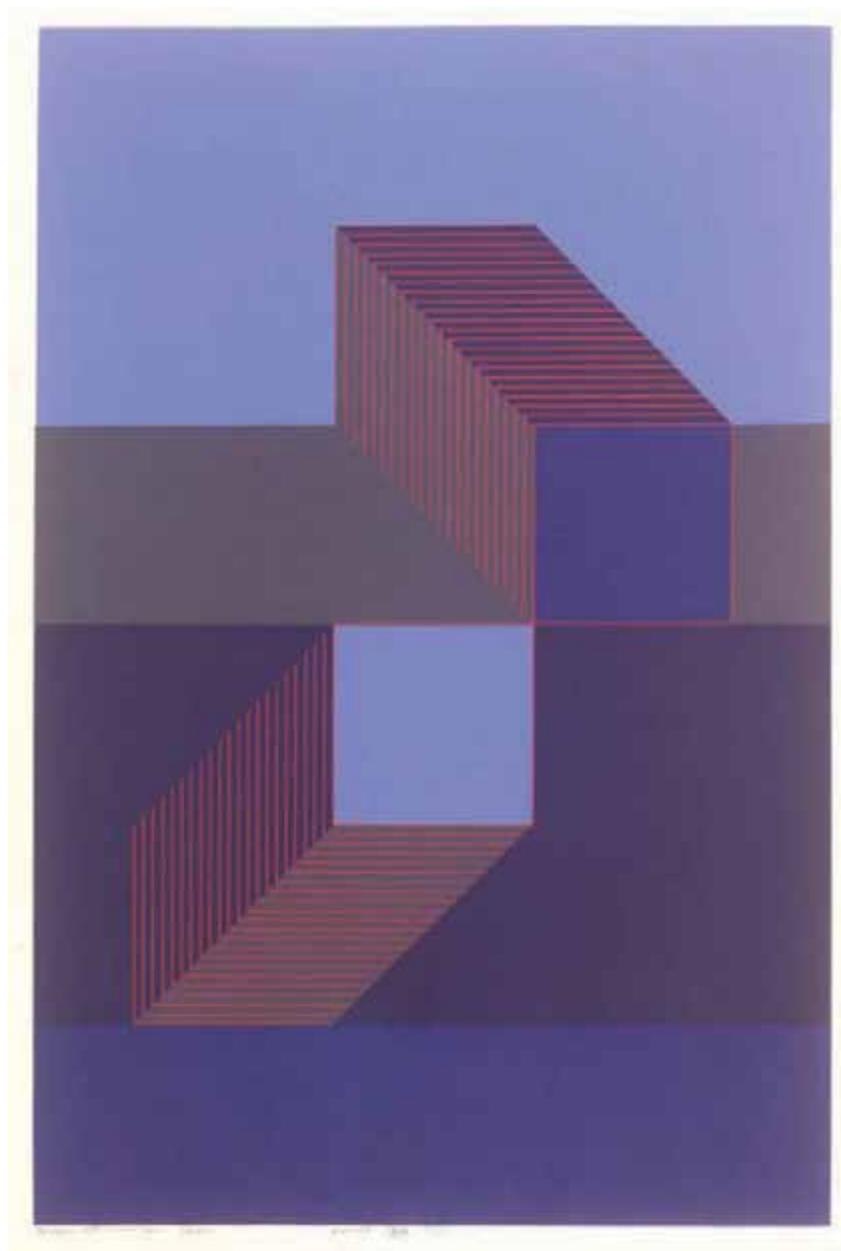
Dionísio del Santo

Colatina, ES, 1925 – Vitória, ES, 1999

Pintor, desenhista, gravador, serígrafo. Estuda no Seminário São Francisco de Assis, em Santa Teresa, ES, entre 1932 e 1939. No começo da década de 40, realiza seus primeiros desenhos. Transfere-se para o Rio de Janeiro em 1946, onde começa a pintar. Frequenta aulas de modelo-vivo e de teoria das cores na Associação Brasileira de Desenho - ABD. Atua em publicidade e artes gráficas. Em 1952, passa a trabalhar com xilogravura e serigrafia, e nesta técnica possui expressiva produção.

Do fim dos anos 50 até a metade da década seguinte, suas obras se aproximam dos princípios do movimento concreto. No entanto, mantém-se afastado do debate entre concretos e neoconcretos. Entre 1964 e 1966, produz trabalhos a guache, nos quais associa geometria e figura. Realiza sua primeira exposição individual, em 1965, na Galeria Relevo, no Rio de Janeiro. Na metade da década de 60, dedica-se à arte abstrata, realizando principalmente obras em serigrafia. Em 1967, recebe o prêmio Aquisição na 9ª Bienal Internacional de São Paulo.

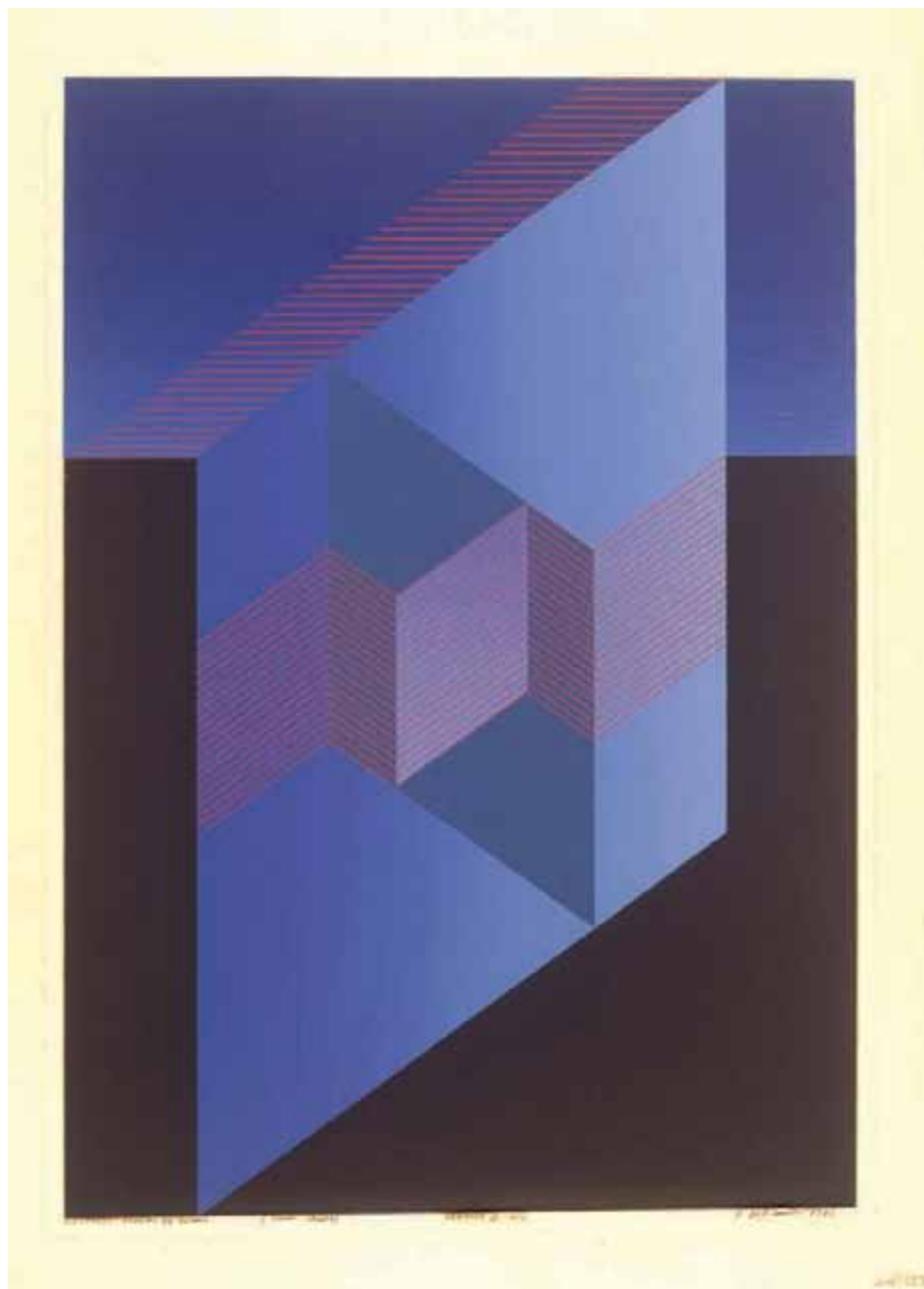
Na década de 70, destaca-se em sua produção pictórica a série *Cordéis*, na qual se nota a influência da arte cinética. Em 1975, recebe o Prêmio de Melhor Exposição de Gravura do Ano, da Associação Paulista dos Críticos de Arte - APCA. Realiza mostras retrospectivas no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, e no Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM/SP, em 1989 e 1990, e no Museu de Arte do Espírito Santo-Maes, em 1998. Mais de 70 obras do artista, entre serigrafias e xilogravuras, integram o acervo do Maes.



TÍTULO: Permuta XXVIII – ANO: 1972 – TÉCNICA: Serigrafia (72/100) – DIMENSÕES: 0,63cm x 0,42cm



TÍTULO: Permuta II - ANO: 1972 - TÉCNICA: Serigrafia (43/100) - DIMENSÕES: 0,45cm x 0,45cm



TÍTULO: Losangos - Ilusão de Espaço - ANO: 1972 - TÉCNICA: Serigrafia (50/100) - DIMENSÕES: 0,60cm x 0,42cm



Djanira

Avaré, SP, 1914 - Rio de Janeiro, RJ, 1979

Djanira da Motta e Silva. Pintora, desenhista, ilustradora, cartazista, cenógrafa e gravadora. No final da década de 1930, passa a morar no Rio de Janeiro, onde tem suas primeiras instruções de arte em curso noturno de desenho no Liceu de Artes e Ofícios e com o pintor Emeric Marcier (1916- 1990), hóspede da pensão que Djanira instala no bairro de Santa Teresa.

Os contatos com os artistas Carlos Scliar, Arpad Szenes, Vieira da Silva e Jean-Pierre Chabloz, frequentadores de sua pensão, proporcionam um ambiente estimulador que a leva a expor no 48º Salão Nacional de Belas-Artes, em 1942. No ano seguinte, realiza sua primeira mostra individual, na Associação Brasileira de Imprensa - ABI. Em 1945, viaja para Nova Iorque, onde conhece a obra de Pieter Bruegel e entra em contato com Fernand Léger, Joán Miró e Marc Chagall.

De volta ao Brasil, realiza o mural *Candomblé* para a residência do escritor Jorge Amado, em Salvador, e painel para o Liceu Municipal de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Entre 1953 e 1954, viaja a estudo para a União Soviética. De volta ao Rio de Janeiro, torna-se uma das líderes do movimento pelo Salão Preto e Branco, um protesto de artistas contra os altos preços do material para pintura. Realiza em 1963 o painel de azulejos *Santa Bárbara*, para a capela do túnel Santa Bárbara, Laranjeiras, Rio de Janeiro. No ano de 1966, a editora Cultrix publica um álbum com poemas e serigrafias de sua autoria. Em 1977, o Museu Nacional de Belas-Artes – MNBA, realiza uma grande retrospectiva de sua obra.



TÍTULO: Sertaneja do Maranhão - ANO: 1971 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,80cm x 0,64cm



E. Picault

França, 1833-1915

Emile-Louis Picault estudou escultura com o mestre holandês Louis Royer. Durante o período de 1863 a 1909, expôs o seu trabalho, em sua maioria medalhas e estatuetas, no Salon de Paris (onde as exposições de Belas-Artes aconteciam na capital francesa desde meados do século XVIII). Seu trabalho como escultor frequentemente retratava guerreiros, figuras exaltando patriotismo, heróis, músicos e personagens históricos e mitológicos. A nobreza associada à virilidade era um tema recorrente.

O hoje reconhecido mestre da escultura francesa teve uma longa e árdua carreira como artista. Foram mais de cinquenta anos marcados por decepções e conquistas. Picault trabalhou incansavelmente produzindo cerca de mil esculturas. Muitas de suas placas, brasões e medalhas sobreviveram ao tempo, mas hoje são raros os bustos por ele esculpidos.



TÍTULO: Clóvis, o Guerreiro - ANO: 1890 - CLASSIFICAÇÃO: escultura em Bronze - DIMENSÕES: 0,50cm x 0,41cm x 0,76cm



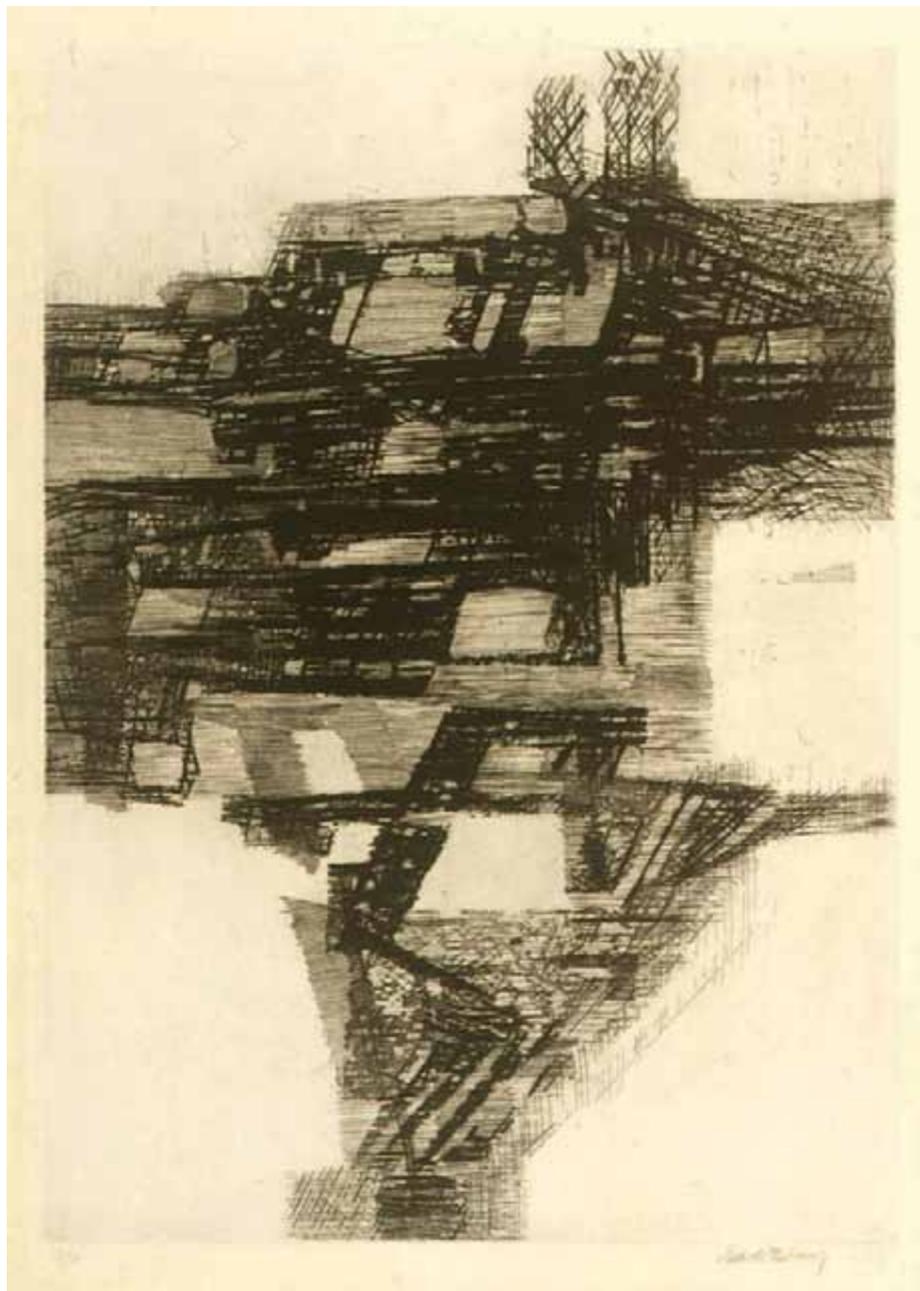
Edith Behring

Rio de Janeiro, RJ, 1916 - 1996

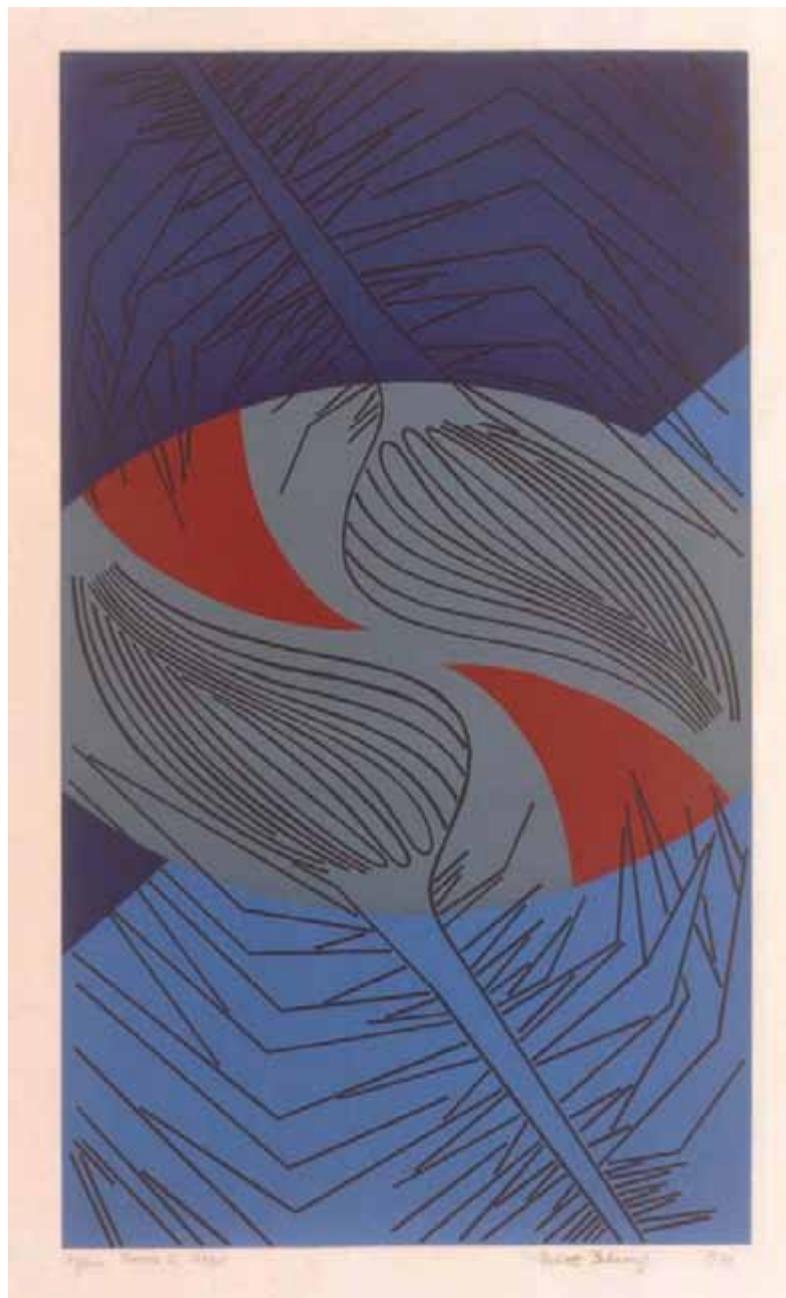
Gravadora, pintora, desenhista, professora. Inicia sua formação estudando desenho e pintura com Candido Portinari. Pela antiga Universidade do Distrito Federal, obtém licenciatura em educação artística. Entre os anos de 1944 e 1950, reside em Belo Horizonte, onde ensina desenho na Escola Guignard. De volta ao Rio de Janeiro, aprende xilogravura e desenho em guache com Axl Leskoschek e gravura em metal com Carlos Oswald, na Fundação Getúlio Vargas – FGV.

Em 1953, é contemplada com uma bolsa de estudo de pintura do governo francês. Ao voltar ao Brasil, em 1957, é convidada a lecionar no Instituto de Belas-Artes do Rio de Janeiro-IBA, atual Escola de Artes Visuais do Parque Lage – EAV/Parque Lage. Em 1959, organiza o Ateliê de Gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ, onde trabalha com Anna Letycia e Rossini Perez, permanecendo lá por dez anos.

Com o mesmo título de *Composição abstrata*, entre 1950 e 1990, a artista produz estampas principalmente em água-tinta e água-forte que, muitas vezes, são trabalhadas em duas impressões, produzindo acréscimos de linhas e de cores que dão movimento à imagem.



TÍTULO: Composição abstrata - ANO: 1959 - TÉCNICA: Calcografia, Água-tinta e Água-forte - DIMENSÕES: 0,51cm x 0,37cm



TÍTULO: Permuta III - ANO: 1971 - TÉCNICA: Linoleogravura - DIMENSÕES: 0,52cm x 0,30



TÍTULO: Flor Verde - ANO: 1968 - TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta - DIMENSÕES: 0,42cm x 0,60cm



Edith Jiménez

Assunção, Paraguai, 1918-2004

Em 1943, Edith Jiménez iniciou seus estudos com o professor Jaime Bestard, importante figura da pintura paraguaia, que lhe ensinou o uso da composição e das cores, aprendizado que seria predominante em seus trabalhos futuros.

Em 1952, fez sua primeira exposição individual na Galeria Agustín Barrios no Centro Cultural Paraguayo-Americano. Um ano depois, foi nomeada representante oficial em pintura na segunda Bienal de São Paulo e participou da mostra do grupo vanguardista de artes plásticas paraguaia Arte Nuevo, em Assunção.

Já no Brasil, em 1956, iniciou o estudo de gravura com o professor Lívio Abramo. Em 1958, recebeu uma bolsa do governo brasileiro para continuar seus estudos em gravura no Museu de Arte Moderna de São Paulo, ainda sob a tutoria de Lívio Abramo.

As exposições de Edith Jiménez a posicionam como uma das mais importantes artistas paraguaias do século XX. Seus trabalhos tiveram alto reconhecimento e são partes prestigiadas de coleções como a do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, Biblioteca Nacional de Paris, Smith College Museum e nos mais diversos e importantes museus no Paraguai.



TÍTULO: Folha - ANO: 1984 - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte e Água-tinta e relevo - DIMENSÕES: 0,55cm x 0,44cm



Eduardo Meira Lima

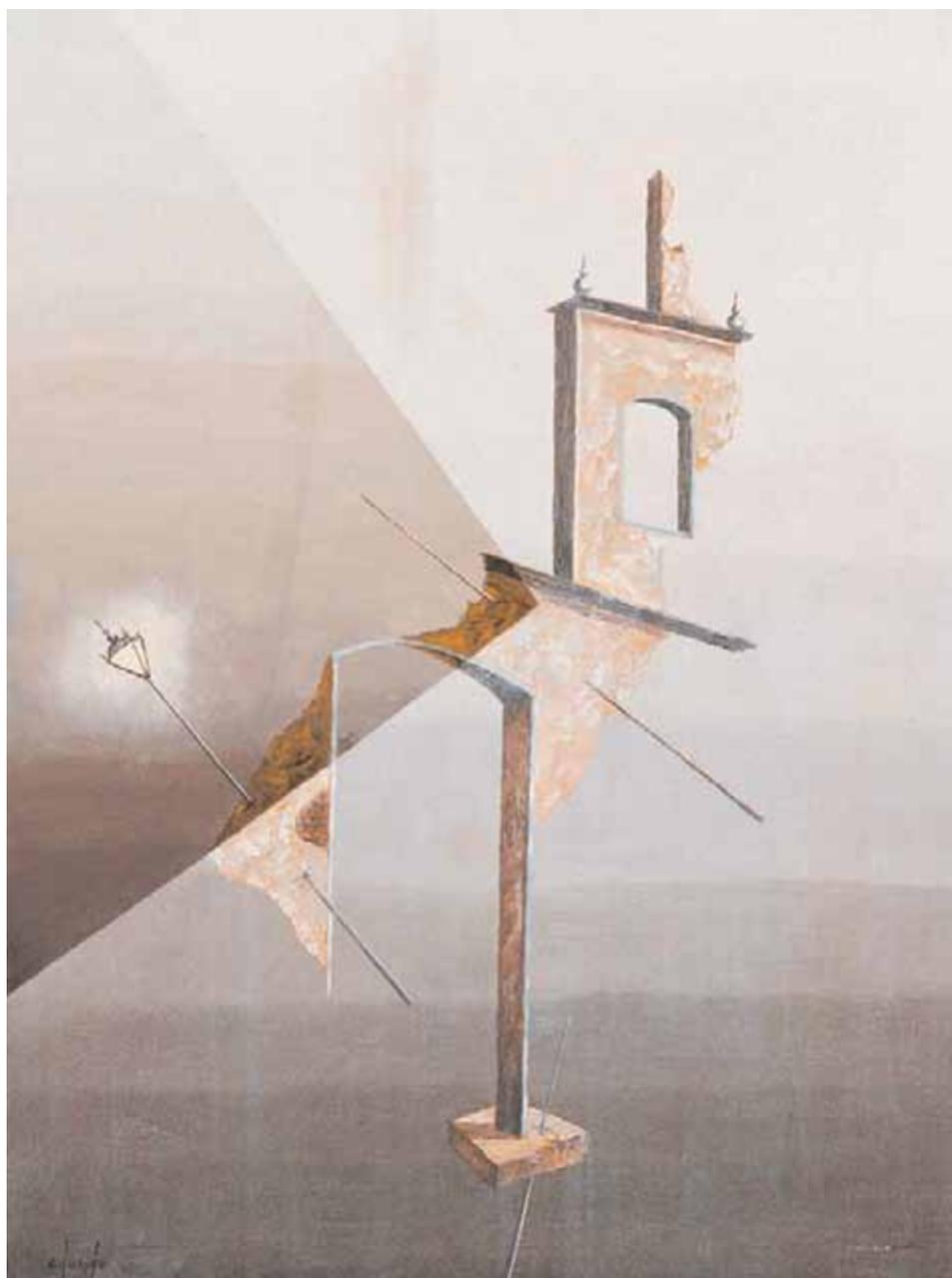
Jequié, BA, 20-8-1955

Pintor, desenhista e artesão. Autodidata, utilizava, no início, até mesmo carvão ou um pedaço de barro. Em 1971, muda-se com a família para Brasília. Influenciado pela cultura portuguesa e afrobrasileira, começa timidamente a expressar seus sentimentos em pequenas esculturas no mole barro baiano. Três anos depois, utilizando óleo sobre tela como técnica, faz sua primeira exposição no atual Museu das Gemas, localizado na Torre de TV de Brasília.

Em 1977, ainda sem se preocupar com escolas artísticas, define nos matizes velhos casarios, senhoras de engenho e a natureza que o impressiona. Expõe, então, no Iate Clube de Brasília, retratando a velha Ouro Preto e a cidade de Goiás pós-colonização.

Em 1981, começa a trabalhar com tinta-óleo e espátula. Inspirado pelo surrealismo, suas telas passam a exibir um efeito cromático, com fragmentos arquitetônicos soltos no espaço. Sempre foi responsável pela criação dos seus quadros em todas as etapas, desde a confecção da tela até a criação da moldura. Inclusive, desde 1984, a produção de molduras passou a ser também um de seus ofícios.

Dois anos depois, reúne algumas obras e expõe na galeria Homero Massena, em Vitória/ES. Em 1999, volta para Brasília e, em 2002, realiza uma exposição no Senado Federal. Deixa novamente Brasília e volta a morar no Espírito Santo, em 2005. Começa, então, a ornamentar superfícies planas de móveis e caixas, por meio da aplicação de diferentes tipos de madeira, dominando a técnica da marchetaria. Posteriormente, dedica-se à arte decorativa, criando quadros utilizando diversos materiais, tendo como principal a massa plástica, e fazendo uso de decoupage.



TÍTULO: Brilho da Noite - TÉCNICA: Óleo sobre Tela - DIMENSÕES: 0,79cm x 0,60cm



Emanuel Araújo

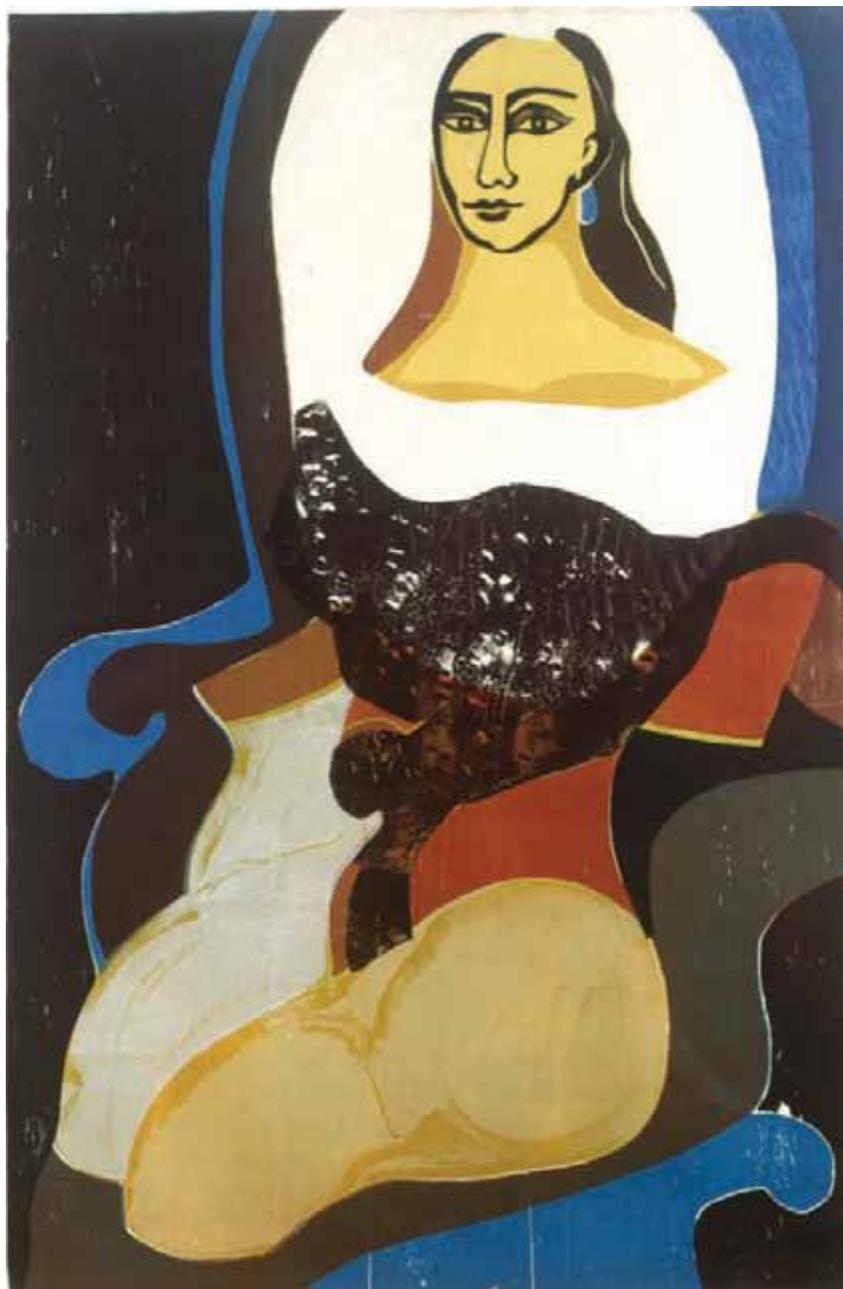
Santo Amaro da Purificação, BA, 15-II-1940

Escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravador, cenógrafo, pintor, curador e museólogo. Aprende marcenaria com o mestre Eufrásio Vargas e trabalha com linotipia e composição gráfica na Imprensa Oficial, em Santo Amaro da Purificação, BA.

Realiza sua primeira exposição individual em 1959. Na década de 60, muda-se para Salvador e ingressa na Escola de Belas-Artes da Universidade Federal da Bahia – UFBA, onde estuda gravura com Henrique Oswald. Em 1972, é premiado com medalha de ouro na 3ª Bienal Gráfica de Florença, Itália. Recebe, no ano seguinte, o prêmio de melhor gravador, e, em 1983, o de melhor escultor, da Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA.

Entre 1981 e 1983, instala e dirige o Museu de Arte da Bahia, em Salvador, e expõe individualmente no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP. Em 1988, é convidado a lecionar artes gráficas e escultura no Arts College, em The City University of New York.

De 1992 a 2002, exerce o cargo de diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, sendo responsável pela revitalização da instituição. É, em 1995 e 1996, membro convidado da Comissão dos Museus e do Conselho Federal de Política Cultural, instituídos pelo Ministério da Cultura. Em 2004, curador e diretor do Museu Afro-Brasil, aberto naquele ano, em São Paulo, com obras de sua coleção.



TÍTULO: Mulher Sentada - TÉCNICA: Calcografia, Água-forte e Água-tinta - DIMENSÕES: 1,08m x 0,71cm



by [illegible]



TÍTULO: Mulher – TÉCNICA: Calcografia. Água-forte e Água-tinta (3/8) – DIMENSÕES: 1,06m x 0,70cm



F. Rebolo

São Paulo, SP, 22-8-1902 – 10-7-1980

Filho de imigrantes espanhóis, Francisco Rebolo Gonzáles estuda na Escola Profissional Masculina do Brás. Desde cedo, ajuda no orçamento familiar, dividindo o seu tempo entre as atividades de decorador de paredes e o futebol, que chega a jogar profissionalmente (1917-1932).

Em meados da década de 1930, aluga um escritório no Palacete Santa Helena, localizado na Praça da Sé, juntando-se a ele Fulvio Pennacchi, Aldo Bonadei, Humberto Rosa, Manuel Martins, Clóvis Graciano, Mário Zanini, Alfredo Volpi e Alfredo Rizzotti, formando o que viria a ser conhecido como o Grupo Santa Helena. Rebolo, assim como seus colegas, não tem nenhuma intenção de criar um programa estético, mas se preocupa, sobretudo, com o aprimoramento contínuo da qualidade da pintura. Questões que envolvem matéria e tonalidade, desenho e composição, transparência e pincelada – enfim os elementos técnicos e formais da pintura – são centrais para o artista.

Rebolo é considerado um dos mais importantes paisagistas da pintura brasileira. Sua obra conta um total superior a 3.000 pinturas, centenas de desenhos e um conjunto de cinquenta diferentes gravuras, de variadas técnicas. Além das paisagens, também pintou outros assuntos, como naturezas-mortas, nus e retratos.



TÍTULO: Paisagem – TÉCNICA: óleo sobre tela– DIMENSÕES: 1,15m x 1,90m





TÍTULO: Floresta Amazônica - TÉCNICA: óleo sobre eucatex - DIMENSÕES: 0,85cm x 0,63cm



Fayga Ostrower

Lodz, Polônia, 1920 - Rio de Janeiro, RJ, 2001

Gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, ceramista, escritora, teórica da arte, professora. Vem para o Brasil em 1934. Cursa artes gráficas na Fundação Getúlio Vargas – FGV, em 1947, onde estuda xilogravura com Axl Leskoschek e gravura em metal com Carlos Oswald. Sua produção inicial em xilogravura apresenta temática predominantemente social.

No início dos anos 50, passa a produzir obras abstratas. O jogo harmônico de planos coloridos verticais e horizontais estabelece um contraponto aos efeitos cromáticos.

Entre 1954 e 1970, leciona no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ. Em 1955, viaja para Nova Iorque como bolsista da Fulbright Comission. Trabalha no Brooklyn Museum Art School e estuda gravura no Atelier 17, de Stanley William Hayter.

Em 1969, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro publica um álbum de suas gravuras realizadas entre 1954 e 1966. A partir da década de 1970, dedica-se também à aquarela. Publica vários livros sobre questões de arte e criação artística, entre eles *Criatividade e processos de criação* (1978), *Universos da arte* (1983), *Acasos e criação artística* (1990) e *A sensibilidade do intelecto* (1998).

Uma retrospectiva dos 40 anos de sua obra gráfica é realizada, em 1983, no Museu Nacional de Belas-Artes – MNBA e, em 1995, a exposição *Gravuras 1950-1995*, no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB, no Rio de Janeiro. Em 2001, é lançado pela GMT Editora o livro *Fayga Ostrower*, organizado por Carlos Martins.

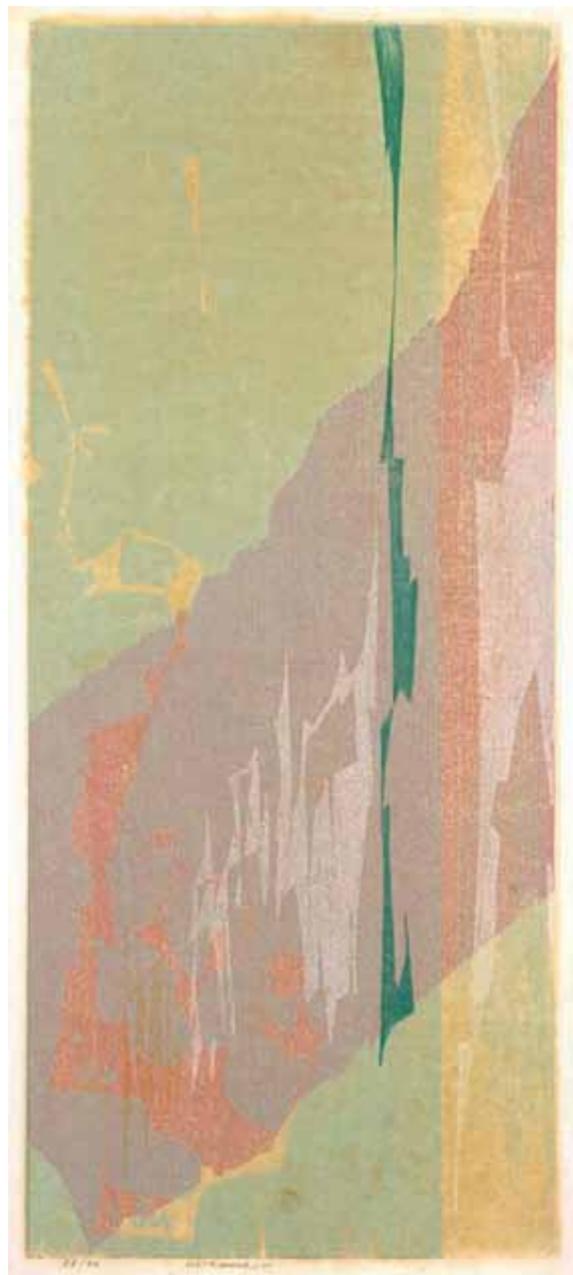
Em suas gravuras, Fayga Ostrower apresenta rigor expressivo e um uso muito impactante da cor, que cria espacialidades luminosas, além de uma técnica apurada e um questionamento incessante sobre a essência mesma da criação artística - tema abordado frequentemente em seus escritos. É precursora da abstração na técnica da gravura.



TÍTULO: Gravura 5523 - ANO: 1971 - TÉCNICA: Xilogravura (14/30) - DIMENSÕES: 0,30cm x 0,60cm



TÍTULO: Gravura 7103 – ANO: 1971 – TÉCNICA: Xilogravura (16/50) – DIMENSÕES: 0,30cm x 0,60cm



Sem título - ANO: 1970 - TÉCNICA: Xilogravura (28/40) - DIMENSÕES: 0,69cm x 0,30cm



Francisco Brennand

Recife, PE, 1927

Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand, ceramista, escultor, desenhista, pintor, tapeceiro, ilustrador, gravador, inicia sua formação em 1942, aprendendo a modelar com Abelardo da Hora. Posteriormente, recebe orientação em pintura de Álvaro Amorim e Murilo Lagreca. No fim dos anos 40, pinta principalmente naturezas-mortas, realizadas com grande simplificação formal. Em 1949, viaja para a França, incentivado por Cícero Dias. Frequenta cursos com André Lhote e Fernand Léger em Paris, em 1951. Conhece obras de Pablo Picasso e Joán Miró e descobre na cerâmica seu principal meio de expressão. Entre 1958 a 1999, realiza diversos painéis e murais cerâmicos em várias cidades do Brasil e dos Estados Unidos. Em 1971, inicia a restauração de uma velha olaria de propriedade paterna, próxima a Recife, transformando-a em ateliê, onde expõe permanentemente objetos cerâmicos, painéis e esculturas.



Sem título - ANO 1983 - (detalhe) TÉCNICA: Cerâmica - DIMENSÕES: 3,00m x 5,60m



Frans Krajcberg

Kozienice, Polônia, 1921

Escultor, pintor, gravador, fotógrafo, estuda engenharia e artes na Universidade de Leningrado. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), perde toda a família em um campo de concentração. Muda-se para a Alemanha, ingressando na Academia de Belas-Artes de Stuttgart, onde é aluno de Willy Baumeister. Chega ao Brasil em 1948. Em 1951, participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo com duas pinturas. Reside por um breve período no Paraná, isolando-se na floresta para pintar. Em 1956, muda-se para o Rio de Janeiro, onde divide o ateliê com o escultor Franz Weissmann (1911-2005). Naturaliza-se brasileiro no ano seguinte.

A partir de 1958, alterna residência entre o Rio de Janeiro, Paris e Ibiza. Desde 1972, reside em Nova Viçosa, no litoral sul da Bahia. Amplia o trabalho com escultura, iniciado em Minas Gerais, utilizando troncos e raízes, sobre os quais realiza intervenções. Viaja constantemente para a Amazônia e Mato Grosso e fotografa os desmatamentos e queimadas, revelando imagens dramáticas. Dessas viagens, retorna com raízes e troncos calcinados, que utiliza em suas esculturas.

Na década de 1980, inicia a série *Africana*, utilizando raízes, cipós e caules de palmeiras associados a pigmentos minerais. A pesquisa e utilização de elementos da natureza, em especial da floresta amazônica, e a defesa do meio ambiente, marcam toda sua obra. O Instituto Frans Krajcberg, em Curitiba, é inaugurado em 2003, recebendo a doação de mais de uma centena de obras do artista.

O artista, ao longo de sua carreira, mantém-se fiel a uma concepção de arte relacionada diretamente à pesquisa e utilização de elementos da natureza. A paisagem brasileira, em especial a floresta amazônica, e a defesa do meio ambiente marcam toda a sua obra.



Foto: Cleber Medeiros

Sem título – ANO:1972 - TÉCNICA: Modelagem de gesso impresso em papel japonês – DIMENSÕES: 0,75cm x 0,55cm



Foto: Cleber Medeiros

Sem título - ANO:1972 - TÉCNICA: Modelagem de gesso impresso em papel japonês - DIMENSÕES: 0,75cm x 0,55cm



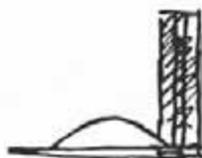
Foto: Cleber Medeiros

Sem título – ANO: 1972 – TÉCNICA: Modelagem de gesso impresso em papel japonês – DIMENSÕES: 0,75cm x 0,55cm





TÍTULO: Natureza - ANO: 1972 - TÉCNICA: Modelagem de gesso impresso em papel japonês - DIMENSÕES: 0,75cm x 0,57cm



Frei Confaloni

Viterbo, Itália, 1917 – Goiânia, GO, 1977

Pintor, muralista, desenhista e professor, Giuseppe Confaloni estuda com Felice Carena Baccio, Maria Bacci e Primo Conti, quando entra para o apostolado, ordenando-se frei dominicano em Florença, Itália.

Em 1950, a convite do bispo Cândido Penzo, vai à cidade de Vila Boa (atual Goiás) para pintar 15 afrescos na igreja do Rosário, denominados *Mistérios de Rosário*. Permanece na cidade como pároco e introduz a técnica do afresco. Muda-se para Goiânia em 1952, onde, paralelamente à atividade religiosa, dedica-se à pintura de temática religiosa utilizando-se da figura humana.

Nomeado primeiro vigário da paróquia de São Judas Tadeu, na Vila Coimbra, em Goiânia, projeta e trabalha na construção da igreja São Judas Tadeu, que dirige de 1959 a 1965. Para cada fiel que contribui com donativos, doa um de seus quadros. É o idealizador, juntamente com Luiz Curado, da Escola Goiana de Belas-Artes – EGBA, em Goiânia, onde leciona pintura e desenho.

Professor fundador da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás – UCG leciona desenho e plástica. Ajuda a construir o convento e o santuário de São Judas Tadeu. Conhece Siron Franco, e passa a emprestar-lhe um estúdio para pintar, além de todo o material necessário. Pinta madonas, com o artista, no ateliê do convento São Judas de Goiânia, em 1977, ano em que falece inesperadamente de enfisema pulmonar.



TÍTULO: Madona e o Menino Jesus - ANO: 1971 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 1,05m x 0,84cm



Glauco Rodrigues

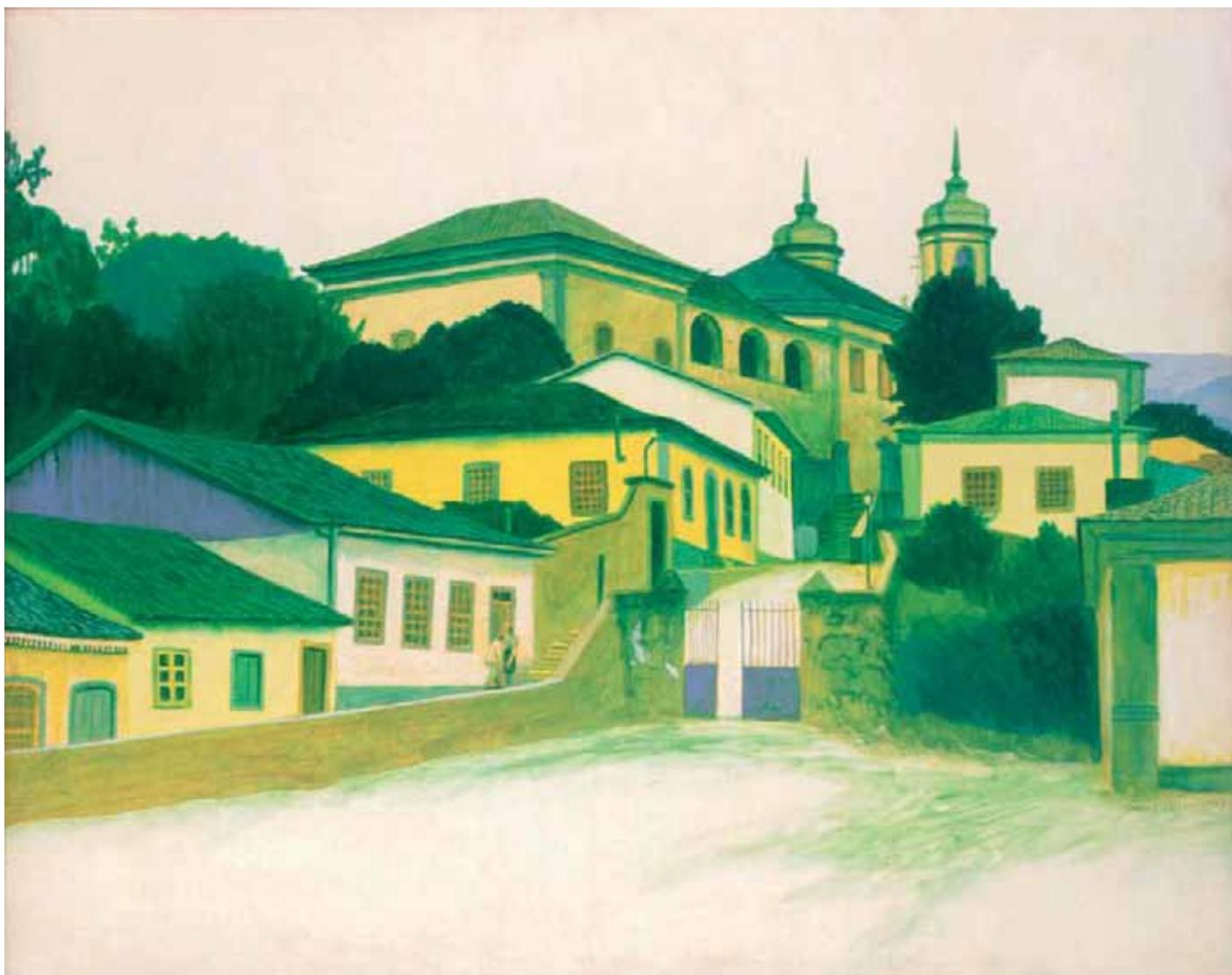
Bagé, RS, 1929 - Rio de Janeiro, RJ, 2004

Pintor, desenhista, gravador, ilustrador, cenógrafo, Glauco Otávio Castilhos Rodrigues começa a pintar em 1945, como autodidata. Em 1949, recebe bolsa de estudos da Prefeitura de Bagé e frequenta, por três meses, a Escola Nacional de Belas-Artes – ENBA, no Rio de Janeiro.

Em 1951, funda o Clube de Gravura de Bagé, com Glênio Bianchetti e Danúbio Gonçalves. Fixa-se em Porto Alegre e participa do Clube de Gravura de Porto Alegre, fundado por Carlos Scliar e Vasco Prado. Em 1958, muda-se para o Rio de Janeiro e integra a primeira equipe da revista *Senhor*.

Reside em Roma entre 1962 e 1965. Ao retornar ao Brasil, participa de importantes exposições, como Opinião 66, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ. No fim da década de 50, sua produção se aproxima da abstração. Volta à figuração no início dos anos 1960, e produz obras sob o impacto da arte pop, tratando, com humor, de temas nacionais como a imagem do índio, o carnaval, o futebol, a natureza tropical e a história do Brasil, que inspiram séries como *Terra Brasilis* (1970), *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1971), *No país do carnaval* (1982) ou *Sete Vícios capitais* (1985). Na década de 1980, recebe o Prêmio Golfinho de Ouro Artes Plásticas do Governo do Estado do Rio de Janeiro e publica o livro *Glauco Rodrigues*, que reúne toda sua obra. Em 1999, recebe o Prêmio Ministério da Cultura Candido Portinari - Artes Plásticas.

Segundo o crítico Roberto Pontual, a obra de Glauco Rodrigues mostra um caráter de tropicalismo crítico, questionando o contexto social e político brasileiro por meio de personagens identificáveis do passado histórico e empregando uma leve ironia. Em suas telas, utiliza constantemente o verde e o amarelo e a própria bandeira do Brasil. Na opinião de Pontual, o humor e a festa são táticas pelas quais o artista questiona uma série de clichês associados à imagem do país.



TÍTULO: Ouro Preto - ANO: 1977 - TÉCNICA: óleo sobre eucatex - DIMENSÕES: 0,78cm x 0,96cm



Guido Mondin

Porto Alegre, RS, 6-5-1912 - Brasília, DF, 20-5-2000

Economista, industrial, comerciante, professor, político e artista plástico, Guido Fernando Mondin cursou o Instituto de Belas-Artes, formou-se bacharel em Ciências Políticas e Econômicas na Pontifícia Universidade Católica – PUC. Auditor, professor de contabilidade geral, foi também líder sindical e presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas.

As obras do artista são feitas em óleo sobre tela e retratam cenas do cotidiano de brasileiros, do povo gaúcho, das batalhas travadas e de seus heróis durante a Revolução Farroupilha. Em suas obras, explora também paisagens e marinhas, ilustrando a beleza natural brasileira. O artista ocupa a cadeira número quatro da Academia de Artes, a número vinte da Academia Brasileira de Belas-Artes e a cadeira trinta e três da Academia de Letras de Brasília.

Em sua vida de homem público, ocupou os cargos de prefeito, deputado estadual (1948-1955), deputado federal (1956-1958), senador (1959-1975) e ministro do Tribunal de Contas da União.

Aos quase 85 anos, sofreu um derrame que paralisou seu lado direito, passando a pintar com a mão esquerda, fato este com o qual ele mesmo ironizava, dizendo que após uma vida inteira sendo político de direita, agora se tornara um homem de esquerda. Sua produção artística foi intensa, deixando mais de 4.200 telas espalhadas pelo mundo.



TÍTULO: Retirantes – ANO: 1969 – TÉCNICA: óleo sobre tela – DIMENSÕES: 1,72m x 1,33m



TÍTULO: Velha Roma – TÉCNICA: óleo sobre tela – DIMENSÕES: 0,60cm x 0,50cm



TÍTULO: Franciscano - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,55cm x 0,46cm



TÍTULO: Os Arcos - Rio de Janeiro - ANO: 1959 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,80cm x 1,00



TÍTULO: Panorama Mineiro - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,70cm x 0,90cm



Gustavo Hastoy

Desenhista, caricaturista, pintor e gravador, Gustavo Hastoy fixou-se no Brasil na segunda metade do século XIX, especificamente no Rio de Janeiro, onde colaborou como caricaturista nos jornais *Vida Fluminense* e *Gazeta de Notícias* até 1895. Realizou, também, cartazes publicitários em Viscaya, Espanha.

Seus dados biográficos são incertos. Sua nacionalidade, inclusive, é ora dita como espanhola, ora como búlgara.

O quadro, atribuído a Gustavo Hastoy, ilustra a Assinatura do Projeto da Constituição de 1891, no Palácio do Itamarati, Rio de Janeiro. Na presença de seu Ministério e auxiliares mais próximos, o Marechal Deodoro da Fonseca recebe das mãos do menino Mário Hermes da Fonseca, seu sobrinho-neto, a pena de ouro oferecida pelos ministros para o ato da assinatura. Quadro com moldura a ouro, tendo as inscrições: “22-jun-1890, decreto 510, emblema da República; respeitosa homenagem de portugueses ao governo provisório. Primeiro Congresso-República dos Estados Unidos do Brasil; comemoração ato solene da assinatura da constituição em XXII-VI-MDCCCXC; diretoria da Sociedade Portuguesa de Beneficência”.



TÍTULO: Ato de assinatura do Projeto da 1ª Constituição - ANO: 1891 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 2,90m x 4,41m



Hans Grudzinski

Novi Vrbas, Sérvia, 1921 – Mauá, SP, 1986

Gravador, desenhista, pintor e arquiteto, estudou arquitetura na atual Sérvia. Em 1947, transfere-se para o Brasil, fixando-se em Mauá, São Paulo, onde trabalha em uma fábrica de porcelanas até 1967.

Entre 1954 e 1956, estuda pintura na Associação Paulista de Belas-Artes, e, em 1959, cursa artes gráficas na Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, em São Paulo. No mesmo ano, é orientado pelo gravador Lívio Abramo no Estúdio Gravura, em São Paulo, onde participa de uma coletiva em 1961.

Expõe na 1ª Bienal Americana de Gravura, em Santiago, Chile. Em 1966, é agraciado com medalha de ouro no 2º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, no Museu de Arte Contemporânea – MAC/Campinas. Ganha prêmio no Salão Paulista de Arte Moderna e participa da IX Bienal de São Paulo, em 1967. No ano seguinte, conquista medalha de prata em artes gráficas, no Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, São Paulo. Ganha prêmio Conselho Estadual de Cultura do I Salão Paulista de Arte Contemporânea, em 1969.

Pelo conjunto de sua obra é premiado, em 1970, no Salão de Arte Brasileira Religiosa de Londrina, Paraná. Em São Paulo, expõe em individuais nas galerias São Luís, em 1963 e 1965, e Documenta, em 1970, 1980 e 1983. Apresenta ainda trabalhos no Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, em várias ocasiões, entre 1969 e 1980, quando é premiado na 4ª Mostra Anual de Gravura, no Museu da Gravura, Curitiba, PR.



TÍTULO: Sertão Dourado – ANO: 1971 – TÉCNICA: Calcografia, Água-tinta e Água-Forte – DIMENSÕES: 0,50cm x 0,41cm



TÍTULO: Primavera 70 - ANO: 1970 - TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e Água-forte - DIMENSÕES: 0,39 cm x 0,33cm



TÍTULO: Sertão Bruto – ANO: 1970 – TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e Água-forte – DIMENSÕES: 0,49cm x 0,43cm

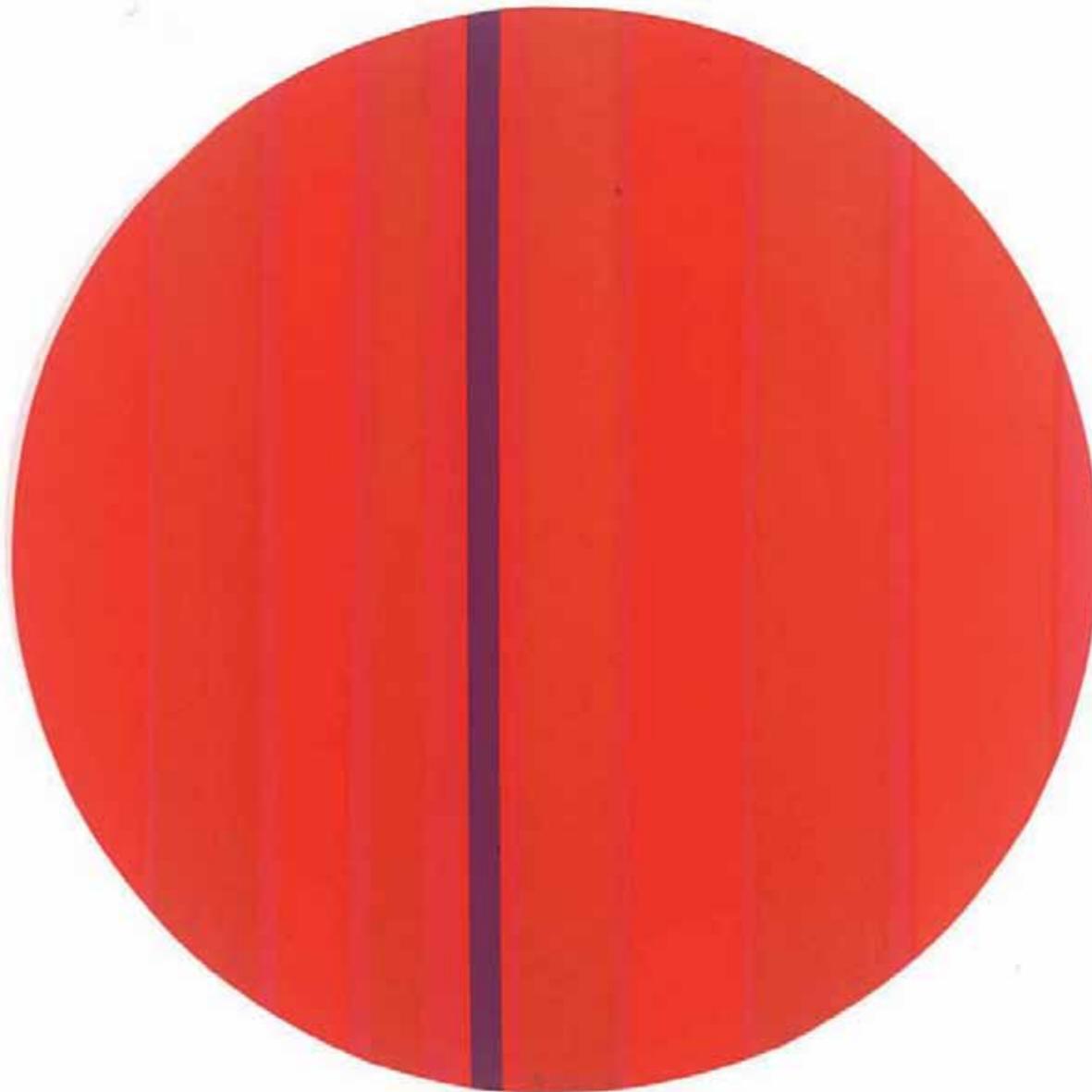


Irene Buarque

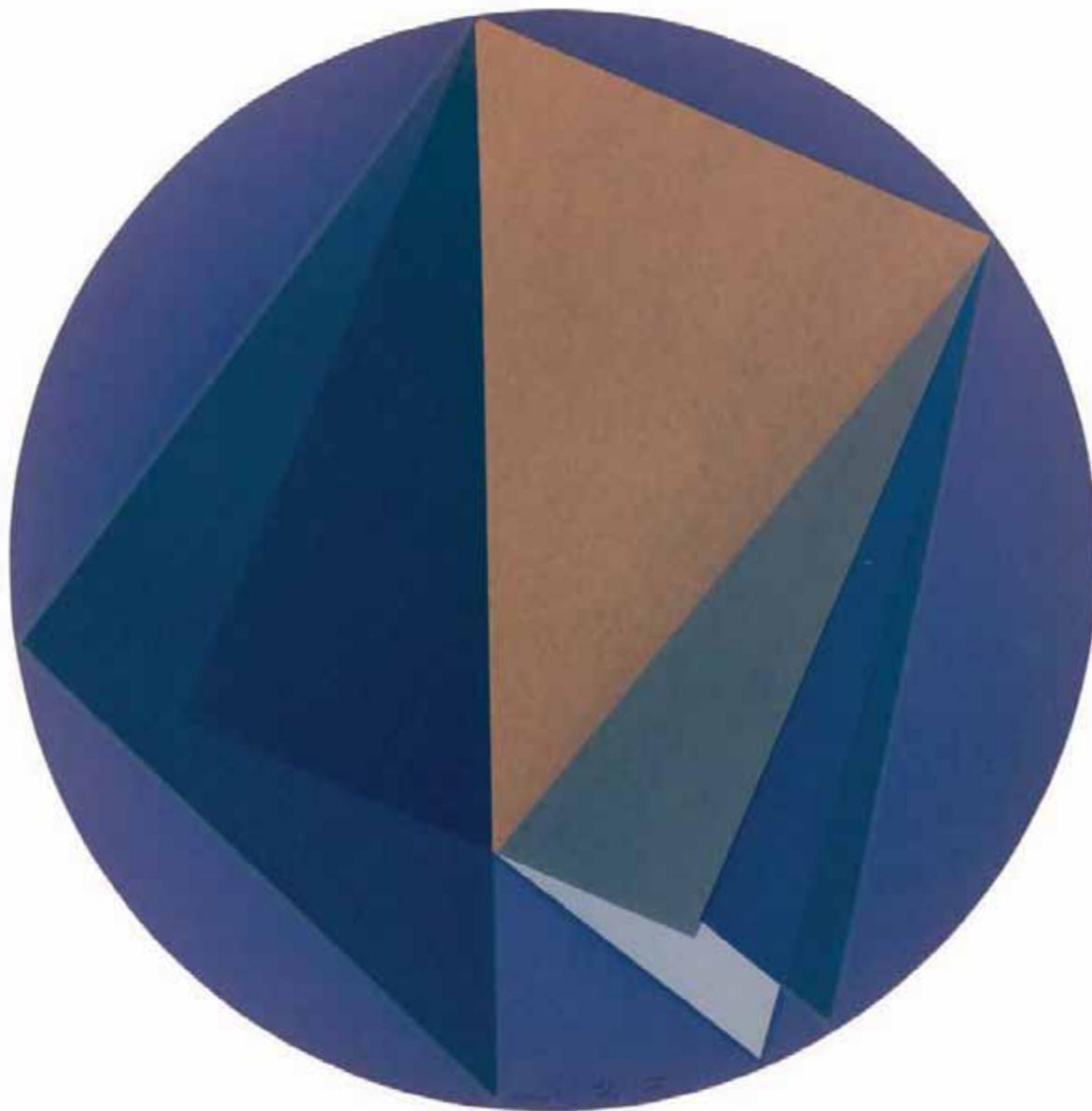
São Paulo, SP, 1943

Pintora, gravadora e escultora, Irene Buarque inicia seus estudos na Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Álvares Penteado – FAAP, em São Paulo. Em 1971, é premiada pelo Museu de Arte Contemporânea de São Paulo na 8ª Jovem Arte Contemporânea. Muda-se para Lisboa, Portugal, no ano de 1975, ao receber uma bolsa de estudos na Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1994, passa a fazer parte do Centro Internacional de Escultura Pero Pinheiro.

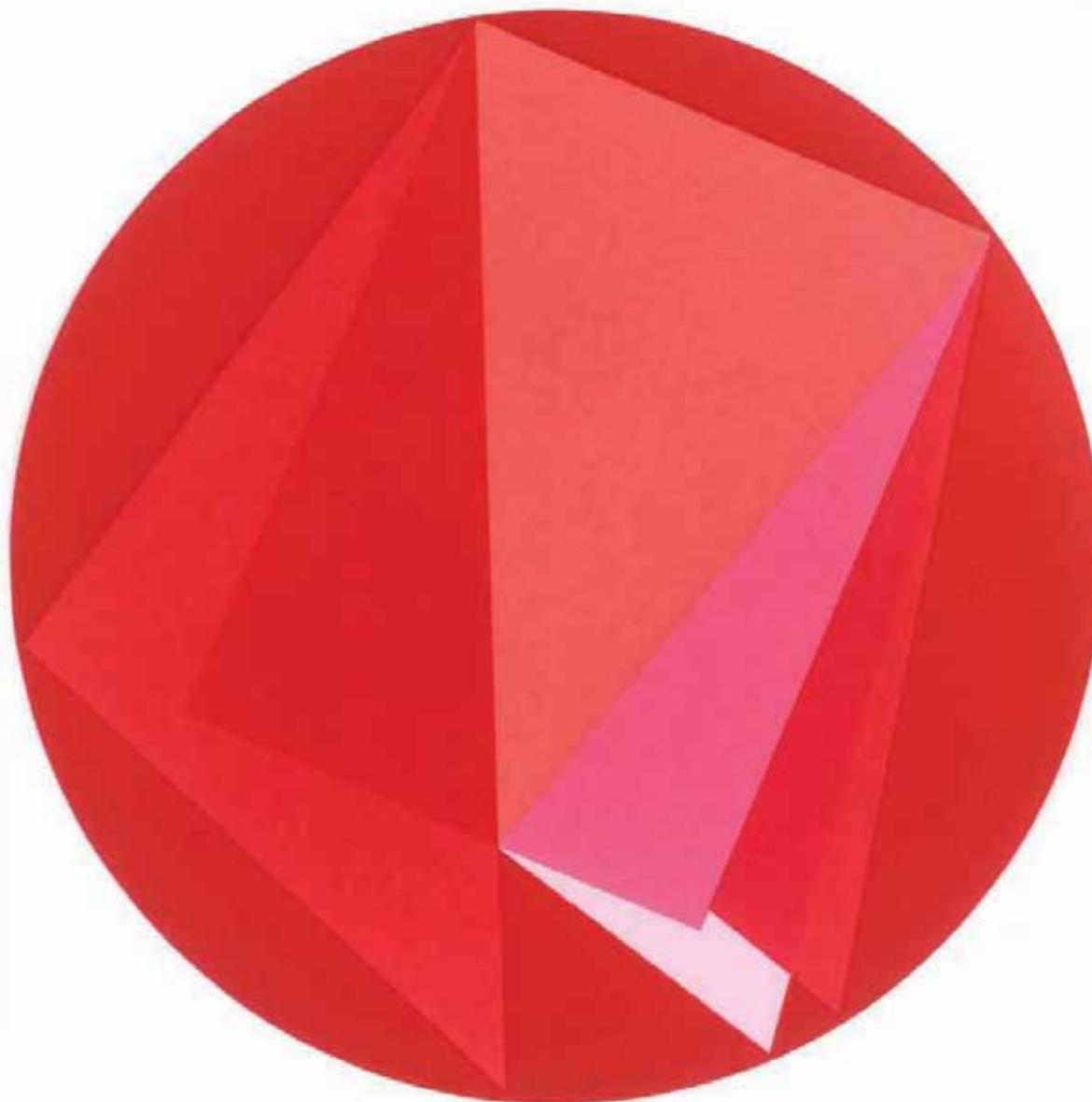
Em Portugal, desenvolve diversas obras públicas e recebe o Prêmio Repsol de Arte Pública – conjunto escultórico na autoestrada A6, Vendas Novas. Explora diversas linguagens artísticas como a pintura, a gravura, a escultura e a instalação.



TÍTULO: Geométrico Circular - ANO: 1972 - TÉCNICA: Serigrafia (P.A.) - DIMENSÕES: 0,63cm x 0,63cm



TÍTULO: Geométrico Circular – ANO: 1971 – TÉCNICA: Serigrafia – DIMENSÕES: 0,65cm x 0,65cm



TÍTULO: Geométrico Circular II – ANO: 1971 – TÉCNICA: Serigrafia (22/30) – DIMENSÕES: 0,65cm x 0,65cm



Isabel Pons

Barcelona, Espanha, 1912 - Rio de Janeiro, RJ, 2002

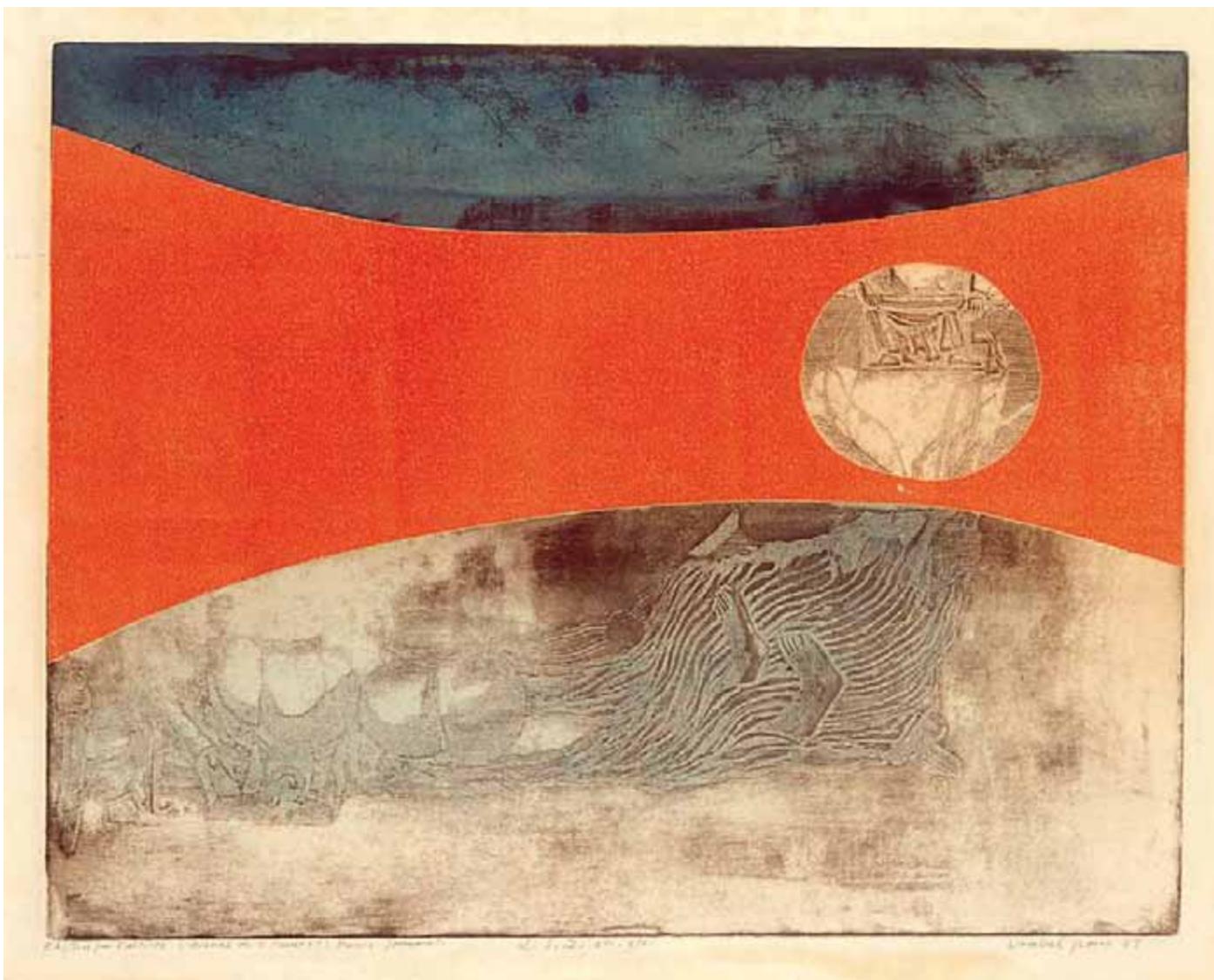
Gravadora, desenhista, ilustradora, pintora, professora e figurinista, faz cursos de pintura e desenho na Escola Nacional de Belas-Artes, em Barcelona, entre 1925 e 1930. No mesmo período, estuda na Escola Industrial de Sabadell, com Juan Vila-Cinca e A. Vila Arrufat.

Entre os anos 1930 e 1940, frequenta o ateliê do pintor Carlos Vazquez e o Real Círculo Artístico de Barcelona. Por volta de 1935, faz ilustrações para livros do poeta espanhol García Lorca. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1945. Em 1957, leciona gravura na Escola de Artes Visuais – EAV Parque Lage. Naturaliza-se brasileira em 1958. Estuda com Rossini Perez e Johnny Friedlaender no Ateliê de Gravura do MAM/RJ, em 1959.

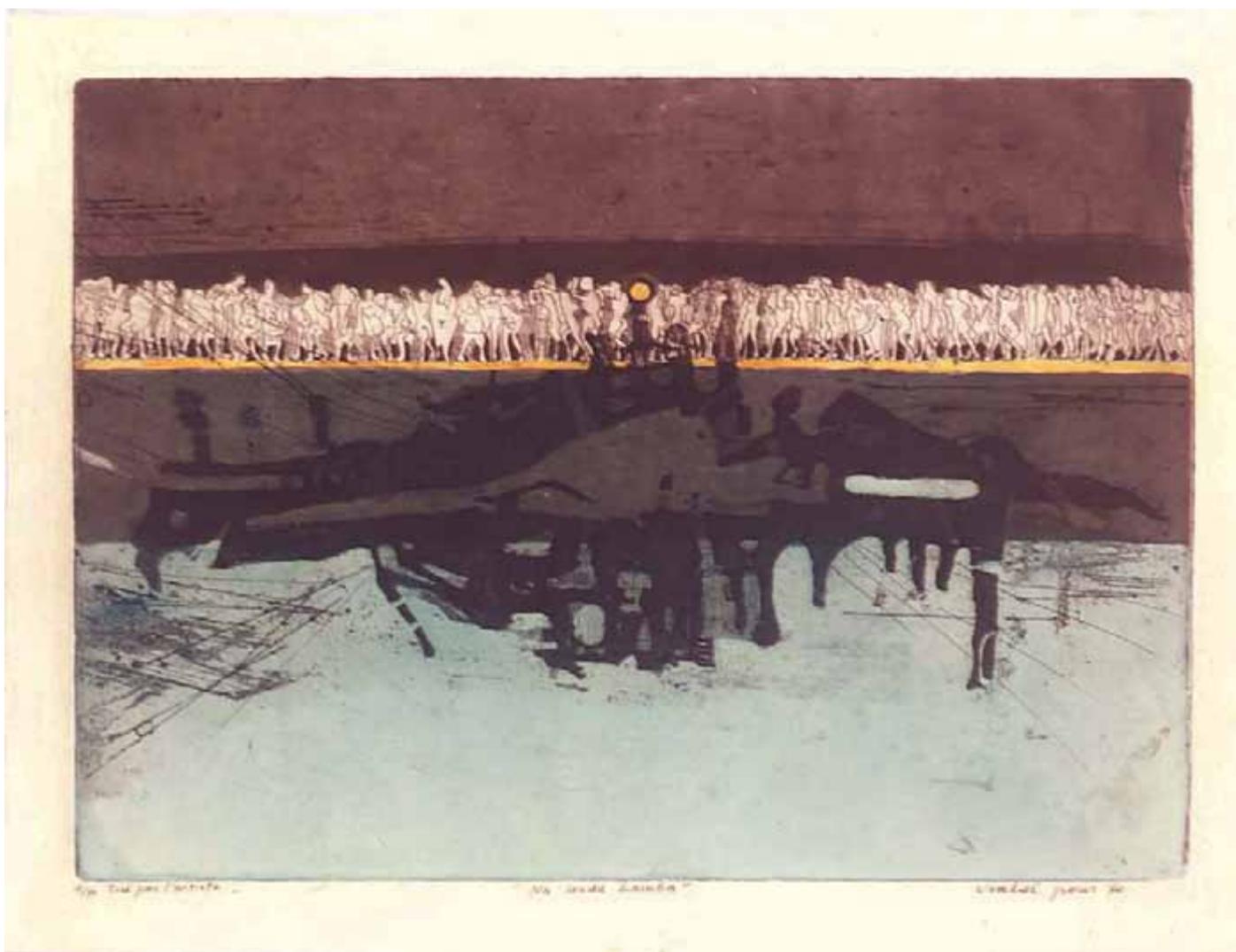
“A abstração de Isabel Pons também joga com títulos; suas pesquisas ampliam o campo das técnicas da gravação. Tendo frequentado o curso de Friedlaender de 1959 no Rio, Isabel Pons passa, hábil, da figuração à abstração, integrando, em algumas obras, os dois domínios. Em suas pesquisas, incorpora às técnicas já dominadas outras, que surgem com o andamento do processo investigativo: acrescentam-se ao seu repertório de técnicas os acidentes do ácido e os relevos produzidos por recortes.”
(KOSSOVITCH; LAUDANNA, 2000)



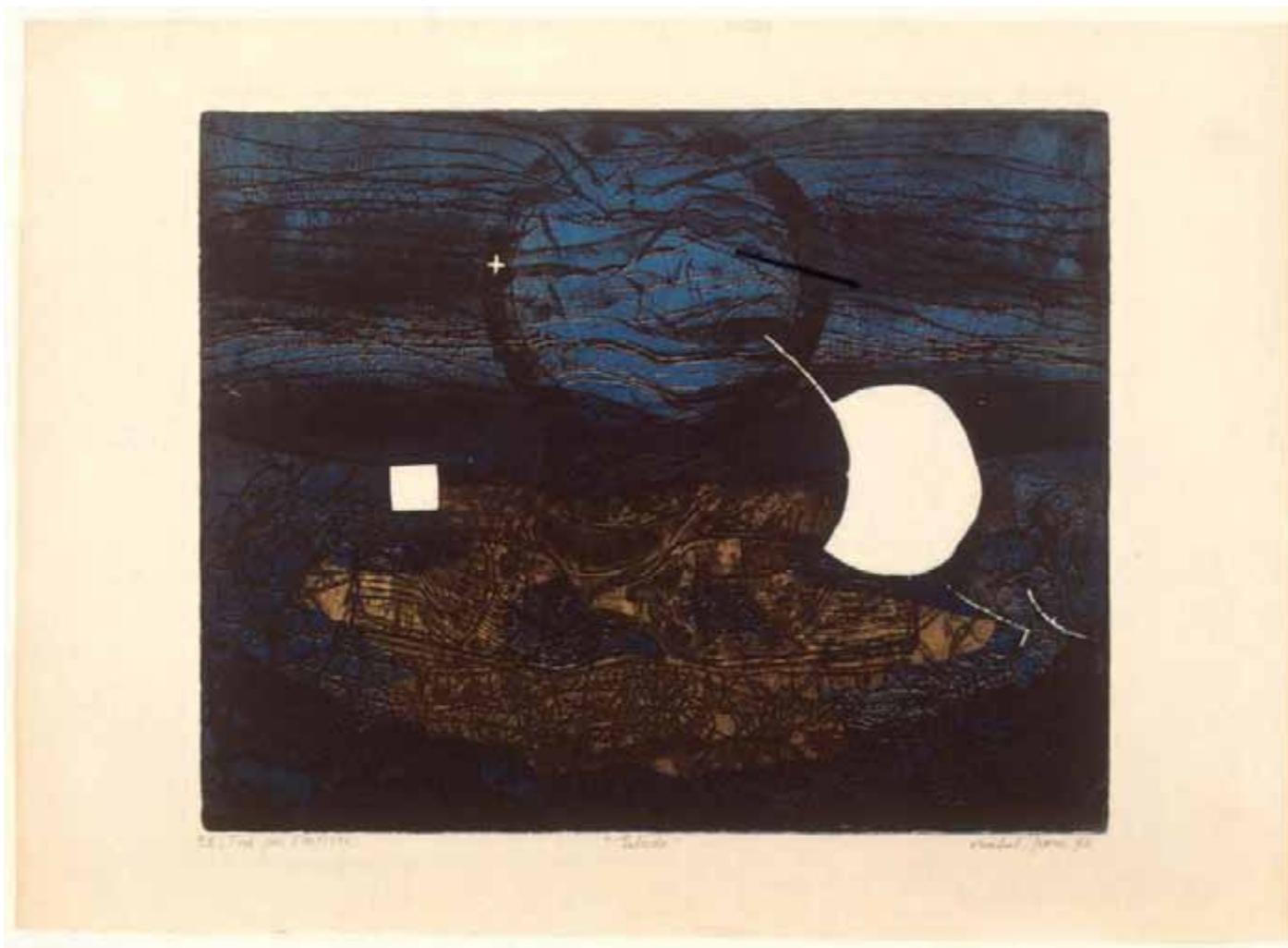
TÍTULO: Sky-Trap – ANO: 1969 – TÉCNICA: Calcografia. Água-forte e Água-tinta (P.A.) – DIMENSÕES: 0,56cm x 0,35cm



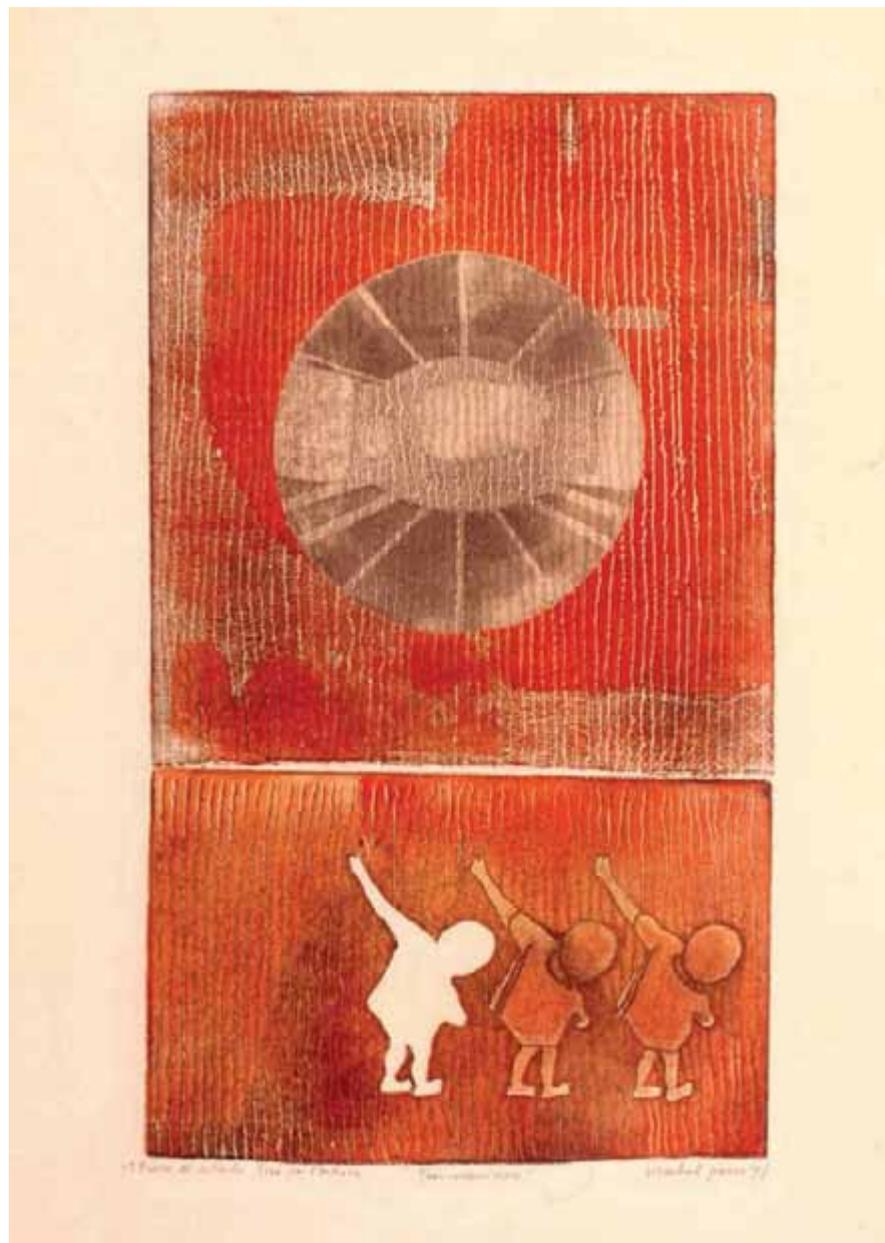
TÍTULO: L.S.D. etc, etc. - ANO: 1969 - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte e Água-tinta (P.A.) - DIMENSÕES: 0,39cm x 0,49cm



TÍTULO: Na Corda Bamba – ANO: 1970 – TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e Água-forte (1/30) – DIMENSÕES: 0,34cm x 0,45cm



TÍTULO: Estudo - ANO: 1972 - TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e Água-forte (P.A.) - DIMENSÕES: 0,39cm x 0,49cm



TÍTULO: Três Meninos - ANO: 1971 - TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e Água-forte - DIMENSÕES: 0,50cm x 0,29cm



Jacques Madyol

Bruxelas, Bélgica, 1871-1950

Pintor da Escola Belga e filho do conceituado pintor Adrien Jean Madyol (Madiol), estudou arte na Fine Art Academy (Academia de Belas-Artes) de Bruxelas.

As pinturas de Madyol eram geralmente figurativas, retratos ou paisagens. Pintor precoce, Madyol pintou a paisagem dos campos ao redor de Bruxelas. Algumas de suas paisagens foram pintadas à luz brilhante do sol do meio-dia no sul da França. Em 1921, foi exibido em Paris o retrato do Dr. Jules Bordet, ganhador do prêmio Nobel.

São também de sua autoria os retratos do rei Alberto I (doado ao Senado Federal do Brasil), da rainha Elizabeth e de vários generais belgas da Primeira Guerra Mundial, que estão expostos no Museu do Exército em Bruxelas. Durante a maior parte da sua vida Jacques trabalhou no sul da França, especialmente em Nice. Juntamente com J. Stobbaerts, foi um dos fundadores do círculo Le Labeur.



TÍTULO: Retrato do rei Alberto da Bélgica - ANO: 1920 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 2,53m x 2,00m



Jonas Lemes

Cambuquira, MG, 8-9-1964

Joaquim Jonas Mendes Lemes é artista plástico autodidata. Iniciou suas atividades artísticas em 1990. Recebeu mais de vinte premiações em salões de arte pelo país.

Iniciou seus estudos pelo aprendizado de técnicas da pintura acadêmica. Depois de conquistar várias premiações nesta modalidade, começou a definir um estilo distinto. A originalidade e domínio técnico alcançados nesta nova fase são as marcas deste artista que sempre investe em diferentes materiais e estilos artísticos.

Sua técnica geralmente consiste em uma mistura de óleo, desenho, aguada e colagem sobre encerado usado (lona de caminhão). A singularidade de sua obra vem se destacando no meio artístico.



Foto: Cleber Medeiros

TÍTULO: Ouro Preto – TÉCNICA: óleo sobre tela e colagem – DIMENSÕES: 0,47cm x 0,37cm





Foto: Cleber Medeiros

TÍTULO: Ipês - n 179 - ANO: 2006 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,50cm x 0,75cm



José Ferreira

Santos, SP, 22-6-1913

Pintor, desenhista e professor, estuda desenho técnico no Instituto D. Escolástica Rosa, sob a orientação do professor João Guido Negrelli, em Santos. Cursa desenho artístico no Colégio São Bento, em São Paulo, com Joel Minervino Linch, e pintura com Gentil Garcez. Pinta os painéis de propaganda da Cia. Antártica Paulista.

Entre 1941 e 1969, trabalha como desenhista da Companhia das Docas de Santos. Atua como membro de júri do Salão Paulista de Belas- Artes (1979), e do Salão da Associação dos Artistas Plásticos do Litoral Paulista (1984). Seu talento lhe rendeu prêmios mundo afora. Suas obras viajaram a Europa, América, todo o Brasil. A tela *Palácio Monroe* foi adquirida pelo Senado Federal em 1977.

“É notória a predileção do autor pelos edifícios antigos e pelas igrejas barrocas, num registro efetivo e num respeitoso culto à arquitetura do nosso passado. Aliás, as igrejas barrocas, mesmo pintadas com todos os seus pormenores, são leves e harmoniosas porque o artista, ao invés de querer se realizar na reprodução dos detalhes, realiza-se ainda mais na beleza do conjunto.” (FERREIRA, 1986)



TÍTULO: Palácio Monroe – uma tradição que se foi – ANO: 1974 – TÉCNICA: óleo sobre tela – DIMENSÕES: 0,56cm x 0,76cm



José Guerra

Madri, Espanha, 1941

José Ignacio Espinós Guerra, escultor, pesquisador e biotecnólogo, cedo se inicia nas Artes Plásticas e recebe como menção o Primeiro Prêmio em Escultura da Escuela de Artes de Calle de La Palma; continua seus estudos e trabalha com grandes mestres espanhóis. De 1952 a 1958, estuda escultura na Escuela de Artes y Oficios e, em 1956, na Real Academia de San Fernando, frequentando ainda cursos de cerâmica e de história da arte.

Em 1958, adota o Brasil como sua pátria. Tem obras em vários locais públicos, destacando-se entre elas o painel *O Trabalho* em alto relevo. Participou do panorama da escultura brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo e criou esta escultura (doada ao Senado Federal) do Prêmio UNICEF instituído pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância para homenagear personalidades e instituições que têm dedicado no mundo tempo e talento à causa da infância.



TÍTULO: Criança e Paz - ANO: 1989 - CLASSIFICAÇÃO: escultura em bronze - DIMENSÕES: 0,40cm x 0,25cm x 0,80cm



José Sarney

Pinheiro, MA, 24-4-1930

O parlamentar brasileiro que por mais tempo teve continuamente mandatos eletivos – estreou no Congresso Nacional em 1955 – José Sarney foi deputado federal, governador do Maranhão, senador pelo Maranhão, Presidente da República e por três vezes senador pelo Amapá. Ocupa a Presidência do Senado Federal pela terceira vez. Poeta e romancista, decano da Academia Brasileira de Letras, José Sarney durante muitos anos dividiu suas horas de lazer entre a literatura e a pintura. Seu acervo está quase todo espalhado em casa de amigos e admiradores no Brasil e no exterior.



TÍTULO: Casas do Maranhão - ANO: 1997 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,39cm x 0,60cm



Luiz Costa

Serra dos Aimorés, MG, 1955

Pintor e muralista, natural de Minas Gerais, mudou-se para Brasília em 1969. Iniciou seu envolvimento com a arte trabalhando como assistente na Galeria Oscar Seraphico, nos anos 70. No começo, suas atividades eram limpar o chão e espanar poeira de quadros; posteriormente - com o apoio de Oscar Seraphico - começou a produzir suas primeiras obras. Durante este período, teve contato com grandes nomes da arte brasileira como Volpi, Di Cavalcanti, Rebolo, Mário Gruber e Carlos Scliar.

Ainda na década de 70, foi sócio de dois escritórios de arte: Parnaso e Murale. Consagrou-se como o pintor dos candangos, figura-símbolo e síntese da Capital Federal. Em 2001, recebeu o Prêmio Pintor Revelação Nacional do Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo e Fundação Carlos Gomes e, em 2003, o Prêmio Ordem do Mérito Cultural do Distrito Federal.

“Luiz Costa concentra suas forças nos flashes do cotidiano, extraindo deles trabalho de valor social e político: garimpo, currais, vendedor de bilhetes, feirantes, boiada, parque, cabeças de porcos, velório, conversa entre senhoras, cena de cabaré, tendo como característica principal, além dos temas colhidos da simplicidade e tradição de nossa gente, um dinamismo impetuoso na cor e no traço. Se suas primeiras obras mostraram a paisagem, fundo de quintais, roupas no varal, quase sempre na horizontalidade das terras e dos espaços do Planalto Central, esta segunda fase valoriza o elemento humano, isolado ou em agrupamento, como ponto central dessa mesma paisagem.”
(COSTA, 1984)



TÍTULO: Candangos - ANO: 2004 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,60cm x 0,70cm



M. Fernandes

Adamantina, SP, 29-1-1960

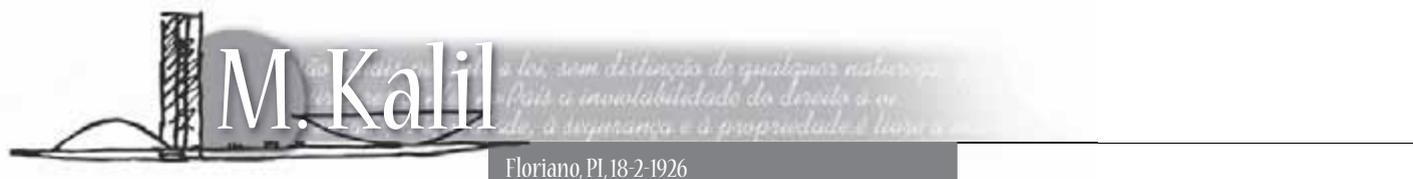
Luiz Marcos Fernandes, pintor, assina como M. Fernandes. Coursou a Escola Panamericana de Arte em 1980. Depois de ganhar menção honrosa ao estudar desenho artístico na Escola Pan Americana – EPA, frequentou por muito tempo o ateliê do artista plástico Martins de Porangaba, também em São Paulo.

Suas obras caracterizam-se pela forte influência estética dos pintores modernistas do século XX e também grande influência de Porangaba nas técnicas e domínio das cores. Explora, em muitas ocasiões, o uso de diferentes tipos de materiais e sobreposições, resultando em uma peculiar técnica mista.

Recebe menções honrosas da Associação Paulista de Belas-Artes – APBA/SP no XIV Salão da Primavera da e no XLI Salão Livre, no ano de 1983, e no V Salão da Natureza-Morta, em 1997..



TÍTULO: Mulher de cabelo azul - ANO: 2002 - TÉCNICA: Mista de massa e tinta acrílica e colagem - DIMENSÕES: 0,80cm x 0,80cm



M. Kalil

Floriano, PI, 18-2-1926

Pintora, desenhista, Raimunda Gomes Kalil fixou residência em Brasília em 1960 e foi uma das fundadoras da Associação dos Artistas Plásticos do Distrito Federal. Frequentou por três anos o ateliê de Felix Alejandro Barrenechea Avilez e estudou gravura em metal, xilogravura e desenho no Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília – UnB, em 1964 e 1965. Posteriormente, cursou Desenho no Colégio do Setor Leste/DF, Decoração em Painéis de Cerâmica no Centro de Ensino Tecnológico de Brasília – Ceteb/DF e Artes Plásticas no Festival de Ouro Preto e na Faculdade de Belas-Artes da Universidade Federal de Goiás.

“Toda a história cultural da cidade de Sobradinho/DF encontra-se registrada em pequenos e poéticos desenhos de sua autoria. Sua série de pinturas *Kyborgs*, da década de 1970, deixou um forte legado de afirmação artística estética para a autora. Neste período, a estrutura e o construtivismo serviam-lhe como alicerce, valendo assim lembrar Cézanne como um referencial de aproximação com a artista, pela semelhança de tratamento do espaço pictórico. A abstração foi a grande consequência de suas composições vibrantes, através dos pássaros, favelas e figuras decompostas. E nesta transição, o cubismo se manifestava como prenúncio de seu novo investimento: o abstracionismo.” (LOUZADA; LOUZADA, 1994)



TÍTULO: Kyborgs V - ANO: 1972 - TÉCNICA: óleo sobre tela - DIMENSÕES: 1,80m x 1,10m



Marcelo Grassman

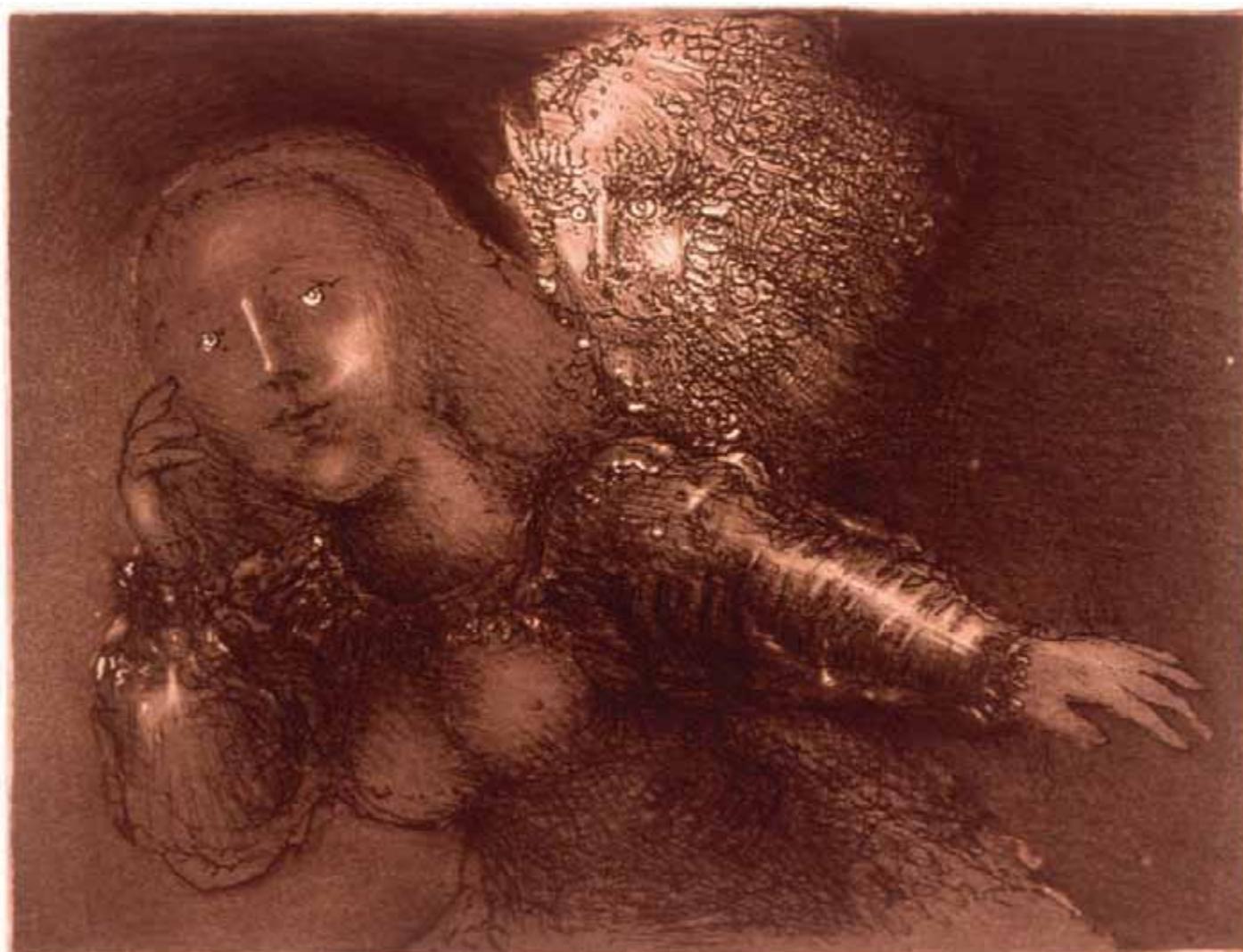
São Simão, SP, 23-4-1925

Gravador, desenhista, ilustrador, professor, estuda fundição, mecânica e entalhe em madeira na Escola Profissional Masculina do Brás, em São Paulo, em 1939 e 1942. Passa a realizar xilogravuras a partir de 1943. Atua como ilustrador do Suplemento Literário do *Diário de São Paulo*, em 1947 e 1948, e do jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1948.

Reside no Rio de Janeiro a partir de 1949, atuando como ilustrador do *Jornal do Estado da Guanabara*. Frequenta, no Liceu de Artes e Ofícios, os cursos de gravura em metal com Henrique Oswald, e de litografia, com Poty Lazarotto.

Em 1952, reside em Salvador, onde trabalha com Mario Cravo Júnior. Recebe, em 1953, o prêmio de Viagem ao Exterior do Salão Nacional de Arte Moderna – SNAM, e viaja para Viena, onde estuda na Academia de Artes Aplicadas. Passa a dedicar-se principalmente ao desenho, à litografia e à gravura em metal.

Em 1969, sua obra completa é adquirida pelo Governo do Estado de São Paulo, passando a integrar o seu acervo. Em 1978, a casa em que nasceu, em São Simão, é transformada em museu, por iniciativa da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, e tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo – Condephaat no mesmo ano. Entre 1991 e 1992, Grassman é bolsista da Fundação Vitae, em São Paulo.



TÍTULO: Figuras- TÉCNICA: Calcografia.Água-forte - DIMENSÕES: 0,39cm x 0,41cm



TÍTULO: Abstrato - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte - DIMENSÕES: 0,38cm x 0,29cm



TÍTULO: Figuras – TÉCNICA: Calcografia. Água-forte – DIMENSÕES: 0,31cm x 0,36cm



Márcio Schiaz

São Paulo, SP, 10-5-1965

Gravador e pintor, Márcio Bueno de Sousa pinta desde criança, tanto que seus trabalhos escolares sempre terminavam com um desenho.

Iniciou seus estudos de pintura na Associação Paulista de Belas-Artes/APBA na classe do professor Loris Foggiatto. Desenvolveu seus conhecimentos nas artes plásticas frequentando o Ateliê Enio Cintra, onde estudou a técnica da linoleogravura e da xilogravura. Na Editora Graffito aprendeu litografia e no Museu Lasar Segall foi-lhe ensinado a gravar em metal. Constam do seu currículo mais de 55 exposições coletivas e 20 individuais; 50 participações em salões oficiais de arte, com 25 premiações e oito participações coletivas internacionais. Participou da 8ª Bienal de Malta, com menção honrosa.

A paisagem é o tema que mais o atrai. Viaja constantemente para as cidades históricas de Minas Gerais a fim de pintar suas velhas ruas e famosas igrejas.



Foto: Cláudio Medeiros

TÍTULO: Série Quadrado da Urca – ANO: 2009 – TÉCNICA: óleo sobre tela – DIMENSÕES: 0,30cm x 0,40cm



Maria Bonomi

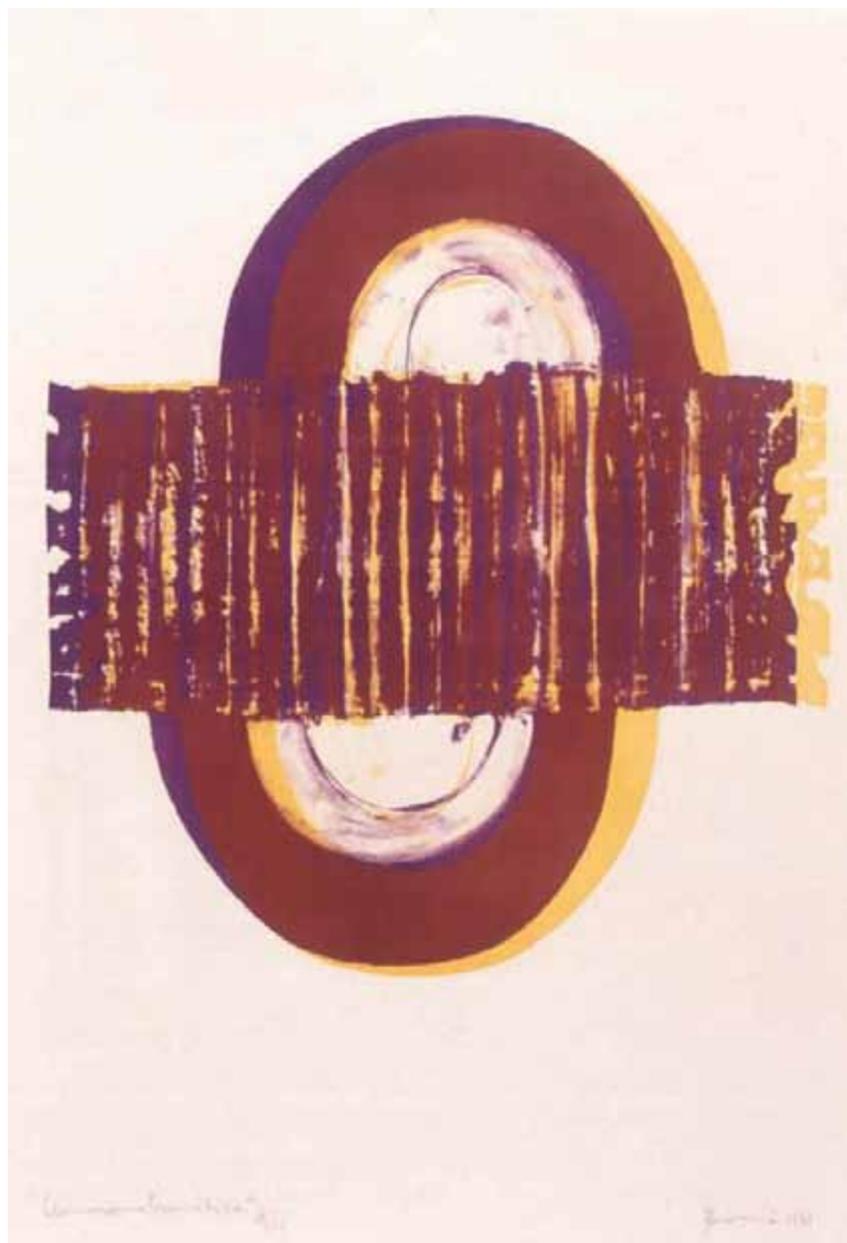
Meina, Itália, 8-7-1935

Maria Anna Olga Luiza Bonomi, gravadora, escultora, pintora, muralista, curadora, figurinista, cenógrafa, professora. Maria Bonomi vem para o Brasil em 1946, fixando-se em São Paulo. Estuda pintura e desenho com Yolanda Mohalyi, em 1951, e com Karl Plattner, em 1953.

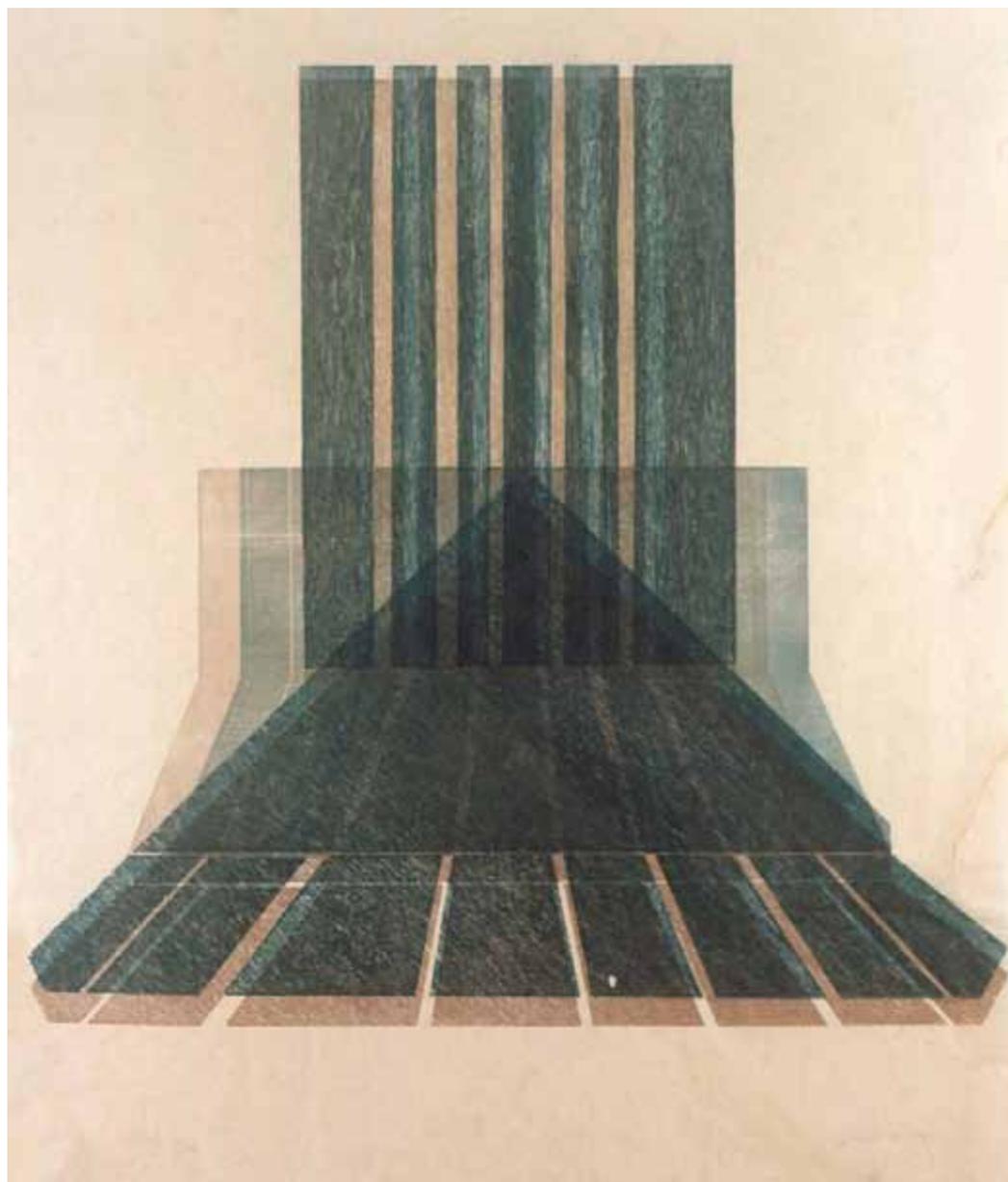
No ano seguinte, inicia-se em gravura com Lívio Abramo. Realiza a sua primeira individual em São Paulo, em 1956. Nesse ano, recebe bolsa de estudos da Ingram-Merrill Foundation e estuda no Pratt Institute Graphics Center, em Nova Iorque, com o pintor Seong Moy. Em paralelo, cursa gravura com Hans Müller e teoria da arte com Meyer Schapiro, na Columbia University, também em Nova Iorque.

De volta ao Brasil, frequenta a Oficina de Gravura em Metal com Johnny Friedlaender, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, em 1959. No ano seguinte, em São Paulo, funda o Estúdio Gravura, com Lívio Abramo, de quem é assistente até 1964.

A partir dos anos 70, passa a dedicar-se também à escultura. Produz painéis de grandes proporções para espaços públicos. Em 1999, defende a tese de doutorado intitulada *Arte Pública: Sistema expressivo/anterioridade*, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP.



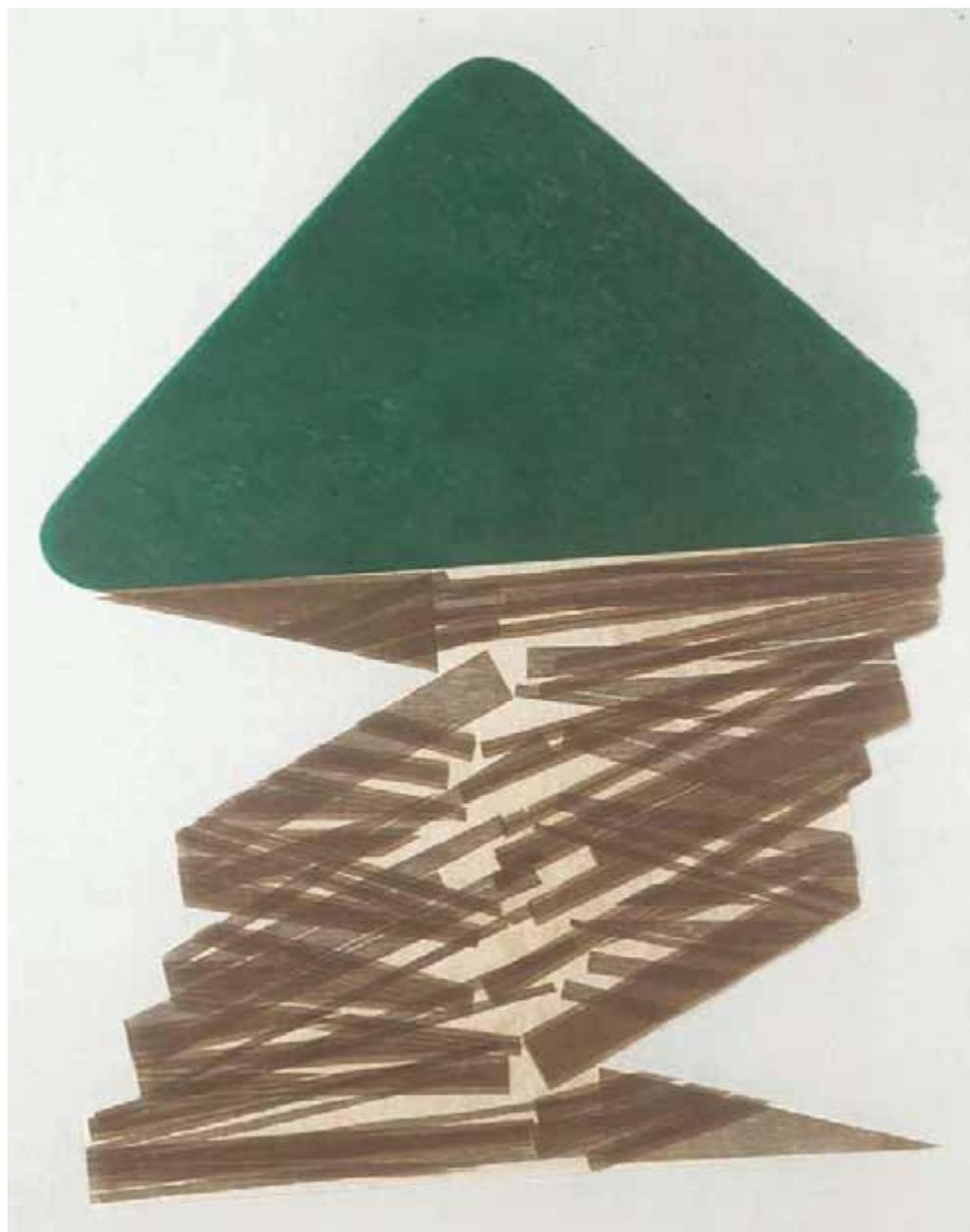
TÍTULO: Cromossoma Cromática - ANO: 1971 - TÉCNICA: Xilogravura (15/20) - DIMENSÕES: 0,62cm x 0,57cm



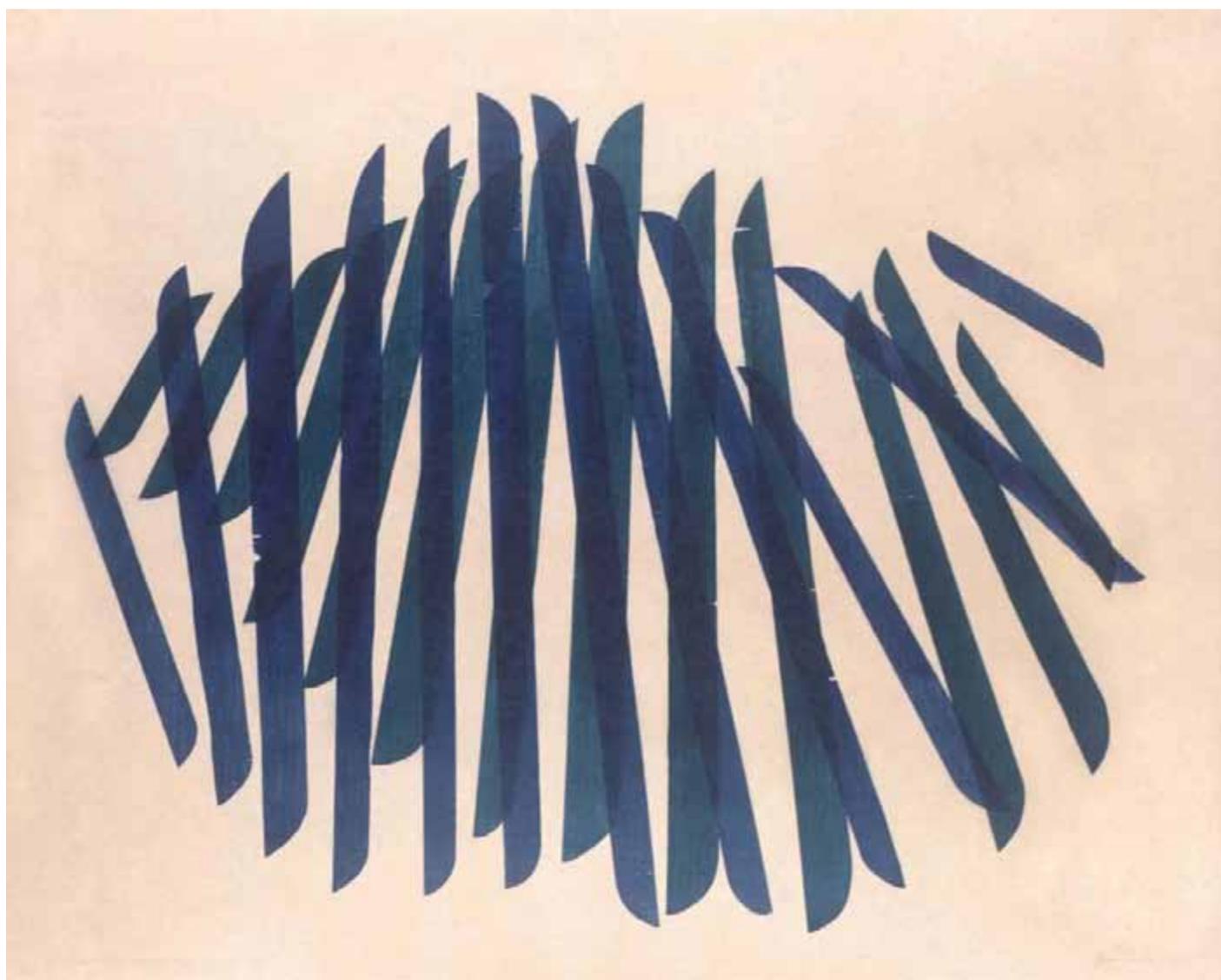
TÍTULO: Metrópolis – ANO: 1970 – TÉCNICA: Xilogravura (9/30) – DIMENSÕES: 1,11 m x 0,93cm



TÍTULO: Estiagem – ANO: 1971 – TÉCNICA: Xilogravura (15/20) – DIMENSÕES: 0,71cm x 0,50cm



TÍTULO: Liberdade Condicional – ANO: 1972 – TÉCNICA: Litogravura – DIMENSÕES: 1,15m x 0,90cm



TÍTULO: Soldados e Namorados - ANO: 1966 - TÉCNICA: Litogravura - DIMENSÕES: 0,96cm x 1,21m



Marianne Peretti

Paris, França, 1927

Marianne Peretti é artista plástica, nascida em Paris, de mãe francesa e pai pernambucano. Estudou desenho e pintura na École des Arts Décoratifs e na Academie de La Grande Chaumière, em Montparnasse. Em Paris, ilustrou diversos livros e revistas e fez sua primeira exposição individual na Galerie Mirador, na Place Vendôme.

Mudou-se para o Brasil no ano de 1953. Participou da 5ª Bienal em São Paulo, recebendo o prêmio de melhor capa livro com *As Palavras de Sartre*. Realizou exposições, individuais e coletivas, em várias cidades, como Paris, São Paulo, Olinda, Recife e Rio de Janeiro.

Conheceu o arquiteto Oscar Niemeyer e a pedido dele realizou, em Brasília, enormes vitrais, esculturas e painéis monumentais de vidro transparente. Ainda em parceria com Niemeyer, criou obras no Rio de Janeiro, São Paulo, Paris, França, e Turim, Itália

Em 2010 foi condecorada com a Ordem Nacional da Legião de Honra da França, com o título de Chevalier de la Légion d'Honneur, maior condecoração do governo francês.



TÍTULO: O lago e os peixes - ANO: 1978 - TÉCNICA: Painel em vidro - DIMENSÕES: 4,80m x 3,00m

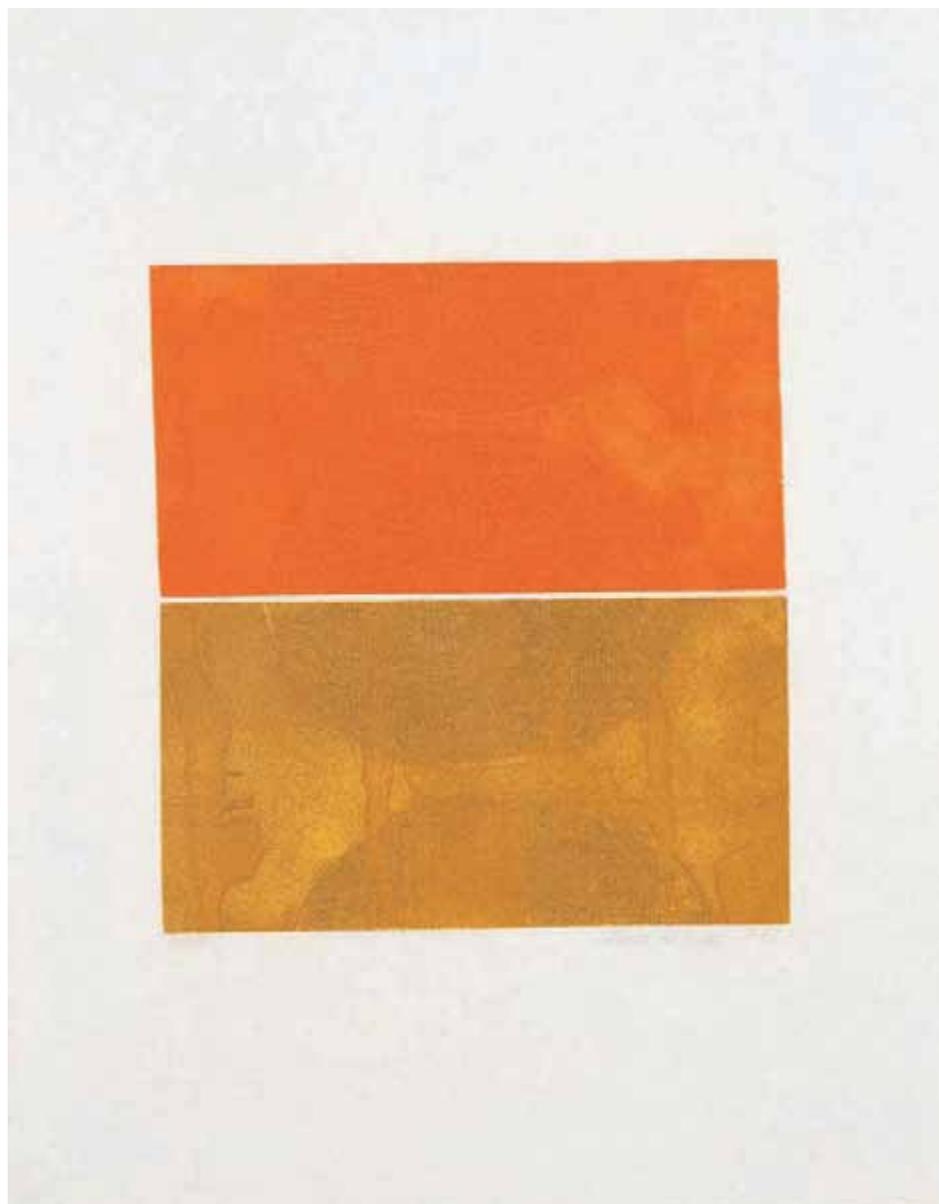


Marília Rodrigues

Belo Horizonte, MG, 1937

Gravadora, desenhista e professora, estuda desenho com Haroldo Mattos na Escola de Belas-Artes, em Belo Horizonte, na qual, mais tarde, trabalha com xilogravura. Consegue bolsa para estudar gravura em metal no Ateliê de Gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ, com Edith Behring, Anna Letycia e Rossini Perez, entre 1959 e 1962. Estuda também com Osvaldo Goeldi, na Escola Nacional de Belas-Artes - Enba. A partir de 1963, leciona gravura em metal na Universidade de Brasília - UnB, pela qual se aposenta em 1993. Em 1983, leciona na Escola Guignard e, entre 1985 e 1986, na Oficina de Gravura Sesc Tijuca, no Rio de Janeiro.

"Suas obras evidenciam o interesse pela conjunção de técnicas diversas. Nesse sentido, sua gravura abstrata explicita o interesse que, já em Minas, Marília tinha pela reunião de técnicas, ainda que em âmbito figurativo. Outros gravadores do começo dos anos 1960 entram na abstração movidos por interesses semelhantes, como Anna Letycia, com quem, aliás, Marília aprende o metal." (KOSSOVITHC, MAYARA, 2000)



TÍTULO: Abstrato Vermelho e Sépia – ANO: 1972 – TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta – DIMENSÕES: 0,55cm x 0,38cm



TÍTULO: Árvore - ANO: 1972 - TÉCNICA: Calcografia, Água-tinta e Água-forte - DIMENSÕES: 0,82cm x 0,60cm



TÍTULO: Abstrato Amarelo - ANO: 1972 - TÉCNICA: Calcografia, Água-tinta e Água-forte - DIMENSÕES: 0,77cm x 0,46cm



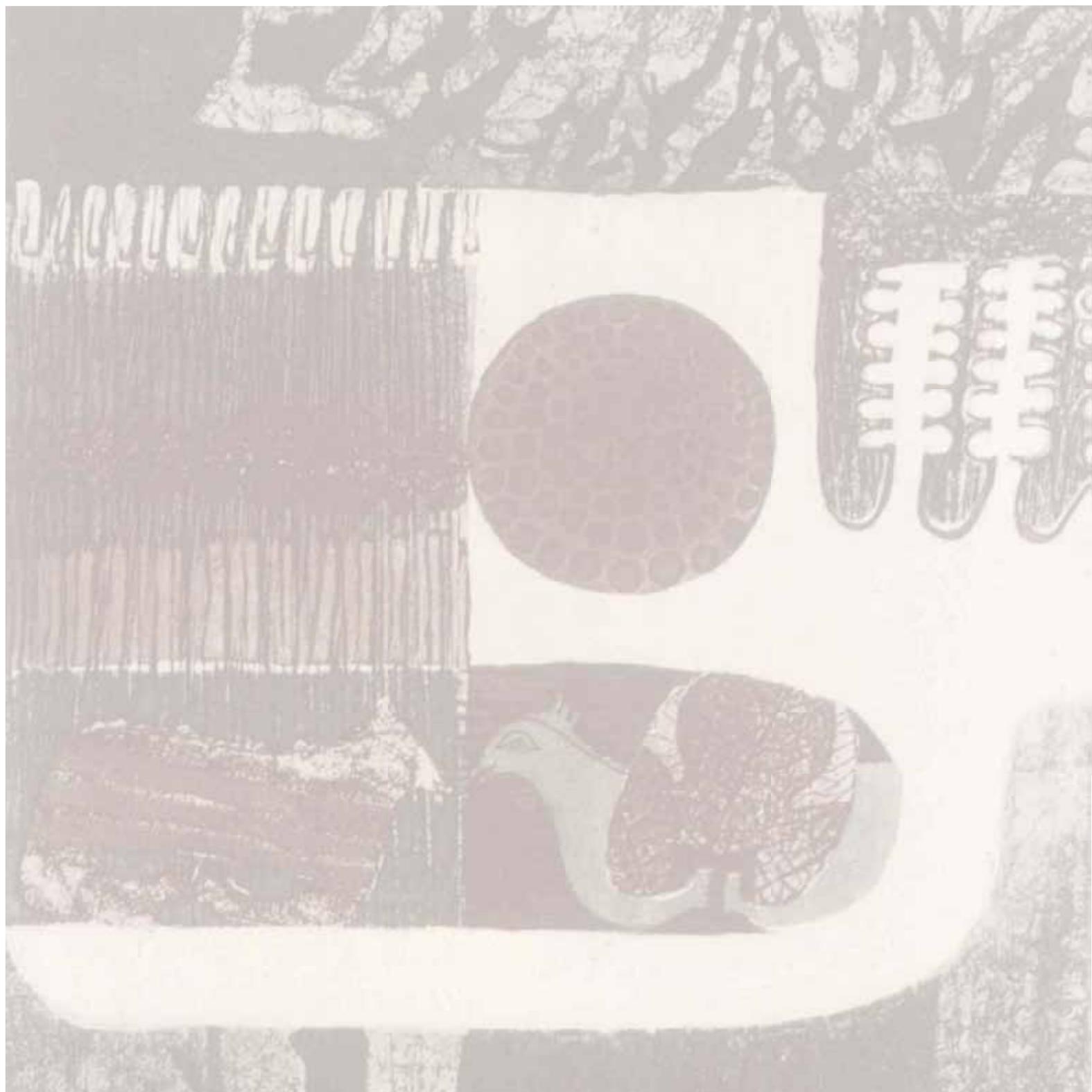
Marlene Hori

Vera Cruz Paulista, SP, 1939

Gravadora. Em 1968, recebe bolsa de estudos do governo francês. Em 1969, faz estágio na School of Art Education Birmingham Polytechnic, Birmingham, Inglaterra. Recebe da Escolinha de Arte do Brasil bolsa de estudos para gravura em metal, sob a orientação da artista Marília Rodrigues. Expõe seus trabalhos individual e coletivamente em diversas cidades do Brasil, Argentina, Colômbia, Uruguai, África, Porto Rico e Japão. Participa de salões e bienais. Ganhou prêmios como o 1º Prêmio de gravura no I Salão Carioca de Arte em 1977 e o Prêmio Estímulo Caixa Econômica Federal – Panorama Arte Atual Brasileira em 1980.



TÍTULO: Caju - ANO: 1972 - TÉCNICA: Água-tinta e Água-forte (2/20) - DIMENSÕES: 0,17cm x 0,24





TÍTULO: Abstrato – ANO: 1972 – TÉCNICA: Água-tinta e Água-forte (4/20) – DIMENSÕES: 0,36cm x 0,23cm



Massuo Nakakubo

São Paulo, SP, 1938

Pintor, desenhista, gravador e professor, começou como autodidata em 1966 e já em 1970, lançou suas primeiras serigrafuras. Leciona Técnica de Serigrafia na Faculdade de Desenho Industrial, Comunicações e Artes Plásticas do Instituto Mackenzie, em São Paulo, e na Fundação Cultural de Curitiba/PR.

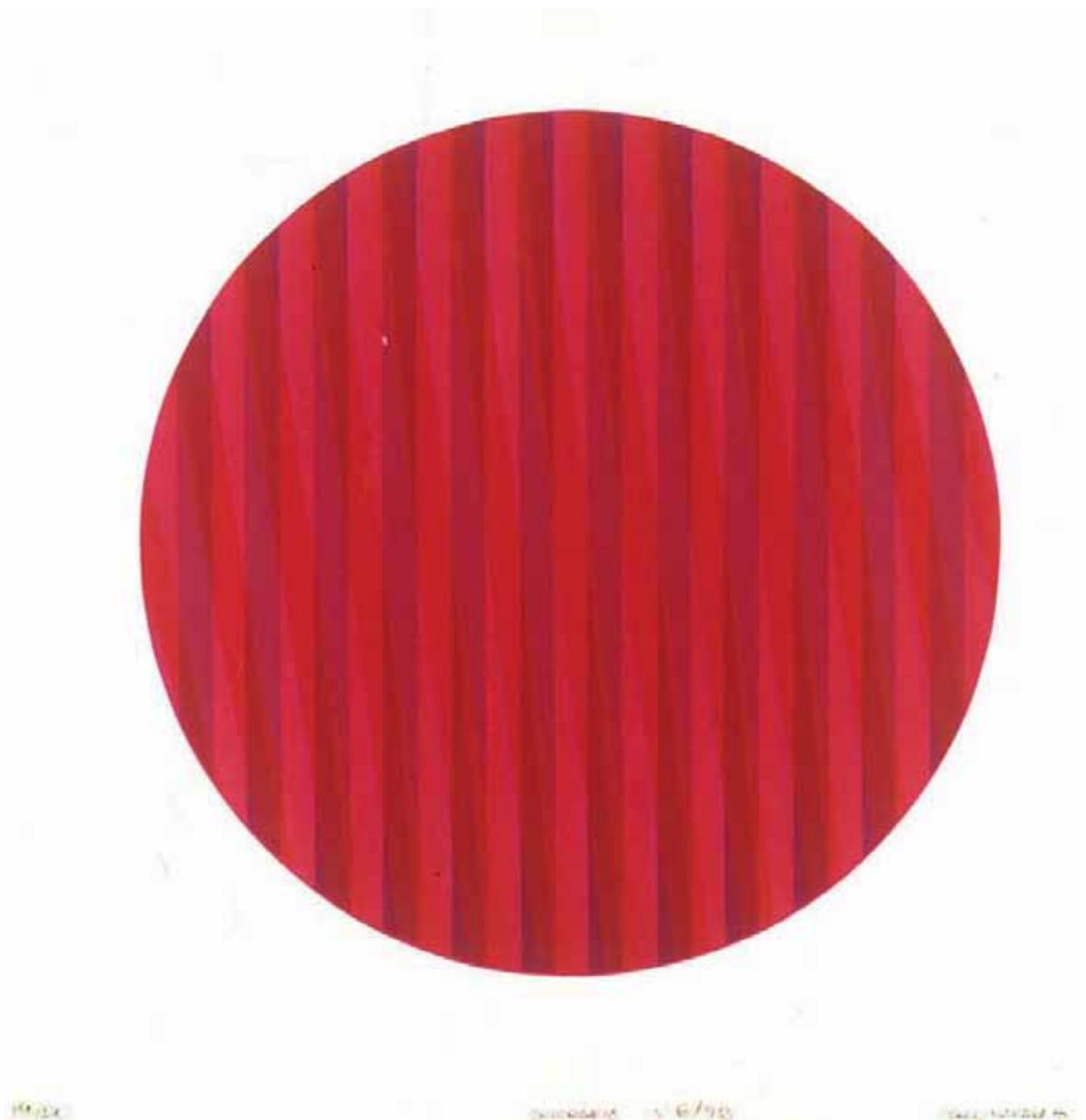
Em agosto de 1987, realiza sua primeira exposição individual de pintura acrílica sobre papel na Mônica Figueiras de Almeida - Galeria de Arte/SP. Participa das 9ª e 11ª Bienais de São Paulo, da Bienal de Santos/SP e da Bienal da Bahia. Recebeu prêmios nas Bienais de São Paulo e de Santos e em Salões em Campinas, São José dos Campos, Santo André e Piracicaba/SP.



TÍTULO: Serigrafia número - 4/72 - ANO: 1972 - TÉCNICA: Serigrafia (19/20) - DIMENSÕES: 0,50cm x 0,50cm



TÍTULO: Composição Circular - ANO: 1970 - TÉCNICA: Serigrafia - DIMENSÕES: 0,50cm x 0,50cm



TÍTULO: Composição Circular número 6/72 - ANO: 1972 - TÉCNICA: Serigrafia - DIMENSÕES: 0,50cm x 0,50cm



Maurício Maia Soutinho

Rio de Janeiro, RJ, 26-7-1963

Artista plástico residente em Brasília desde 1976. Seu interesse pelas habilidades artísticas se manifestou ainda quando criança. Com 10 anos já realiza trabalhos de entalhe em madeira e aos 13 inicia seus estudos de pintura de telas.

Desde o ano de 1999, frequenta o ateliê do pintor e professor Lourenço de Bem, onde estuda e aprimora a técnica de vinil sobre tela. Participou de mostras coletivas e já realizou diversas exposições individuais.

Explora, com propriedade, diversos estilos pictóricos, mas tem predileção pela pintura figurativa. Considera forte influência nomes como grandes mestres renascentistas – Botticelli e Michelangelo – e também Carlos Scliar, Sérgio Ferro e Glênio Bianchetti.

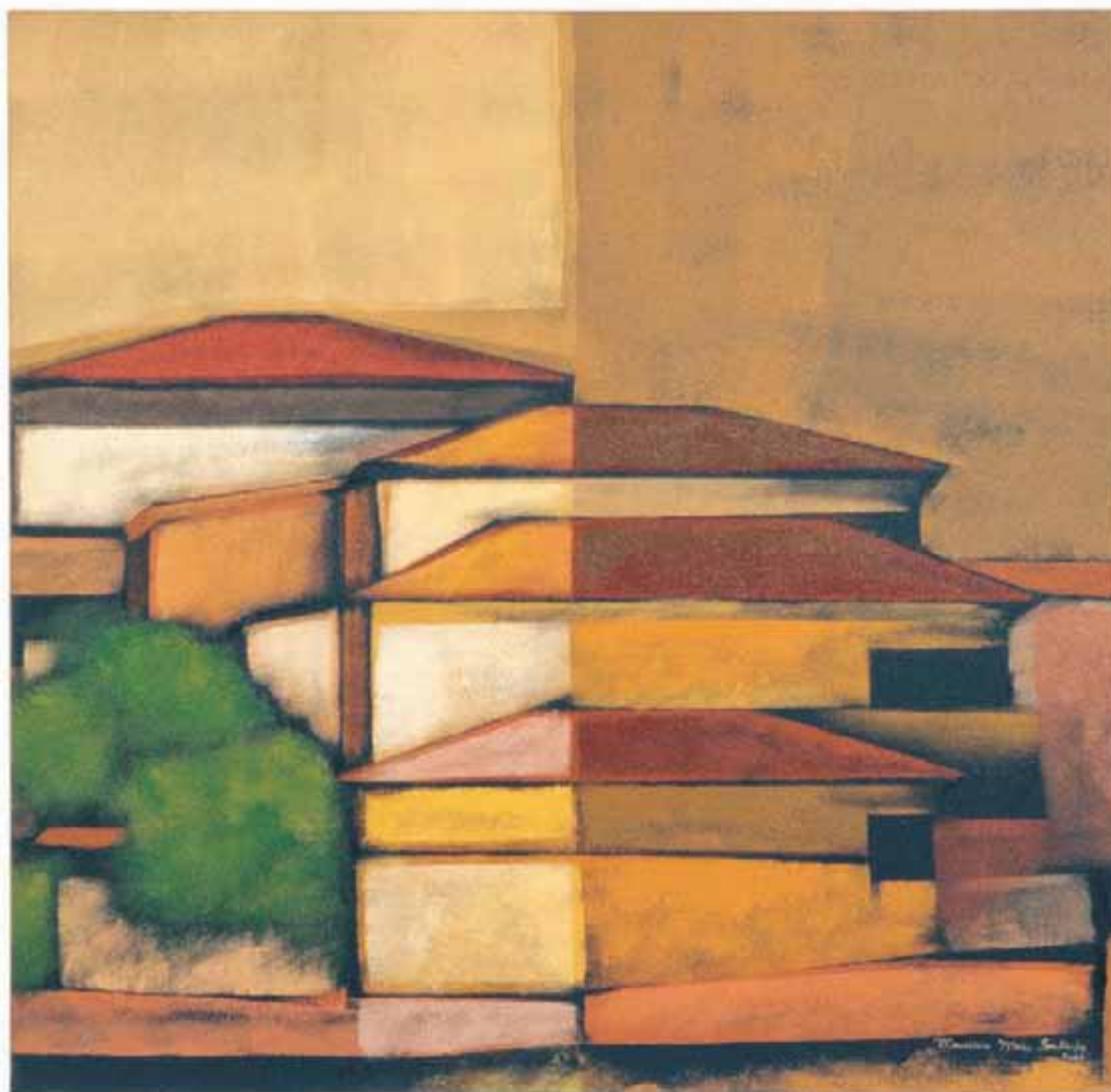


Foto: Cleber Medeiros

TÍTULO: Casas 2 – ANO: 2003 – TÉCNICA: Vinil sobre tela – DIMENSÕES: 0,86cm x 0,85cm



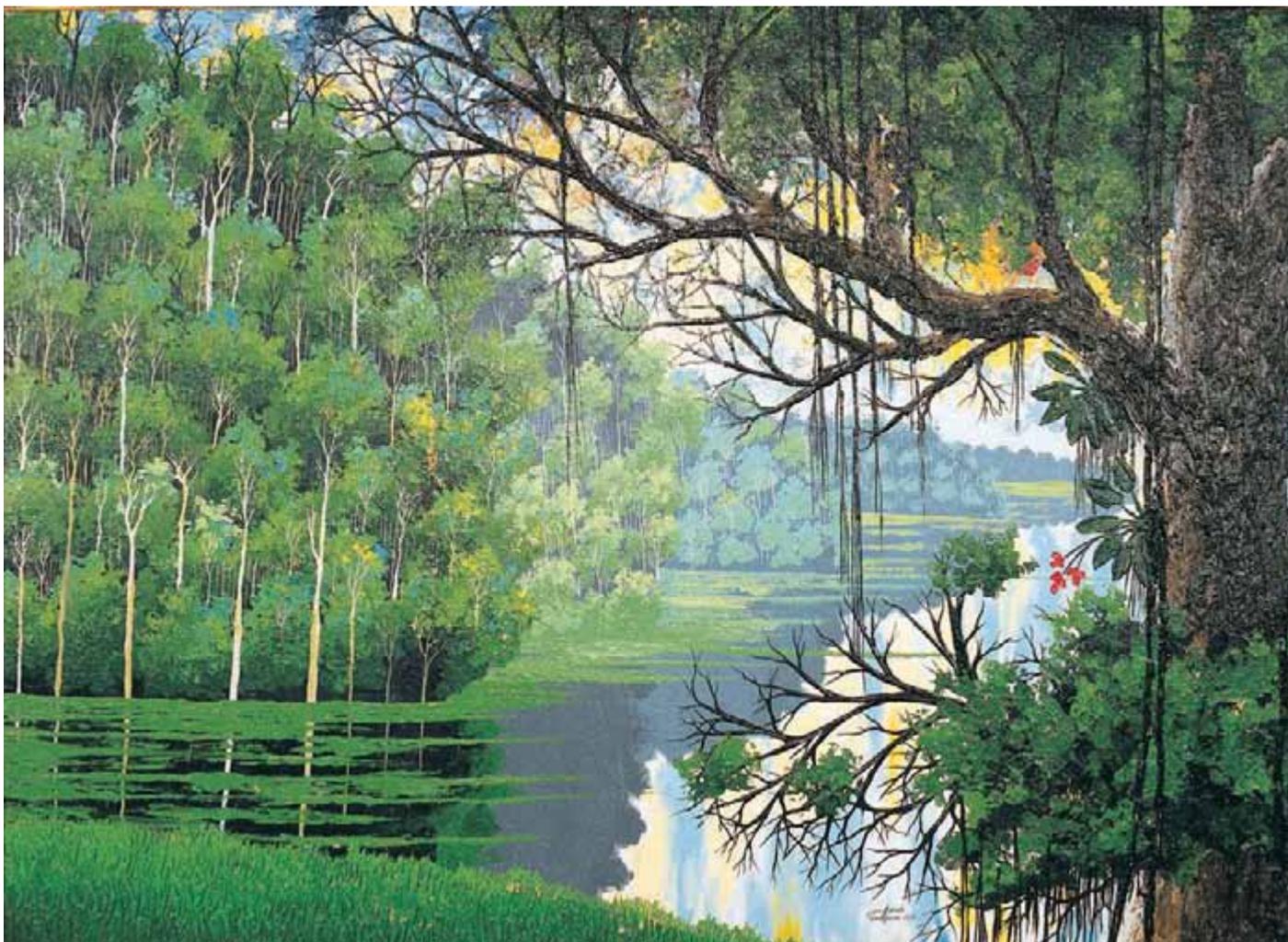
Moacir Andrade

Manaus, AM, 17-3-1927

Pintor, desenhista, professor, intelectual e escritor, inicia-se na pintura como autodidata. Por volta de 1942, estuda desenho na Escola Técnica de Manaus. Gradua-se em Museologia pelo Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Em 1954, aproximadamente, integra o Clube da Madrugada, na cidade de Manaus.

Sua arte, reconhecidamente regional, dá ênfase aos costumes, por descrever lendas que retratam o processo sociocultural que convencionou chamar de “cultura cabocla”, por dizer ser esta sua identidade. Focaliza aspectos históricos, antropológicos, filosóficos e da cultura sazonal comum na região.

Segundo Guimarães Rosa, “Moacir Andrade submete, em disciplinados espaços de arte – galos de tapeçaria, cintilação de mosaicos e magia de presépios – os paroxismos de seu diluviano zoorama, feérico epos de fauna: peixes, leviatãs, dragões, harpias, perlados de fria espuma e ocelados de recordações oníricas, à luz de um amarelo a um tempo telúrico e transcendente, apanha assim em tensa ronda a vida do grande rio e grava nos olhos de xerimbabos abissais a desmesura e selva, a cósmica, calada essência da Amazônia.” (PINHO; RIBEIRO, 2008)



TÍTULO: Amazonas – ANO: 1991 – TÉCNICA: Acrílica sobre tela – DIMENSÕES: 1,60m x 2,20m



Mônica Cunha

Três Corações, MG, 24-11-1951

Artista plástica, formada em Publicidade e Propaganda, viveu quase toda a sua vida em Brasília. Desenvolveu sua própria linguagem e uma forma inovadora nas artes visuais trabalhadas em cerâmica. Foi a partir do seu contato com o barro que se admitiu como artista plástica.

Seus quadros refletem a integração entre a artista e o material utilizado para expressar seu talento. Além de moldar o barro, mescla a argila com elementos imprevisíveis como juta, tecidos, canela em pau, estopa, renda, corda, sisal, madeira, palha de bananeira. Manifesta expressão em pequenas peças de cerâmica que, harmoniosamente, se transformam em mandalas, flores, casarios, pássaros, letras.

No ano de 2008, participa do XIII Circuito Internacional de Arte Brasileira em Varsóvia, Polónia, Frankfurt, Alemanha, e Viena, Áustria.

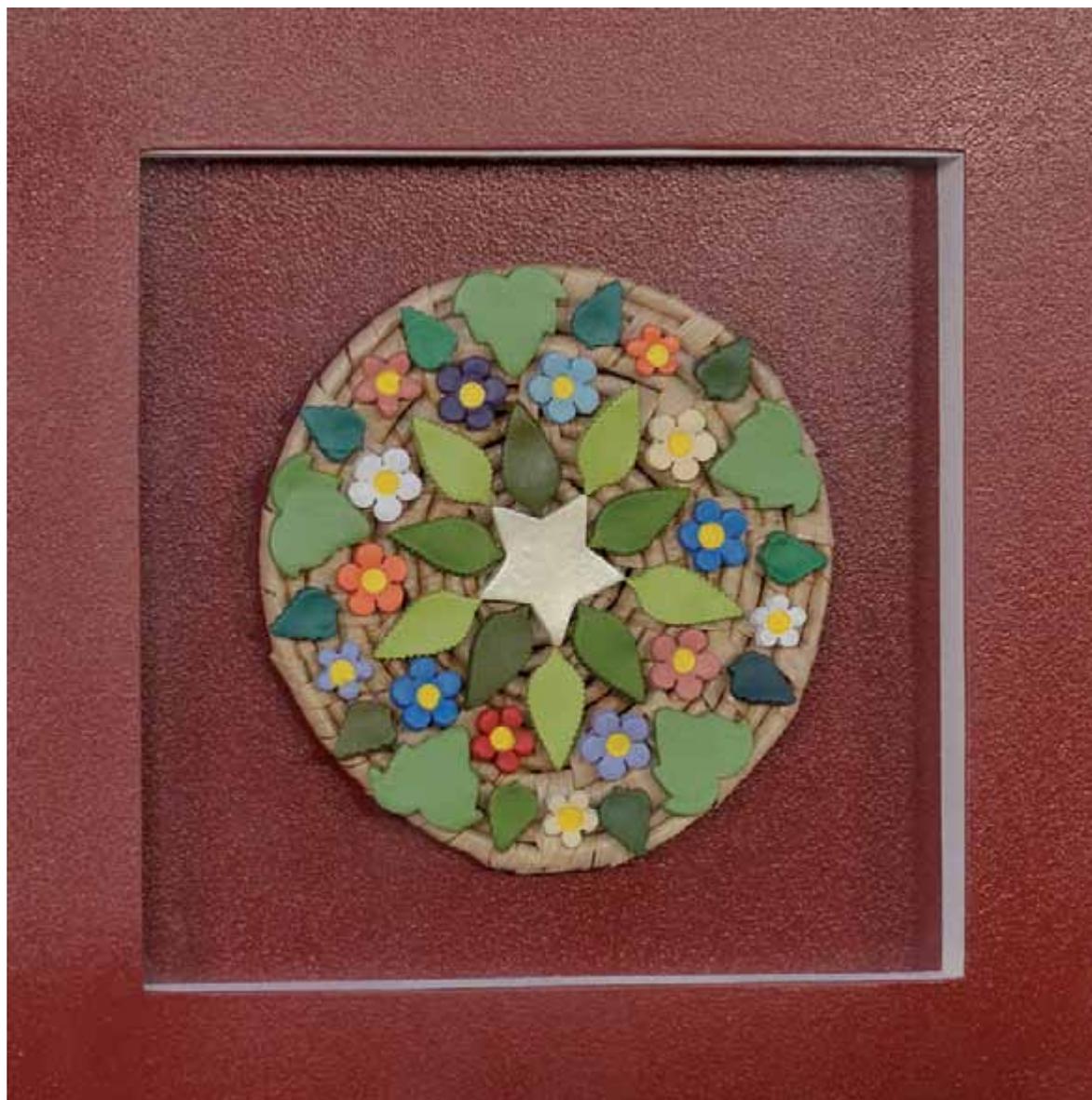
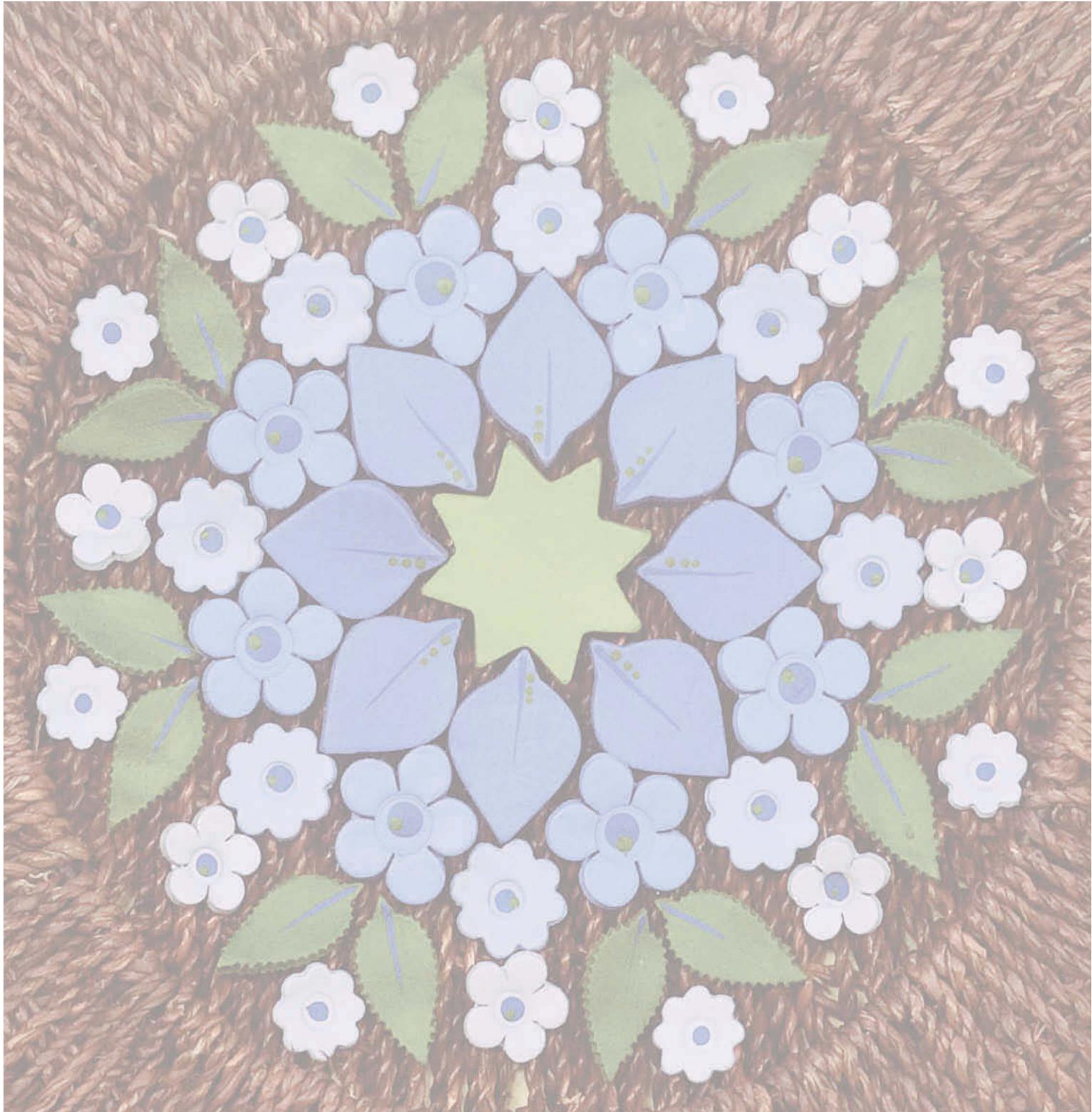
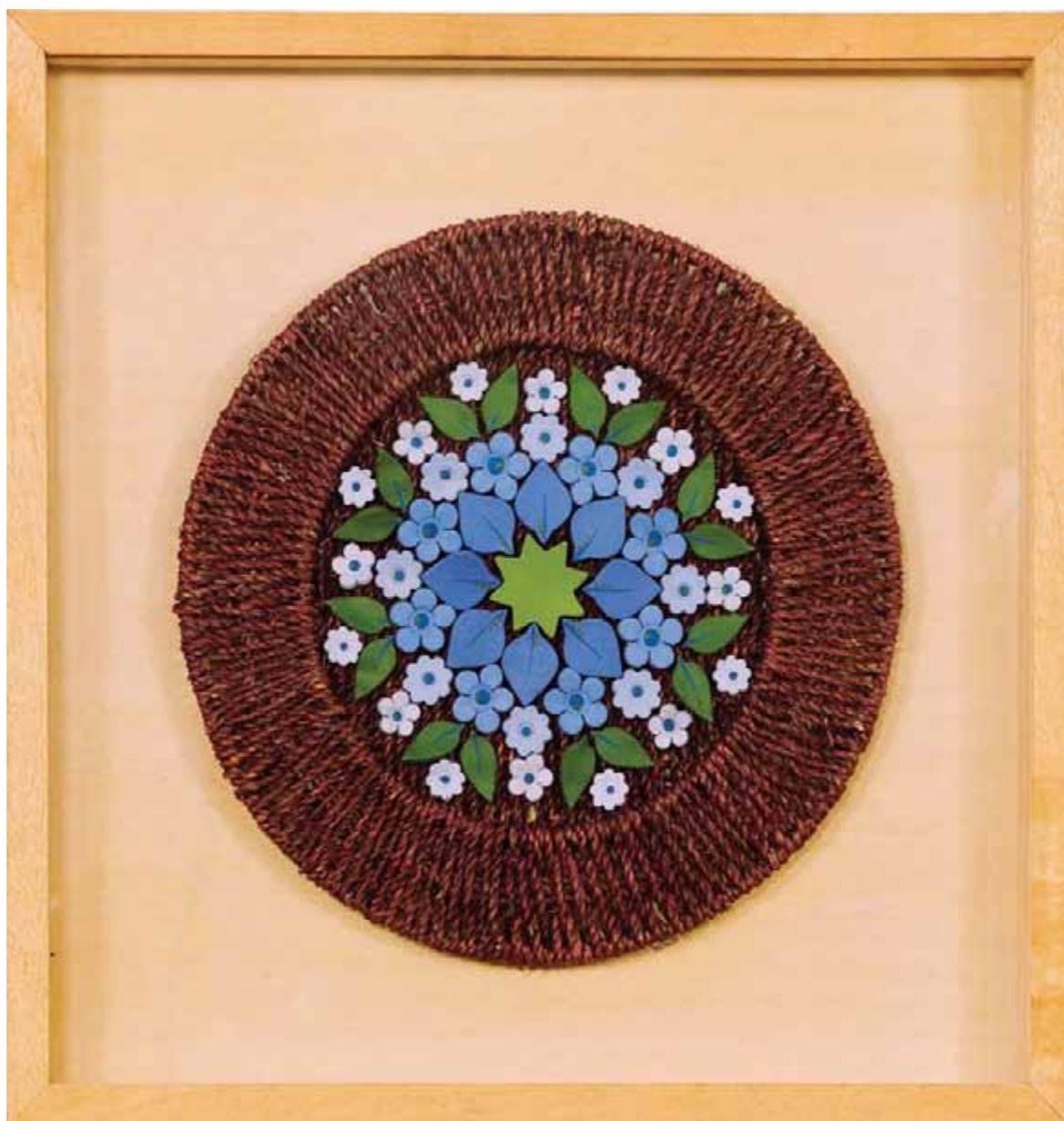


Foto: Cleber Medeiros

TÍTULO: Luz - ANO: 2005 - TÉCNICA: Cerâmica - DIMENSÕES: 0,37cm x 0,37cm





TÍTULO: Luz da manhã - ANO: 2007 - TÉCNICA: Cerâmica - DIMENSÕES: 0,47cm x 0,47cm



Nely Evange Indig

Rio de Janeiro, RJ, 15-11-1924

Neli Indig inicia seu aprendizado em 1947 no Instituto Brasileiro de Belas-Artes. Aperfeiçoa-se em cursos com mestres como Cherubina de Azevedo, Ganen, Osvaldo Teixeira e Ivan Serpa na pintura, Marmura em escultura e Paulo Indig em restauração.

Em Paris, cursa no Museu do Impressionismo todas as nuances da vibração de cores. Membro da Associação de Belas-Artes do Rio de Janeiro e do Distrito Federal. Foi professora de pintura da Universidade do Sistema de Pesquisa – USPE e da Associação de Ensino Unificado do Distrito Federal – AEUDF, além de cursos que promove em seu ateliê.

Realizou 72 exposições individuais em vários estados do Brasil e também em Portugal, França, Itália e Estados Unidos. Participou de mais de 80 exposições coletivas. Recebeu diversos prêmios, entre eles, a Medalha do Pacificador do Exército, pelos serviços de restauração de quadros e painéis do Patrimônio Histórico Cultural Brasileiro.

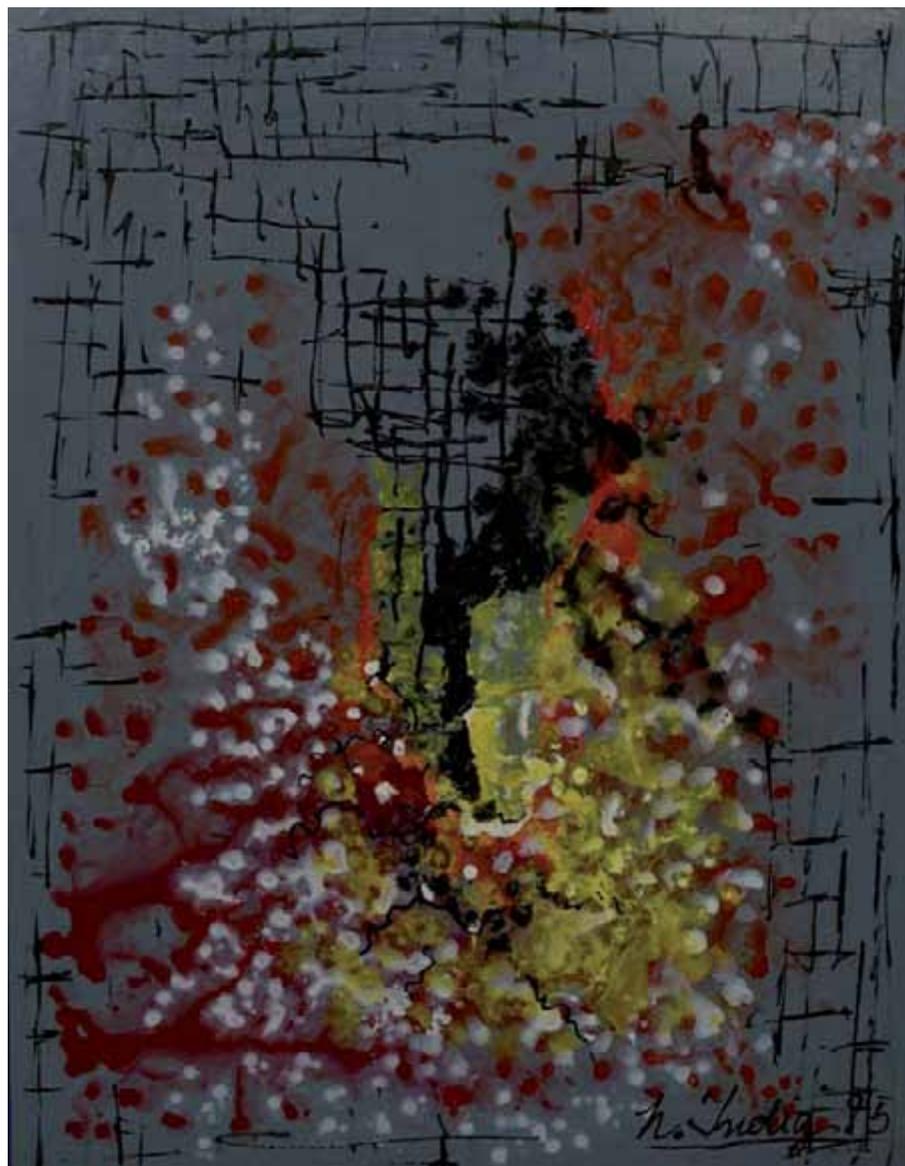


Foto: Cleber Medeiros

TÍTULO: Ebulição - ANO: 1995 - TÉCNICA: Acrílica sobre eucatex - DIMENSÕES: 0,70cm x 0,90cm



Ninita

Rio de Janeiro, RJ, 14-4-1914 - 26-4-1989

De formação autodidata, a artista plástica inicia seus trabalhos aos 47 anos de idade. Por volta de 1950, frequenta a Associação Brasileira de Desenho, onde convive com Anna Letycia, Carmélio Cruz, Malagoli Quaglia, Edson Mota e Sílvia Chalreo.

Em 1970, participa da exposição Arte Brasileira Contemporânea em Milão (Itália), Berna e Genebra (Suíça) e Barcelona (Espanha). Na Inglaterra, participa da Brazilian Primitives em The Mannheim Gallery.

"Da mesma forma que nos primitivos holandeses, em cuja pintura a poesia emerge de um mundo organizado e dos objetos mais triviais, a sobriedade das cores é, na maior parte de sua obra, uma constante, o que a torna diferente dos nossos naifs tropicais, um caso singular dentro das artes plásticas brasileiras. Uma primitiva brasileira de cores recatadas, dotada de uma visão universal do mundo." (NINITA, 1991)



TÍTULO: Casas de Ouro Preto - ANO: 1972 - TÉCNICA: Acrilica sobre eucatex - DIMENSÕES: 0,37cm x 0,52cm



Nonato de Oliveira

São Miguel do Tapuio, PI, 1949

Começa a pintar quando ainda criança, utilizando os restos de materiais deixados pelo pai pedreiro. Esculpia com o que sobrava das massas e pintava com o restante da tinta. Muitas vezes fabricava suas próprias cores com urucum, tabatinga, noqueira e casca de angico.

Estudou artes em Paris, fruto de uma bolsa de estudos que ganhou após expor uma série composta por 17 quadros sobre a Guerra de Canudos na Maison de France, no Rio de Janeiro. Desde então, já realizou mais de 80 exposições, individuais e coletivas, em diversos estados brasileiros, além da Europa e Estados Unidos. Em Teresina, suas obras estão pelos muros, nas esquinas e nos bares.

As cores vivas e fortes, usadas para expressar temas como a seca, fome, cultura popular, religião, folclore e o semblante nordestinos são as principais marcas da arte de Nonato de Oliveira.



TÍTULO: Mulher - TÉCNICA: Acrílica sobre tela - DIMENSÕES: 1,00m x 0,80cm



Odetto Guersoni

Jaboticabal, SP, 1924 - São Paulo, SP, 2007

Gravador, pintor, desenhista, ilustrador, escultor. Estuda pintura e artes decorativas no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo – Laosp, entre 1941 e 1945. Nesse período, expõe no Sindicato dos Artistas Plásticos e frequenta o círculo de artistas do Grupo Santa Helena.

Em 1947, participa da exposição 19 Pintores, na Galeria Prestes Maia; contemplado com uma bolsa de estudo pelo governo francês, viaja para Paris, onde inicia trabalhos em gravura. De volta ao Brasil, em 1951, funda a Oficina de Arte, em São Paulo.

Em 1954, retorna à Europa por um ano, financiado pela Organização Internacional do Trabalho – OIT. Em Genebra, estuda gravura com René Cottet e, em Paris, trabalha no ateliê de Stanley Hayter. De 1956 a 1957, assume a diretoria da União dos Artistas Plásticos de São Paulo.

A partir de 1960, frequenta, como estagiário, algumas escolas de arte: nos Estados Unidos, a The New York School of Printing, e no Japão, a Osaka University.

Em 1971, também no Japão, frequenta o ateliê de I. Jokuriti. Dois anos mais tarde, é eleito melhor gravador do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA. Participa, com sala especial, da Bienal Ibero-Americana de Montevideú, em 1983.

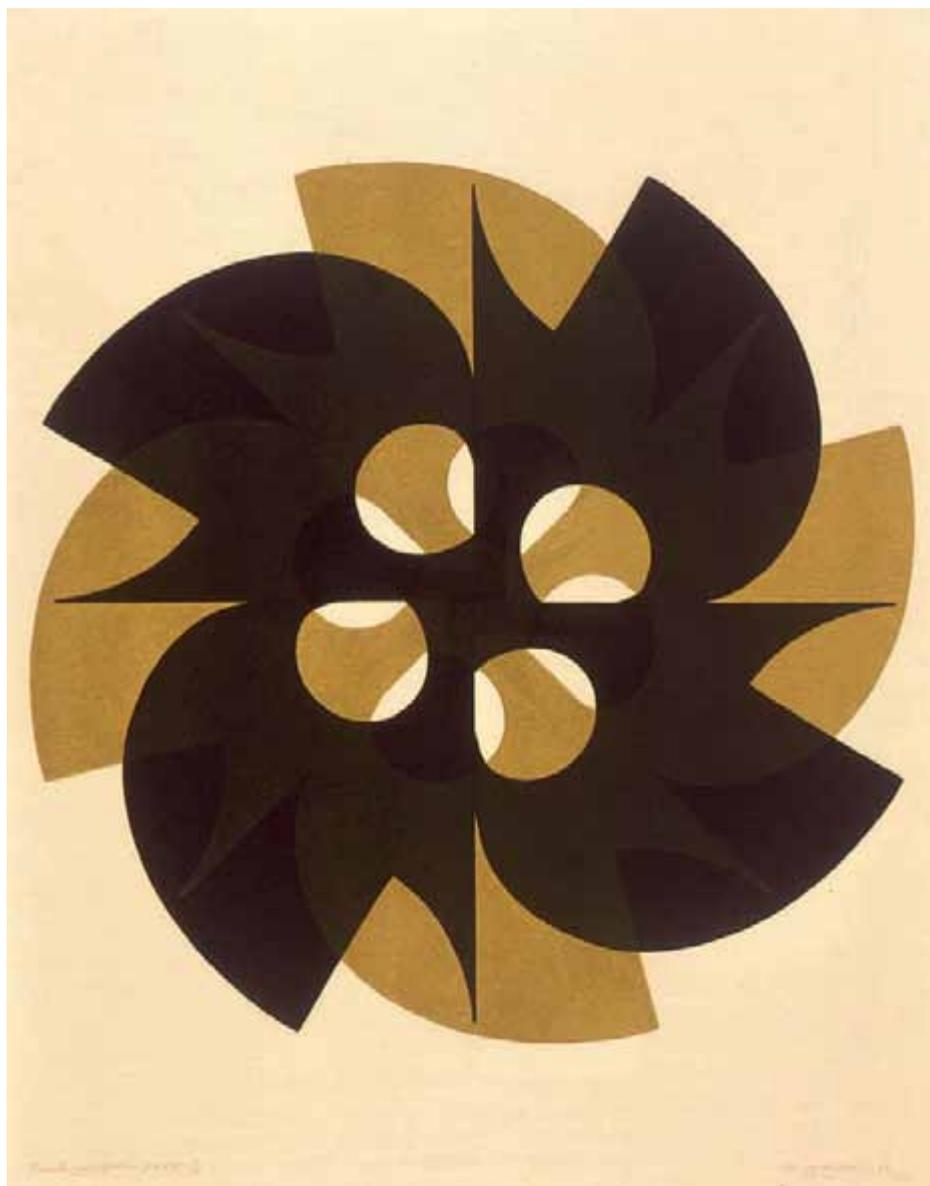
A Pinacoteca do Estado de São Paulo realiza uma retrospectiva de sua obra, em 1994.



TÍTULO: Jogo Cruzado VI – ANO: 1969 – TÉCNICA: Linoleogravura – DIMENSÕES: 0,90cm x 0,64cm



TÍTULO: Jogos e Símbolos I – ANO: 1968 – TÉCNICA: Serigrafia – DIMENSÕES: 0,90cm x 0,60cm



TÍTULO: Formas Justapostas - ANO: 1971 - TÉCNICA: Serigrafia - DIMENSÕES: 0,78cm x 0,63cm



Oscar Niemeyer

Rio de Janeiro, RJ, 15-12-1907

Oscar Niemeyer Soares Filho, arquiteto e urbanista, forma-se em arquitetura pela Escola Nacional de Belas Artes – Enba, no Rio de Janeiro, em 1934. Nesse ano, passa a frequentar o escritório do arquiteto e urbanista Lucio Costa. Em 1936, integra a comissão criada para definir os planos da sede do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, com a supervisão do arquiteto suíço Le Corbusier, a quem assiste como desenhista.

Entre 1940 e 1944, projeta, por encomenda do então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, o conjunto arquitetônico da Pampulha – um marco de sua obra, pois rompe com os conceitos do funcionalismo e utiliza uma linguagem de formas novas, de superfícies curvas, explorando as possibilidades plásticas do concreto armado.

Em 1947, é convidado pela Organização das Nações Unidas – ONU a participar da comissão de arquitetos encarregada de definir os planos de sua futura sede em Nova Iorque. Seu projeto, associado ao de Le Corbusier, é escolhido como base do plano definitivo.

No Rio de Janeiro, em 1955, funda a revista *Módulo* e no ano seguinte começa, a convite do presidente da República, Juscelino Kubitschek, a colaborar na construção da nova Capital do Brasil, Brasília, cujo plano urbanístico é confiado a Lucio Costa. Em 1958, é nomeado arquiteto-chefe de Brasília, para onde se transfere e permanece até 1960. Levam sua assinatura dezenas de edifícios residenciais, comerciais e administrativos da cidade. Dentre eles: Catedral de Brasília, Palácio da Alvorada, Palácio do Planalto, os prédios dos ministérios, Memorial JK, Museu da República, Congresso Nacional.

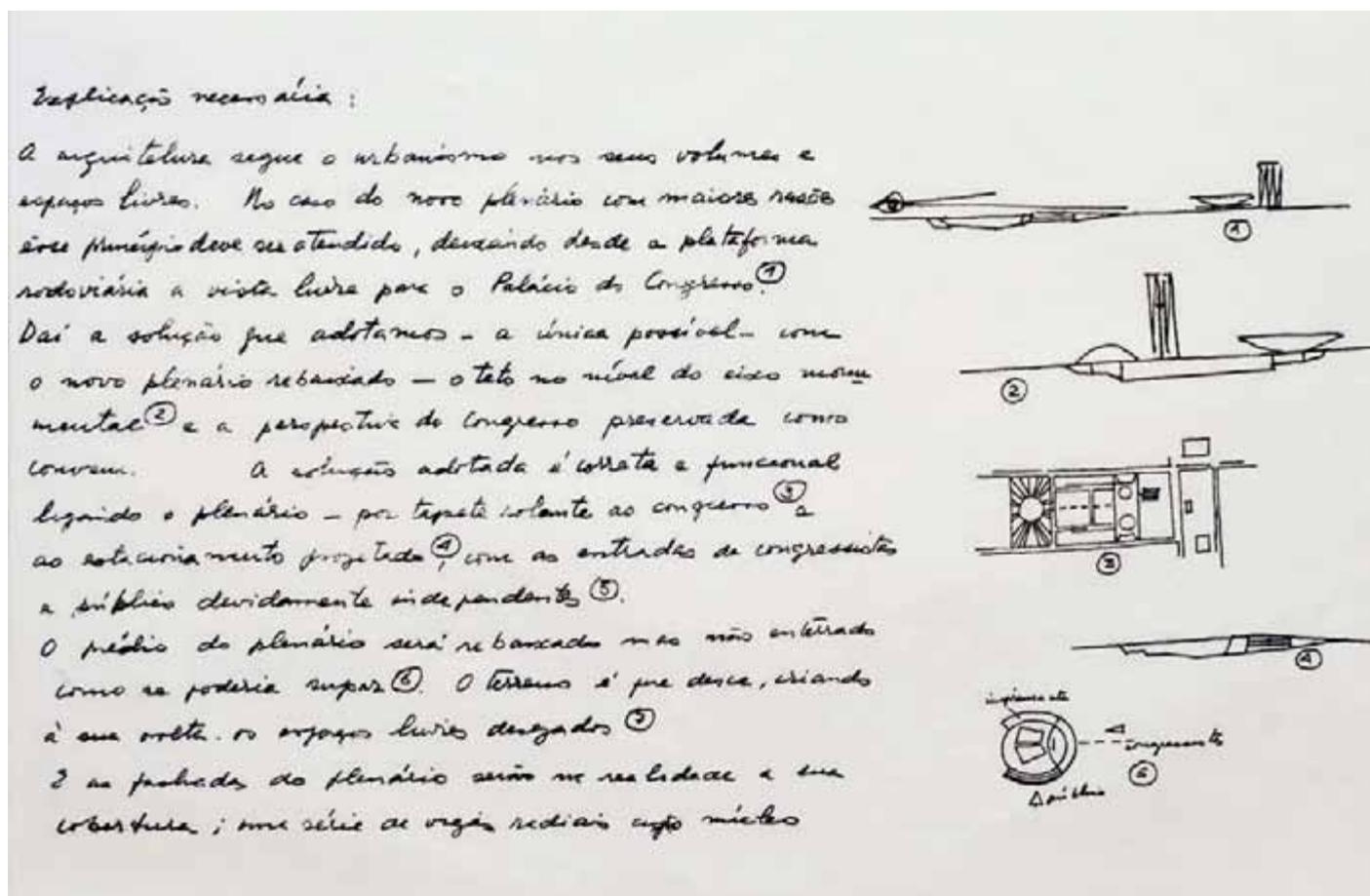
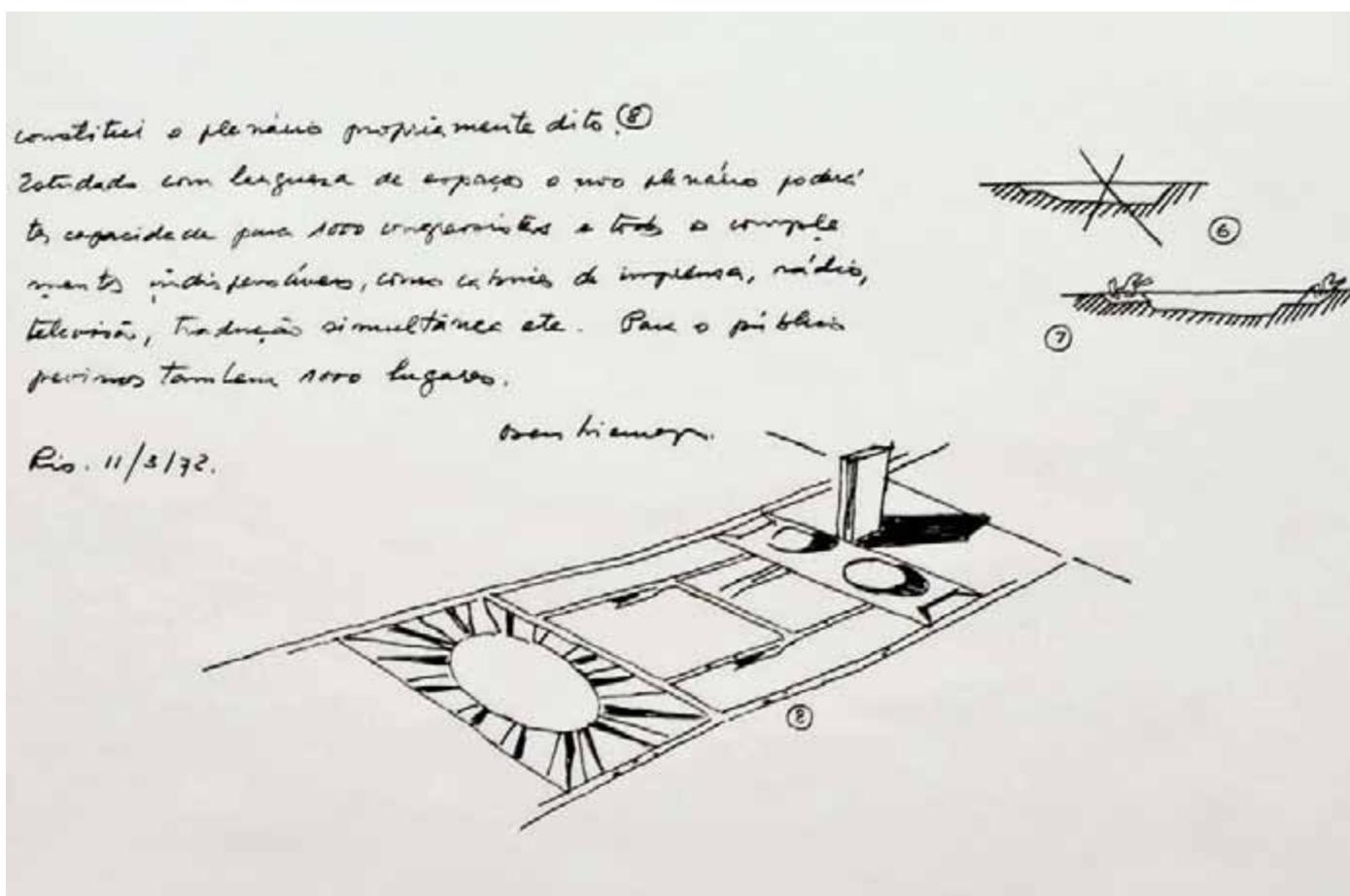


Foto: Cleber Medeiros

Sem Título TÉCNICA: Nanquim sobre papel - DIMENSÕES: 50cm x 60cm



Sem Título TÉCNICA: Nanquim sobre papel - DIMENSÕES: 50cm x 60cm

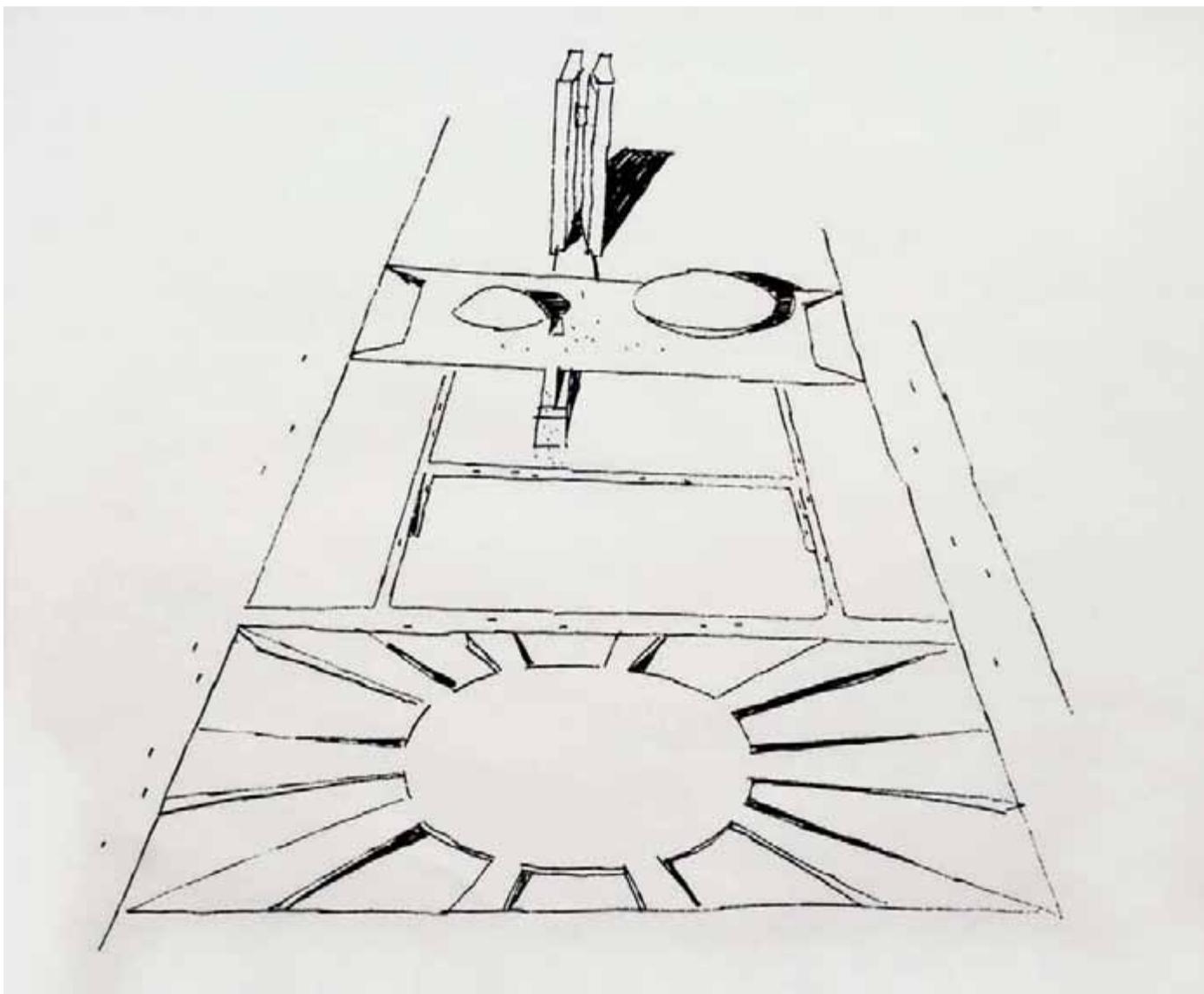


Foto: Cléber Medeiros

Sem Título TÉCNICA: Nanquim sobre papel - DIMENSÕES: 50cm x 60cm

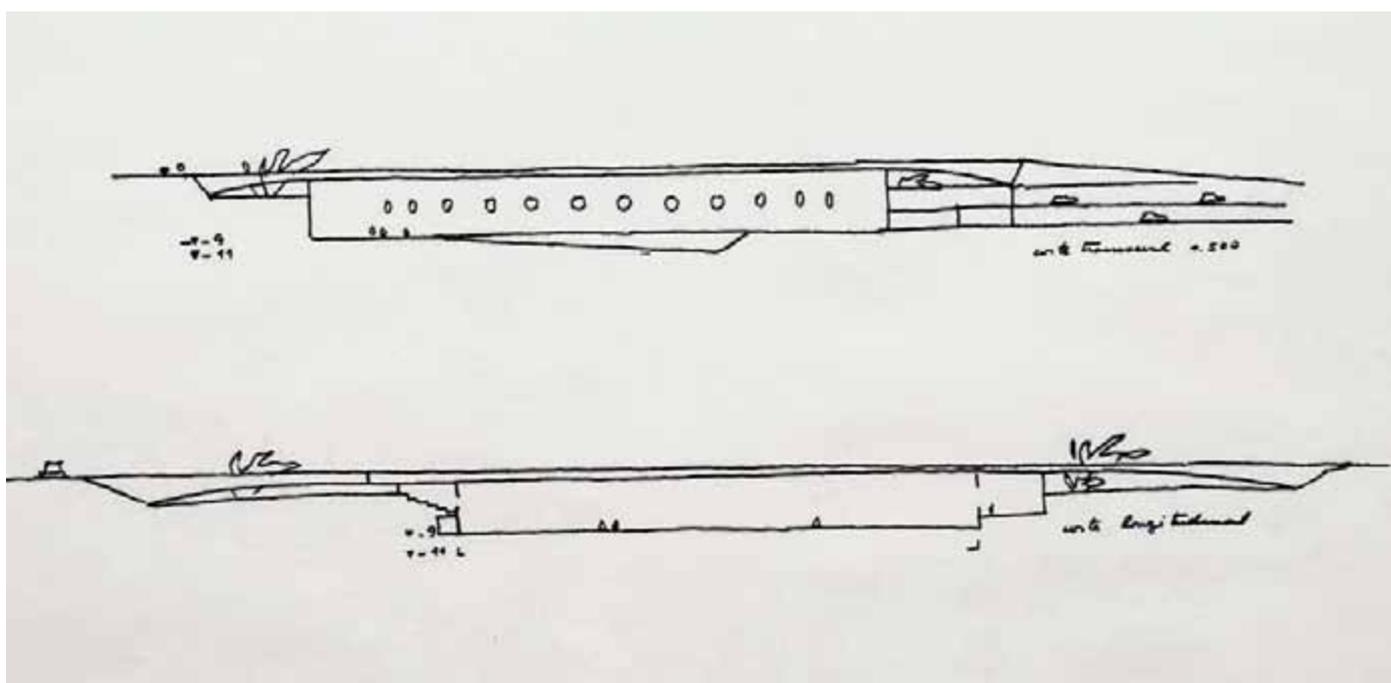


Foto: Cléber Medeiros

Sem Título TÉCNICA: Nanquim sobre papel - DIMENSÕES: 50cm x 60cm

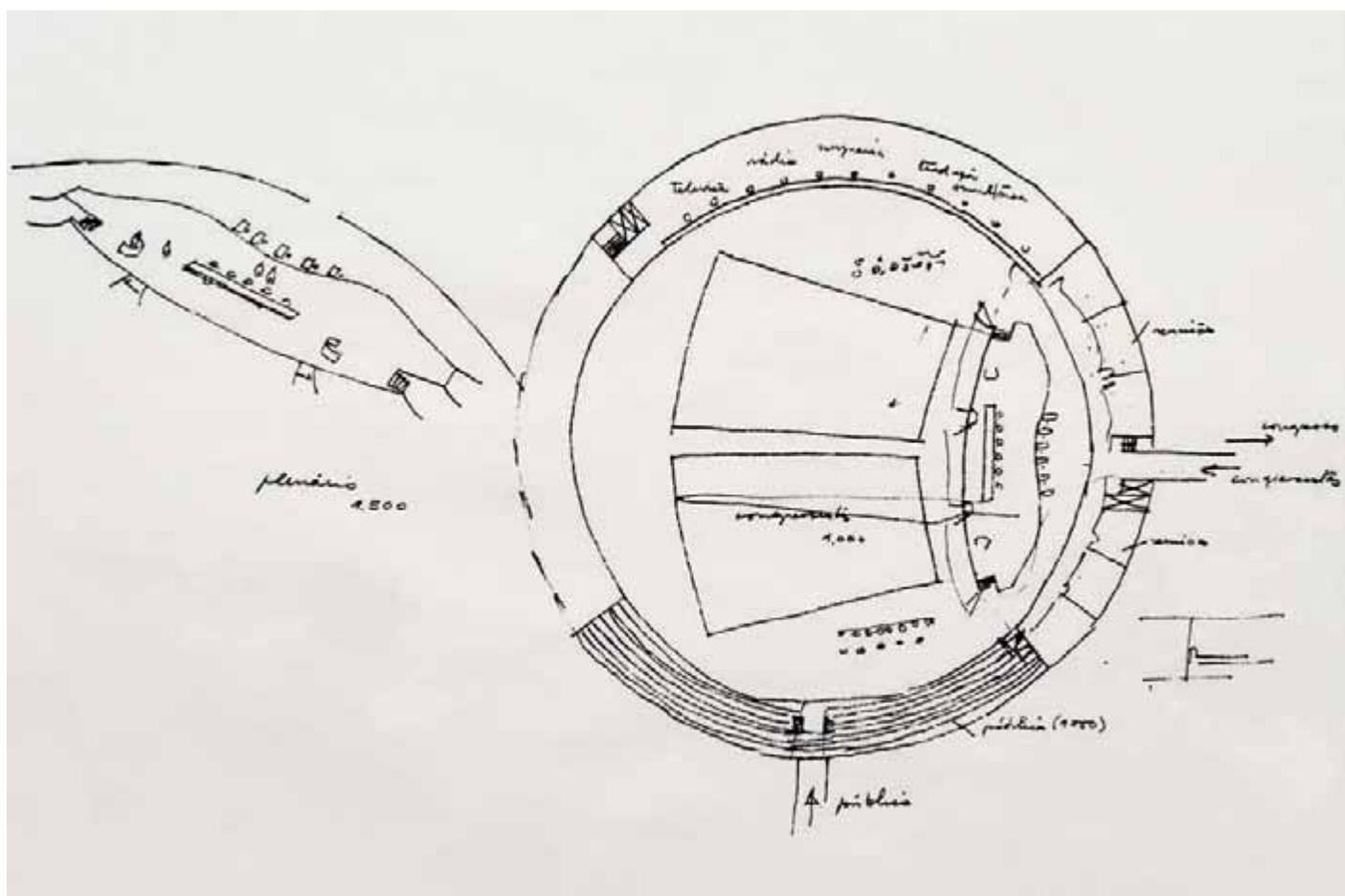


Foto: Cleber Medeiros

Sem Título TÉCNICA: Nanquim sobre papel DIMENSÕES: 50cm x 60cm



Otoniel Fernandes Neto

Fortaleza, CE, 1964

Cearense radicado em Brasília desde 1972, começa a pintar em 1979. Faz sua primeira exposição individual na sede da Associação Atlética do Banco do Brasil – AABB, Brasília, em 1982. Até 1995, promove dezenas de exposições individuais pelo país, e participa de vários salões nacionais.

A partir de 1995, o artista começa a trabalhar exclusivamente com exposições temáticas, já tendo publicado desde então sete livros de arte. Dentre suas obras temáticas, destaca-se a exposição em homenagem ao centenário da Guerra de Canudos, com 50 pinturas inspiradas no livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*. Essas pinturas pertencem ao Museu da Casa Euclidiana, de São José do Rio Pardo – SP.

Motivado pela preservação dos rios brasileiros, o artista elaborou importantes projetos com exposições e livros inspirados nos rios São Francisco, Parnaíba, Araguaia e Paraíba do Sul.



Foto: Cláudio Medeiros

TÍTULO: Caboclo - ANO: 2002 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,30cm x 0,40cm

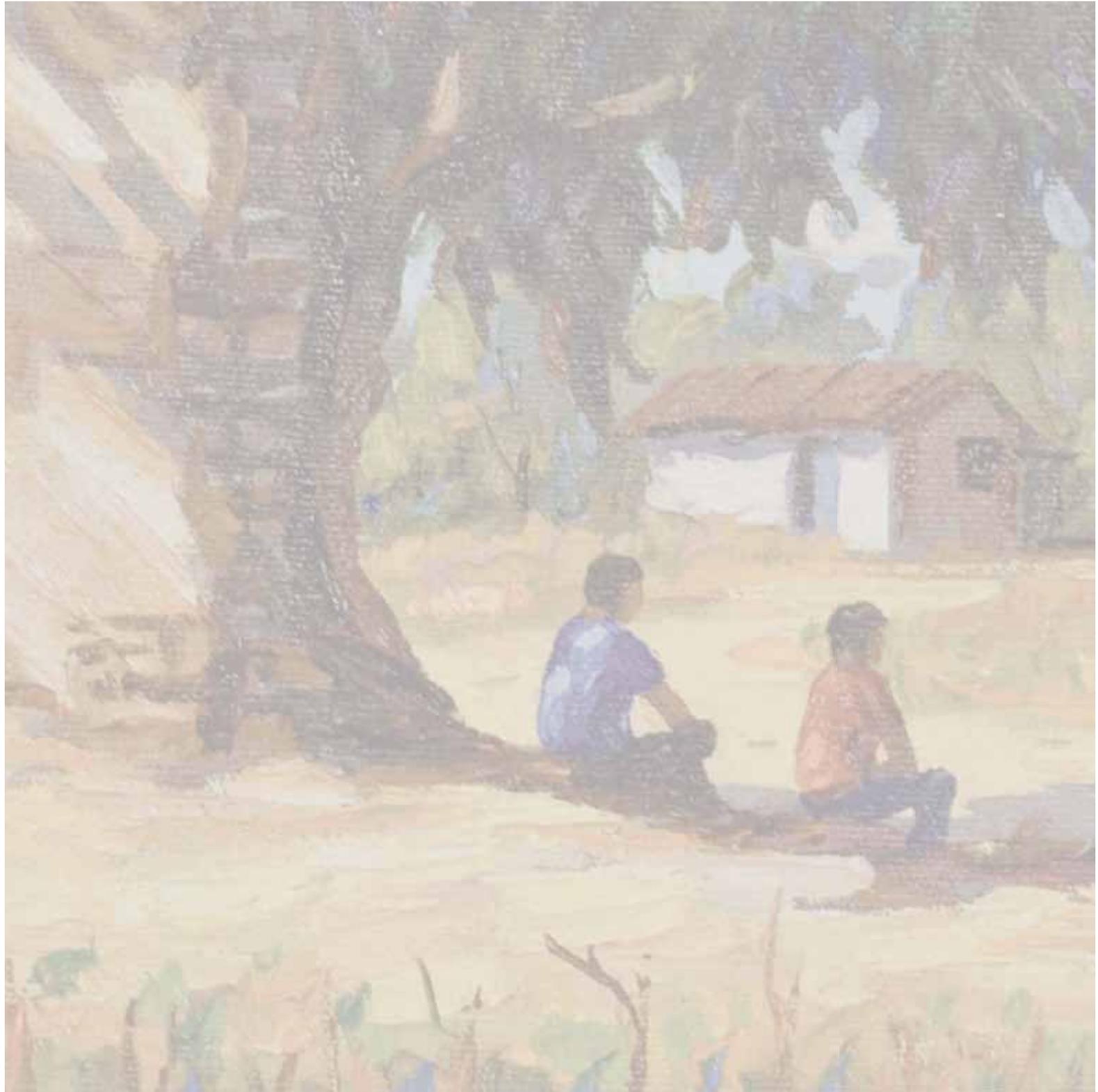
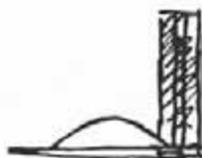




Foto: Cleber Medeiros

TÍTULO: Tarde no brejo do Bonfim – ANO: 2009 – TÉCNICA: Óleo sobre tela – DIMENSÕES: 0,30cm x 0,50cm



Paulo Werneck

Rio de Janeiro, RJ, 29-7-1907 - 22-12-1987

Pintor, desenhista e ilustrador de livros infantis e colunas políticas de diversos jornais. Autodidata, Paulo Werneck foi um dos responsáveis por introduzir no Brasil a técnica do mosaico. Contribuiu com seus murais para projetos de arquitetos como Oscar Niemeyer, Marcelo, Milton e Maurício Roberto. Fez seus primeiros painéis em mosaico no terraço-jardim do Instituto Resseguros, projeto dos arquitetos MMM Roberto.

Dentre os painéis realizados, destacam-se os localizados nos edifícios do Ministério da Fazenda, Banco Boavista, no Rio de Janeiro, na igreja São Francisco de Assis, na Pampulha, em Belo Horizonte/MG no Senado Federal e no Palácio do Itamarati, em Brasília.

Com mais de 300 painéis em prédios e residências, em todo o país, Paulo Werneck foi um incansável artista do Modernismo.



Foto: Cleber Medeiros

Sem título TÉCNICA: Mosaico em pastilha de cerâmica DIMENSÕES: 2,54m x 12,0m



Péricles Rocha

Codó, MA, 1946

Pintor, escultor e desenhista, cursa escultura na Escola Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, entre 1967 e 1971, com bolsa de estudos concedida pelo governo do Maranhão. Em 1977, realiza sua primeira mostra individual, na Galeria Sérgio Milliet, no Rio de Janeiro.

Entre 1978 e 1980, ilustra os livros *Marimbondos de Fogo e Norte das Águas*, de José Sarney, e *Poeta do Absurdo*, de Orlando Tejo. Em 1982, estuda no Instituto Lorenzo de Médici, em Florença, Itália. Instala juntamente com outros artistas o Centro de Artes Japiacu, em São Luís do Maranhão.

Entre as exposições de que participa, destacam-se: Bienal Nacional, São Paulo, 1974/1976; Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro, 1979/1980; Arte no Maranhão: Uma Visão de 100 Anos, no Museu Histórico e Artístico do Estado do Maranhão.



TÍTULO: Anjo – ANO: 1979 – TÉCNICA: Nanquim e aquarela – DIMENSÕES: 0,66cm x 0,48cm



TÍTULO: Cão Azul - ANO: 1980 - TÉCNICA: Nanquim e aquarela - DIMENSÕES: 0,73cm x 0,51cm

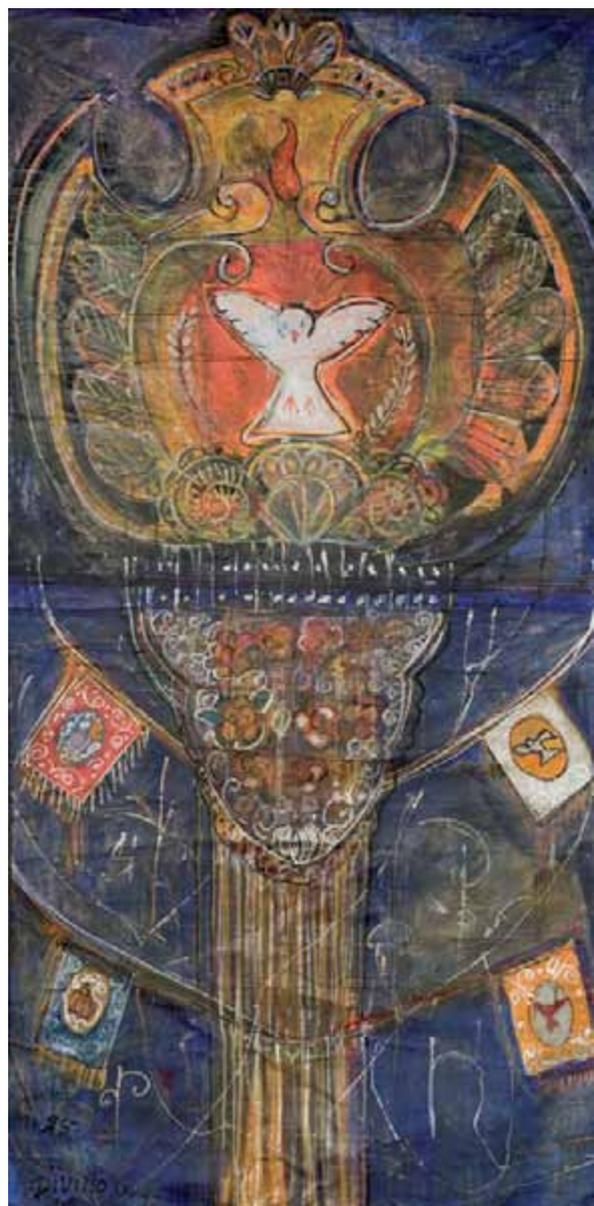


Foto: Cleber Medeiros

TÍTULO: Santos de Junho – ANO: 2005 – TÉCNICA: Óleo sobre lona – DIMENSÕES: 3,20m x 1,55m

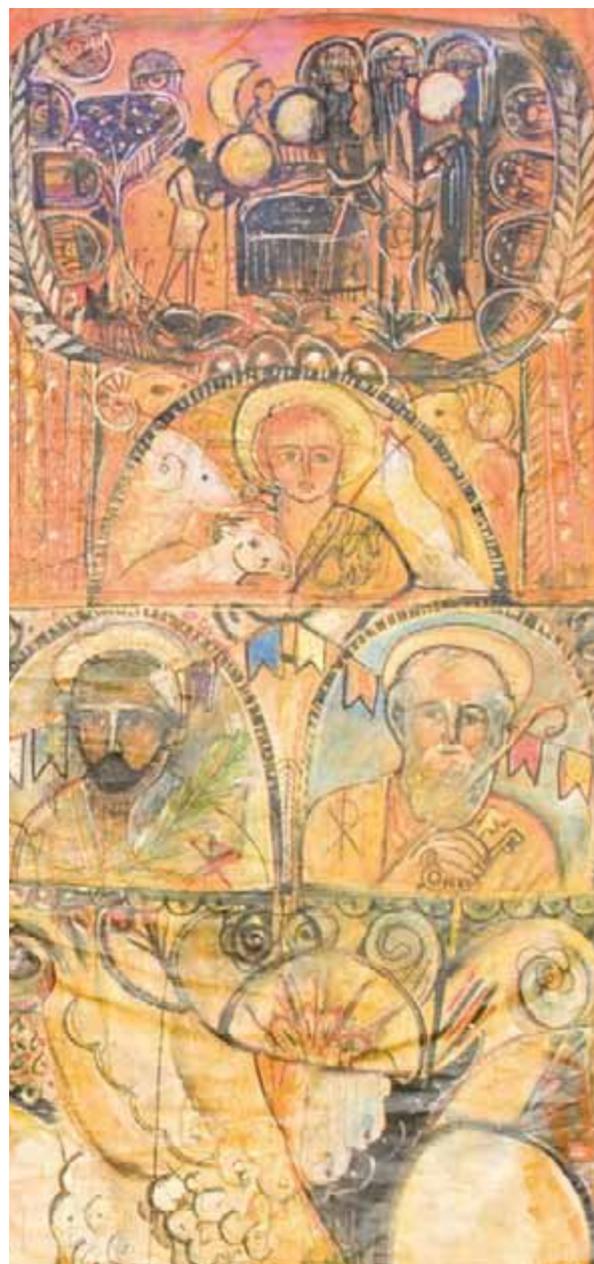


Foto: Cleber Medeiros

Santos de Junho – ANO: 2005 – TÉCNICA: Óleo sobre lona – DIMENSÕES: 3,20m x 1,55m



Foto: Cláudio Medeiros

Santos de Junho – ANO: 2005 – TÉCNICA: Óleo sobre lona – DIMENSÕES: 3,20m x 1,55m



Píndaro Castelo Branco

Floriano, PI, 1930

Professor, ilustrador e cartazista, estuda na Escola Nacional de Belas-Artes – Enba (1957 a 1962), onde é aluno de Henrique Cavalleiro. Ao término de seus estudos ganha medalha de ouro. Foi professor da 1ª cadeira de Desenho Artístico desta mesma Escola. Em 1962, cria o símbolo do carnaval desse ano.

Participou do IX ao XVIII Salão Nacional de Arte Moderna-SNAM (de 1960 a 1969) e realizou exposições individuais nas Galerias Taba (Goiânia 1969) e G4 (Rio de Janeiro, 1966).

"Suas obras refletem sua visão pessimista ou dramática do homem e da própria sociedade, cujos conflitos ou angústias são agora o tema principal de sua pintura expressionista." (PONTUAL 1969)



Foto: Cleber Medeiros

TÍTULO: Rio - ANO: 1972 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 1,04m x 1,30m



Renina Katz

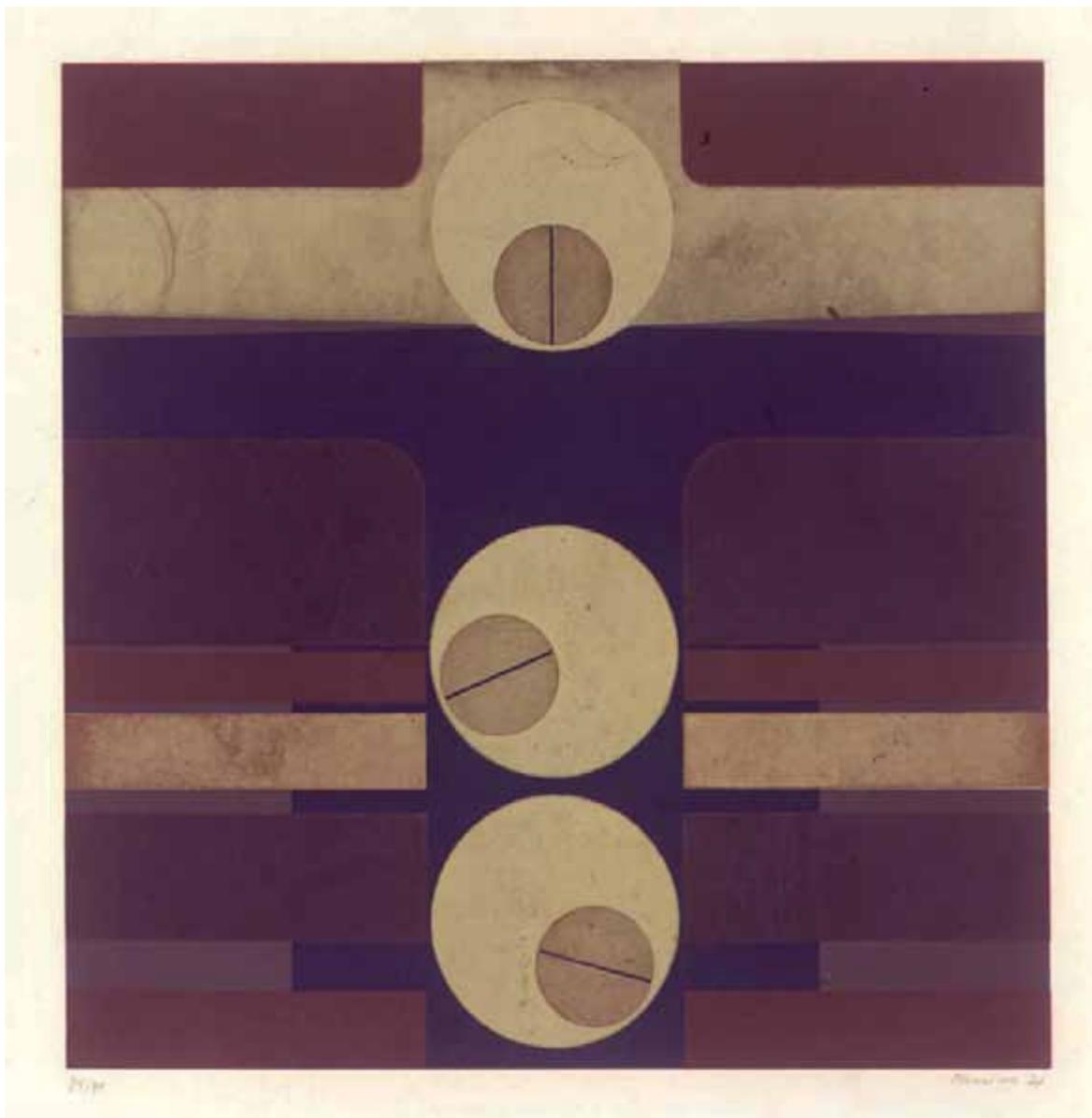
Rio de Janeiro, RJ, 1925

Renina Katz Pedreira, gravadora, desenhista, ilustradora, professora, cursa a Escola Nacional de Belas-Artes - Enba, no Rio de Janeiro, entre 1947 e 1950. Tem como professores, entre outros, Henrique Cavalleiro e Quirino Campofiorito. Licencia-se em desenho pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Inicia-se em xilogravura com Axl Leskoschek, em 1946. Incentivada por Poty Lazarotto, ingressa no curso de gravura em metal, oferecido por Carlos Oswald no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro.

Muda-se para São Paulo em 1951 e leciona gravura no Museu de Arte de São Paulo-MASP e, posteriormente, na Fundação Armando Álvares Penteado-FAAP, até a década de 1960. Em 1956, publica o primeiro álbum de gravuras, intitulado *Favela*. A partir dessa data, é docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo-FAU/USP, onde permanece por 28 anos, e na qual apresenta teses de mestrado e doutorado.



TÍTULO: Abstrato - ANO: 1971 - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte - DIMENSÕES: 0,40cm x 0,40cm



TÍTULO: Abstrato - ANO: 1971 - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte - DIMENSÕES: 0,40cm x 0,40cm



TÍTULO: Abstrato - ANO: 1971 - TÉCNICA: Calcografia. Água-forte - DIMENSÕES: 0,40cm x 0,40cm



Roberto Burle Marx

São Paulo, SP, 1909 - Rio de Janeiro, RJ, 1994

Paisagista, arquiteto, desenhista, pintor, gravador, litógrafo, escultor, tapeceiro, ceramista, *designer* de jóias, decorador. Durante a infância vive no Rio de Janeiro. Vai com a família para a Alemanha, em 1928. Em Berlim, estuda canto e se integra à vida cultural da cidade, frequentando teatros, óperas, museus e galerias de arte. Em 1929, frequenta o ateliê de pintura de Degner Klemm. Nos jardins e museus botânicos de Dahlen, em Berlim, entusiasma-se ao encontrar exemplares da flora brasileira.

De volta ao Brasil, faz curso de pintura e arquitetura na Escola Nacional de Belas-Artes – ENBA, Rio de Janeiro, entre 1930 e 1934, onde é aluno de Leo Putz, Augusto Braçat e Celso Antônio.

Em 1932, realiza seu primeiro projeto de jardim para a residência da família Schwartz, no Rio de Janeiro, a convite do arquiteto Lucio Costa, que realiza o projeto de arquitetura com Gregori Warchavchic.

Entre 1934 e 1937, ocupa o cargo de diretor de parques e jardins do Recife, PE, onde passa a residir. Tem aulas com Candido Portinari e com o escritor Mário de Andrade, no Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal. Em 1937, retorna ao Rio de Janeiro e trabalha como assistente de Candido Portinari. O final da década de 1930 marca a integração de sua obra paisagística à arquitetura moderna, época em que o artista experimenta formas orgânicas e sinuosas na elaboração de seus projetos.



Sem título - ANO: 1973 - TÉCNICA: Tapeçaria - DIMENSÕES: 3,28m x 4,83m

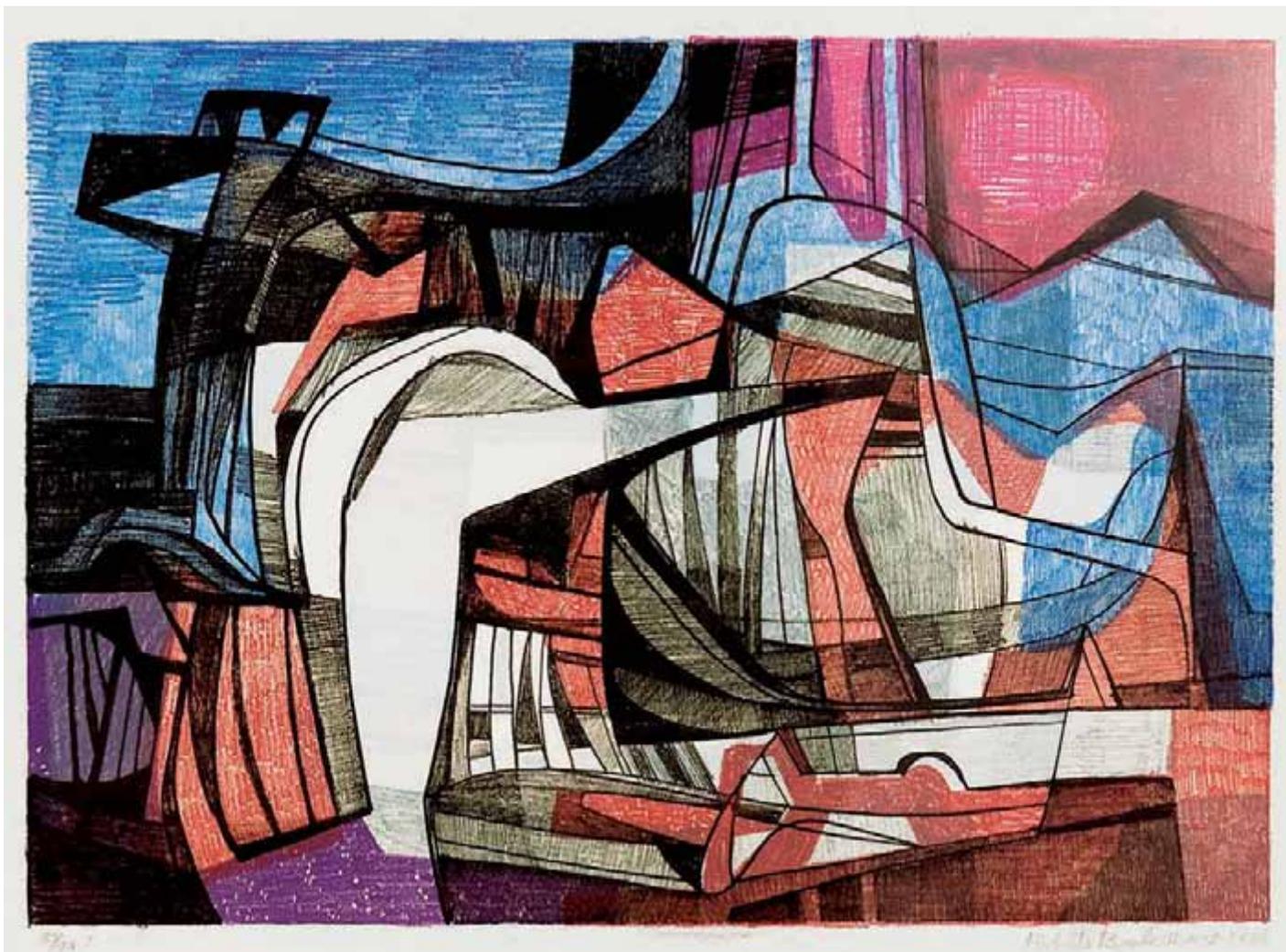


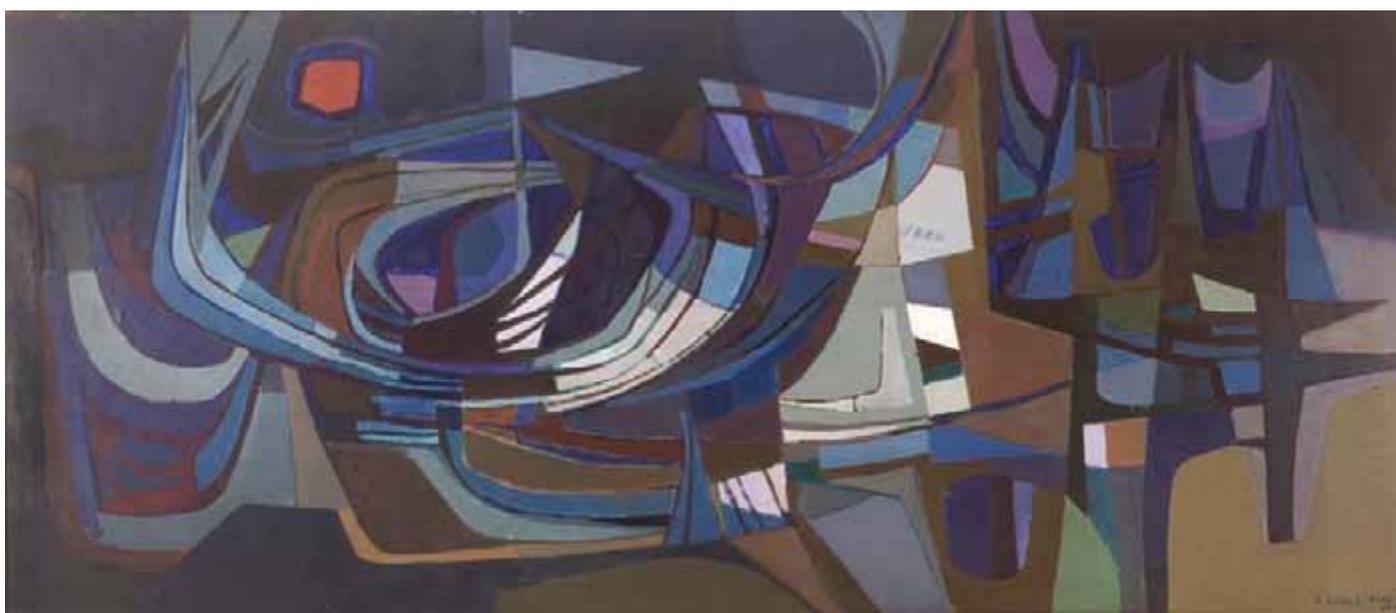
Foto: Cléber Medeiros

TÍTULO: ItapetERICA - ANO: 1988 - TÉCNICA: Litogravura - DIMENSÕES: 0,38cm x 0,54cm



TÍTULO: Triptico - ANO: 1972 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 1,30cm x 4,80cm





TÍTULO: Composição ANO: 1972 TÉCNICA: Óleo sobre tela DIMENSÕES: 1,30m x 3,00m



Rossini Perez

Macaíba, RN, 1932

Gravador, pintor. Muda-se com a família, em 1940, para o Rio de Janeiro. Em 1951, frequenta a Associação Brasileira de Desenho e tem aulas com o pintor Ado Malagoli.

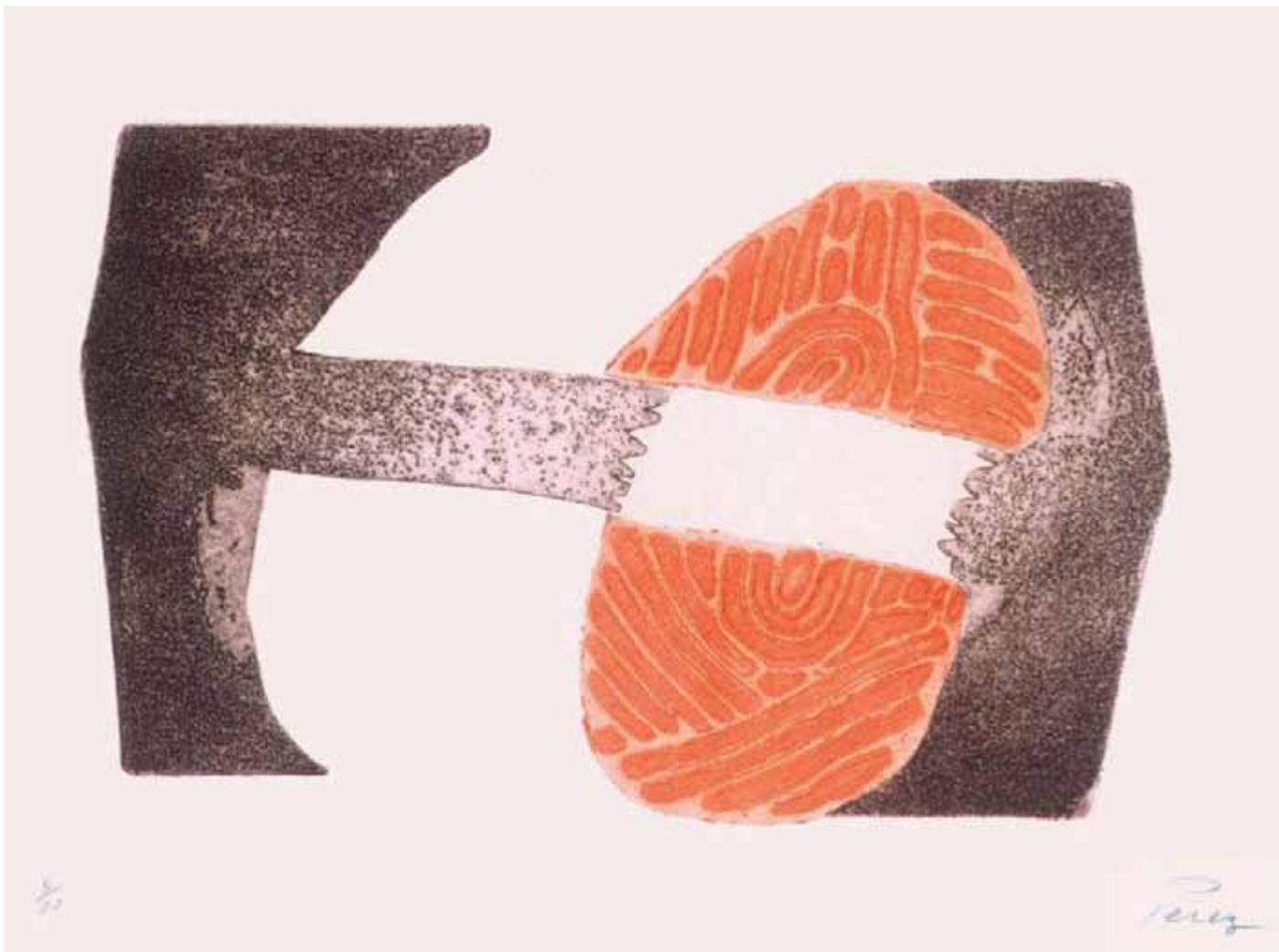
Em visita à 2ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1953, impressiona-se com as gravuras de autoria de Edvard Munch e decide se dedicar a essa técnica. No Rio de Janeiro, estuda na Escolinha de Arte do Brasil e é orientado por Osvaldo Goeldi.

Por volta de 1952, é aluno de Iberê Camargo e, em 1953, de Fayga Ostrower. No mesmo ano, participa da 1ª Exposição Nacional de Arte Abstrata, no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, Rio de Janeiro.

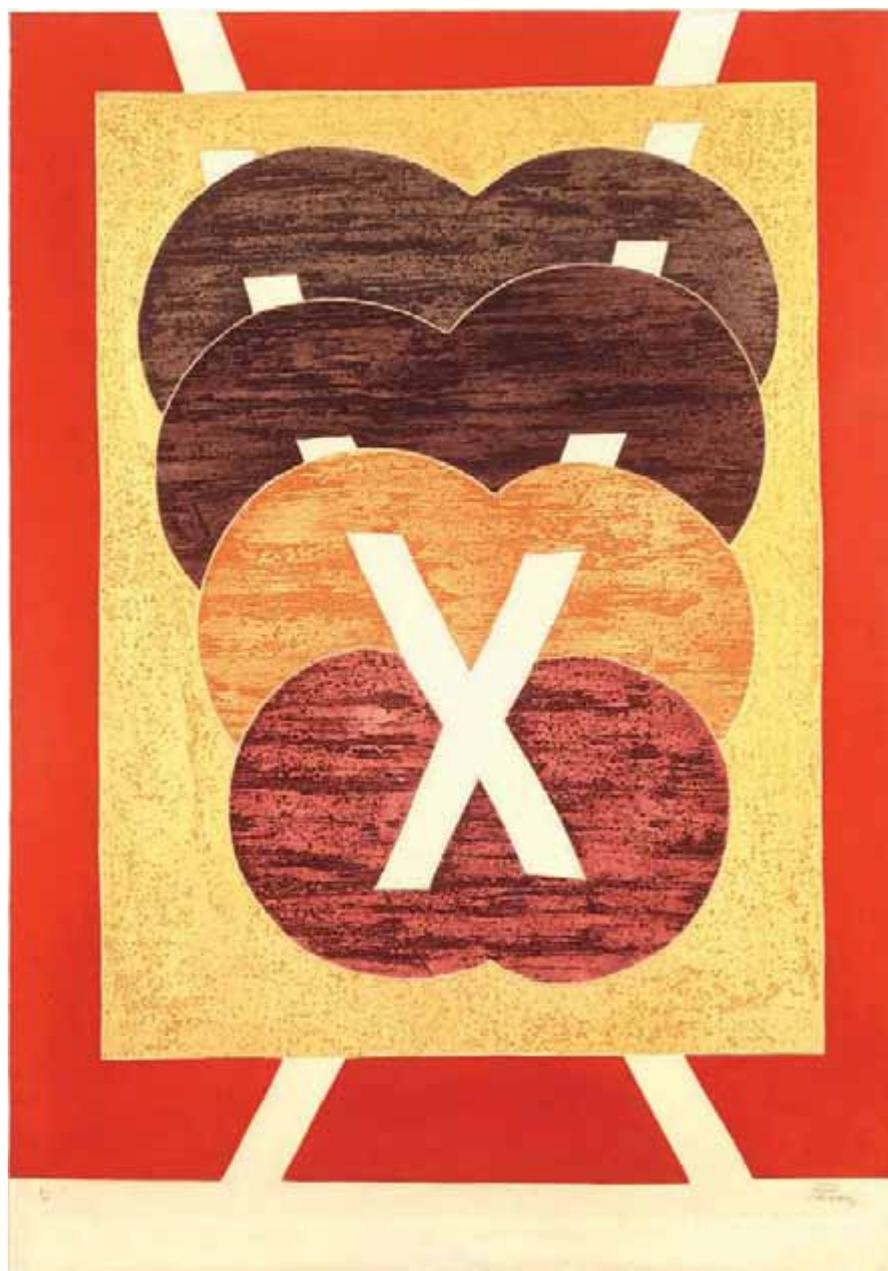
Na década de 1950, suas obras tratam de temas como os barcos, os morros e as favelas cariocas. Em 1959, é assistente de Johnny Friedlaender no Ateliê de Gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, no qual leciona, desse ano até 1961.

Aperfeiçoa-se em litografia na Rijksakademie, em Amsterdã, como bolsista, em 1962. Reside em Paris de 1962 a 1972. Ajuda a implantar uma oficina de gravura em metal na Ecole Nationale des Beaux-Arts (Escola Nacional de Belas-Artes), em Dacar, Senegal, em 1974 e 1975, e dá aulas nessa instituição em 1977 e 1978.

De volta ao Brasil, é professor no Centro de Criatividade da Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília, em 1978, e no Ateliê de Gravura do MAM/RJ, de 1983 a 1986.



TÍTULO: Novelo - TÉCNICA: Calcografia, Água-tinta e relevo - DIMENSÕES: 0,38cm x 0,56cm



TÍTULO: X - TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e relevo - DIMENSÕES: 0,83 cm x 0,63cm



TÍTULO: Nó - TÉCNICA: Calcografia, Ponta-seca, Água-tinta e relevo - DIMENSÕES: 0,87cm x 0,63cm



Rubem Zevallos

Potosí, Bolívia

Pintor e desenhista, radicado no Brasil desde 1956, fixou-se em Brasília desde a sua fundação. Participou de diversas coletivas a partir de 1947, inclusive na Bolívia e Argentina. Realizou pesquisas de desenho animado, técnicas de TV, química das cores e relações entre sons. Em 1976, participou da Mostra Cinco Pintores Ibero-Americanos, promovida pelo Instituto de Cultura Hispânica de Brasília, quando o Embaixador da Bolívia, Marcelo Terceros Banzer comenta no catálogo:

“...pinta com grande imaginação e vigor não só estas estampas quixotescas que tão bem expressam o sublime desvario do herói universal, mas capta também surgindo do espaço vazio, ou rememora os plácidos vales povoados de ciprestes e regados por águas cristalinas, ou aprisiona em traço fino e firme de seu lápis e formas sutilmente cândidas da mulher de todas as partes(...)”.



TÍTULO: Ceia do Senhor TÉCNICA: Painel de acrílica sobre madeira DIMENSÕES: 1,90m x 4,60m



TÍTULO: Temas Regionais – TÉCNICA: Óleo sobre tela – DIMENSÕES: 1,30m x 1,00m



TÍTULO: Dom Quixote e a bela Dulcinéia – ANO: 1979 – TÉCNICA: Óleo sobre eucatex – DIMENSÕES: 1,23m x 0,87cm



TÍTULO: Leia Aurea ANO: 1979 TÉCNICA: Acrílica sobre tela DIMENSÕES: 1,50m x 6,40m



TÍTULO: As três sedes históricas do Senado Federal ANO: 1980 TÉCNICA: Óleo sobre tela DIMENSÕES: 1,77m x 4,85m



Sachiko Koshikoku

Fukui, Japão, 1937

Pintora, *designer* gráfico. No ano de 1957, forma-se em desenho e artes manuais pela Universidade de Fukui, Japão. Participa do grupo Hokubi, liderado por Hiderato Tsuchioka. Em 1960, trabalha, em Tóquio, como *designer* gráfico. Em 1965, muda-se para a cidade de São Paulo.

“Ao elaborar seu material plástico, Sachiko recorre - além dos sinais da sua invenção - a elementos arqueológicos inspirados de maneira espontânea na estamperia e na cerâmica utilitária pré-colombiana, verdadeira linguagem arcaica, cheia de símbolos ancestrais e arquétipos. Em sua busca de formas inéditas, a pintora propõe-nos uma releitura poética dessa linguagem esquecida, metamorfoseando com sua estilização geométrica as incógnitas das civilizações perdidas, pelas quais sente estranha fascinação.” (SACHIKO, 1991)



TÍTULO: Puzzli V - ANO: 1972 - TÉCNICA: Acrilica sobre tela - DIMENSÕES: 1,41m x 1,10m



Savério Castellano

Sorocaba, SP, 29-3-1934 – 18-5-1996

Pintor, desenhista e gravurista, é considerado um dos pioneiros no uso da computação em arte. Começa estudando desenho com Poty Lazzarotto nos cursos do Museu de Arte de São Paulo em 1952. E em 1955, estuda gravura com Livio Abramo na Escola de Artesanato do Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM. É formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo.

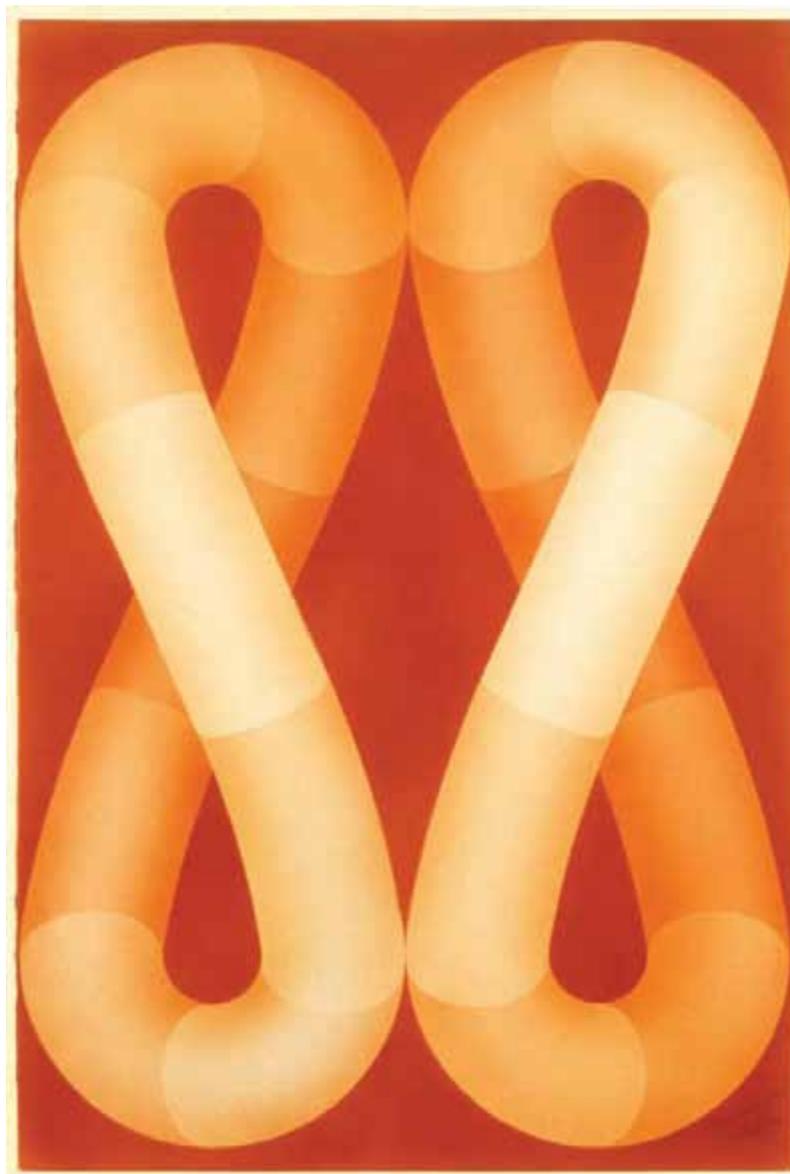
Trabalha como colaborador no escritório de arquitetura do arquiteto Jorge Wilhein de 1959 até 1961. Durante esse período faz os primeiros contatos com artistas como Mario Gruber, Marcelo Grassam, Flávio Motta e Aldemir Martins, que influenciaram e estimularam seu trabalho. Frequenta os ateliês de gravura da Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP. Em 1972, em uma viagem à Inglaterra, elabora um projeto para uma escultura em acrílico nos ateliês da Saint Martin School of Art, onde teve contato com o escultor Anthony Caro e com o crítico de arte Guy Brett.



TÍTULO: Nódulo (tubos vermelhos) - ANO: 1972 - TÉCNICA: Aerografia - DIMENSÕES: 1,04m x 0,70cm



TÍTULO: Nódulo (tubos de areia) - ANO: 1972 - TÉCNICA: Aerografia - DIMENSÕES: 1,05m x 0,69cm



TÍTULO: Duplo Infinitésimo (tubos de areia) - ANO: 1972 - TÉCNICA: Aerografia - DIMENSÕES: 1,05m x 0,69cm



Schirley Indig

Rio de Janeiro, RJ, 1937

Schirley Jeanne Indig, pintora, escultora, desenhista, entalhadora, decoradora e professora, inicia seus estudos em 1949. Ingressa, aos 12 anos, no curso de desenho do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Dois anos depois, inicia seus estudos de escultura que perduraram por três anos. A partir de 1950, desenvolve como autodidata técnicas de pintura e entalhe em madeira. Recebe, em 1953, Medalha de Ouro do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro.

Participa de mais de 40 exposições coletivas e mais de 50 individuais, além de algumas mostras internacionais.

É filiada à Associação Brasileira de Belas-Artes do Rio de Janeiro e da Associação dos Artistas Plásticos de Brasília.



Foto: Cléber Medeiros

TÍTULO: Pantanal - ANO: 2007 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,60cm x 0,90cm



Sérgio Telles

Rio de Janeiro, RJ, 1936

Sergio Barcellos Telles, desenhista, pintor e ilustrador. Em meados de 1954 estuda na Colmeia, no Rio de Janeiro. Realiza sua primeira exposição individual em 1955, no Rio de Janeiro. Em 1957, viaja pela Europa e visita os principais museus da Itália, França, Holanda e Portugal. Nessa mesma época, faz estágio nos serviços de restauração da Pinacoteca do Vaticano. De volta ao Brasil, frequenta os ateliês de Rodolfo Chambelland, Osvaldo Teixeira e de Marie Nivoulies de Pierrefort, no Rio de Janeiro.

Em 1964, ingressa na carreira diplomática. Na década de 1970, viaja para Porto Seguro, Bahia, por sugestão do escritor Jorge Amado, e realiza desenhos e óleos, publicados em livro, com a colaboração de Jorge Amado e Jeanine Warnwood. É autor de *Nivouliès de Pierrefort*, editado em Buenos Aires pelo Museu de Arte Moderna, 1974; é ilustrador de *Rio de Janeiro*, lançado no Museu Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, em 1978.



TÍTULO: Mercado de Luanda - ANO: 1975 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 1,32m x 1,64m



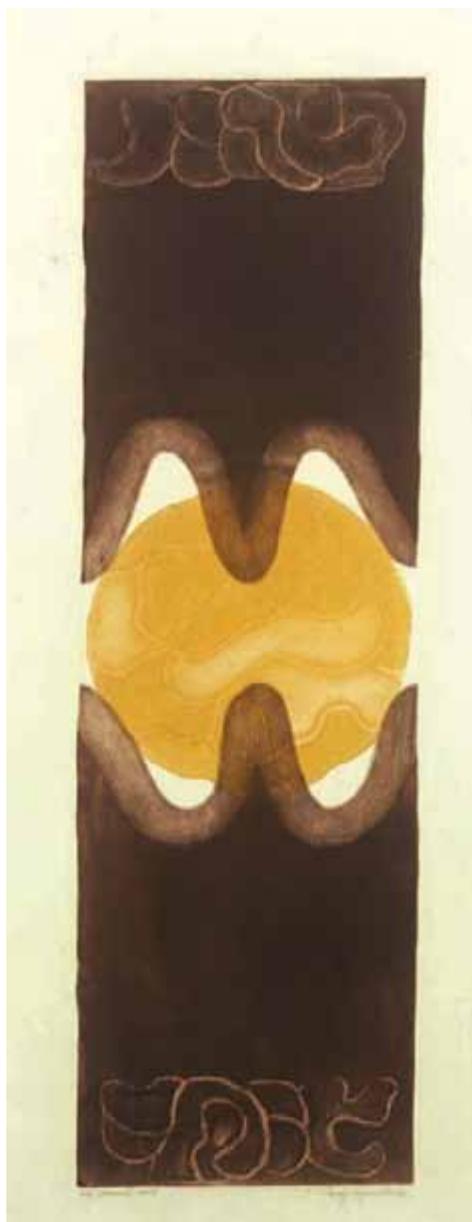
Thereza Miranda

Rio de Janeiro, RJ, 1928

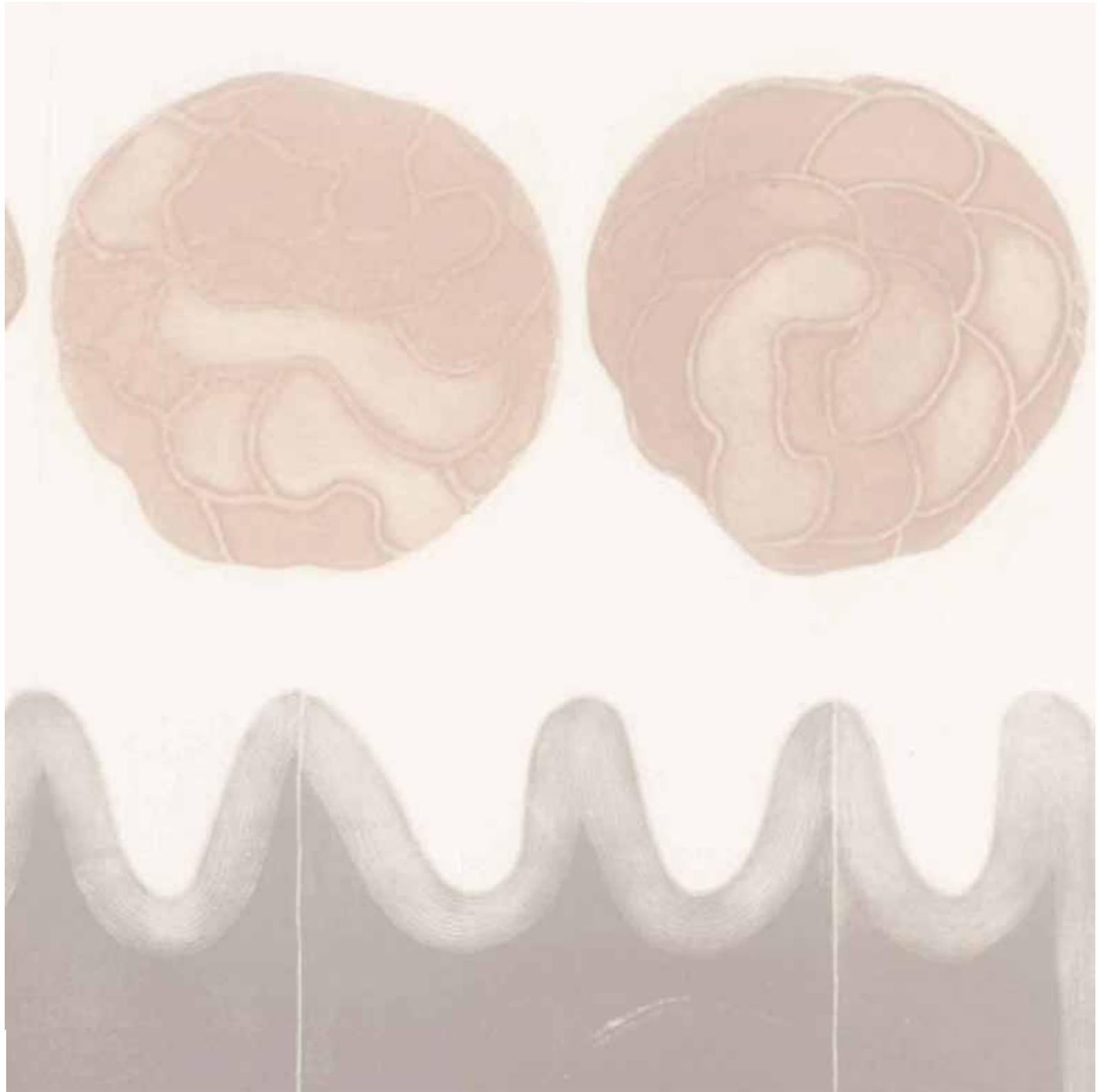
Thereza Miranda Alves, gravadora, pintora e desenhista, estuda filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ em 1947. Nesse mesmo ano, inicia sua aprendizagem em artes nas aulas de pintura do ateliê de Carlos Chambelland, no Rio de Janeiro.

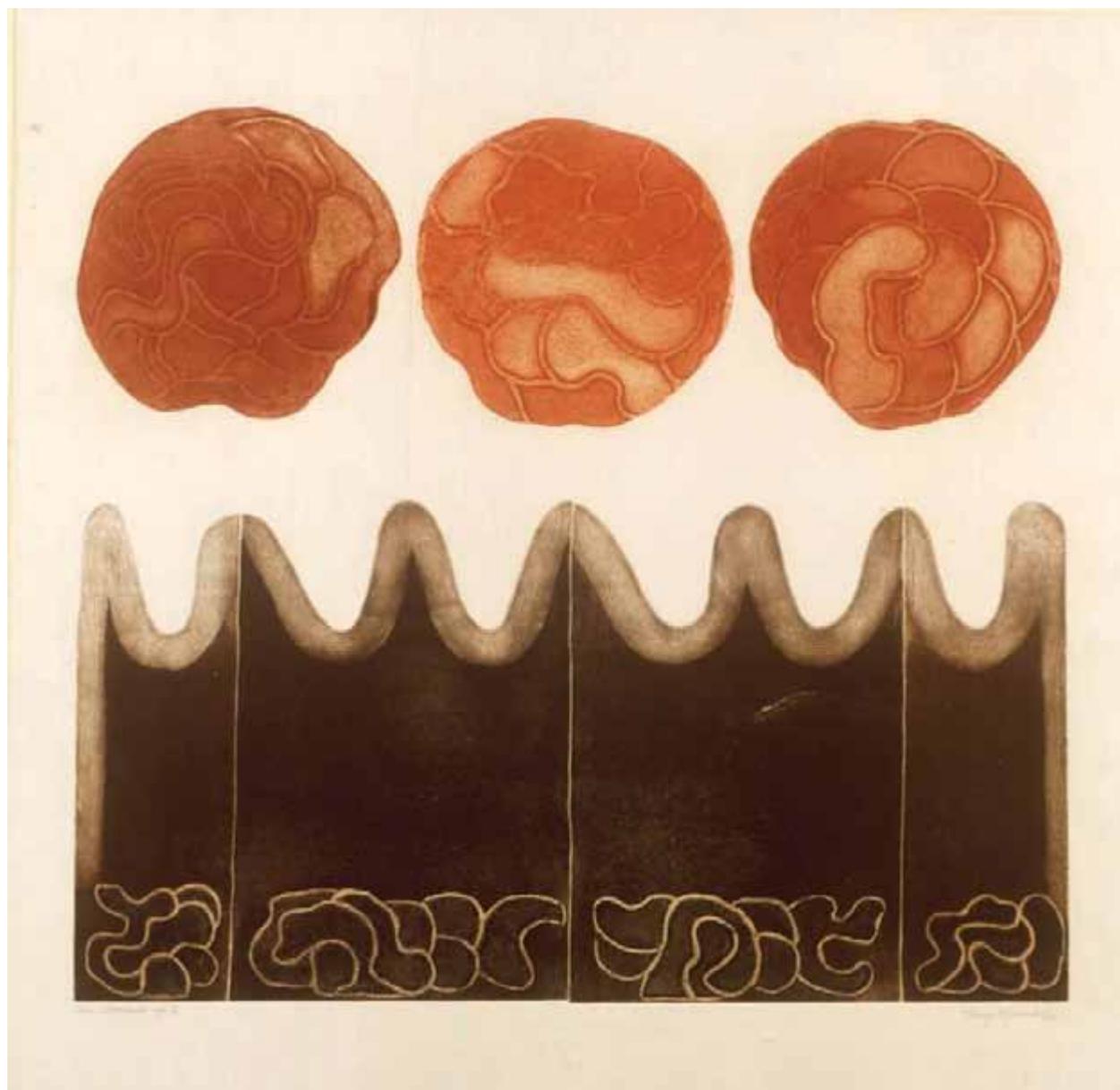
Sua incursão no campo da gravura começa quando, a partir de 1963, frequenta o ateliê de gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, onde aprende as técnicas da gravura em metal com Walter Marques. No final da década de 1960, sua obra começa a figurar nas principais bienais e exposições internacionais, tais como: Bienal Pan-Americana de Gravura, no Chile; Bienal de Gravura em Cracóvia, Polônia; Bienal de Gravura de Branford, Inglaterra.

Em 1974, com Bolsa do British Council, estuda fotogravura com Denis Mazi no Croydon College of Art de Londres. A partir de 1974, leciona gravura e ilustração na PUC/RJ. No MAM/RJ, no período de 1983 a 1986, leciona gravura. De 1990 a 1992, ministra aulas de fotogravura no Ateliê Livre em Porto Alegre.



TÍTULO: Germinação da vida - ANO: 1972 - TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e Água-forte (4/30) - DIMENSÕES: 0,75cm x 0,20cm





TÍTULO: Germinação da vida VII - ANO: 1972 - TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e Água-forte (8/30) - DIMENSÕES: 0,54cm x 0,59cm



Tomie Ohtake

Kyoto, Japão, 1913

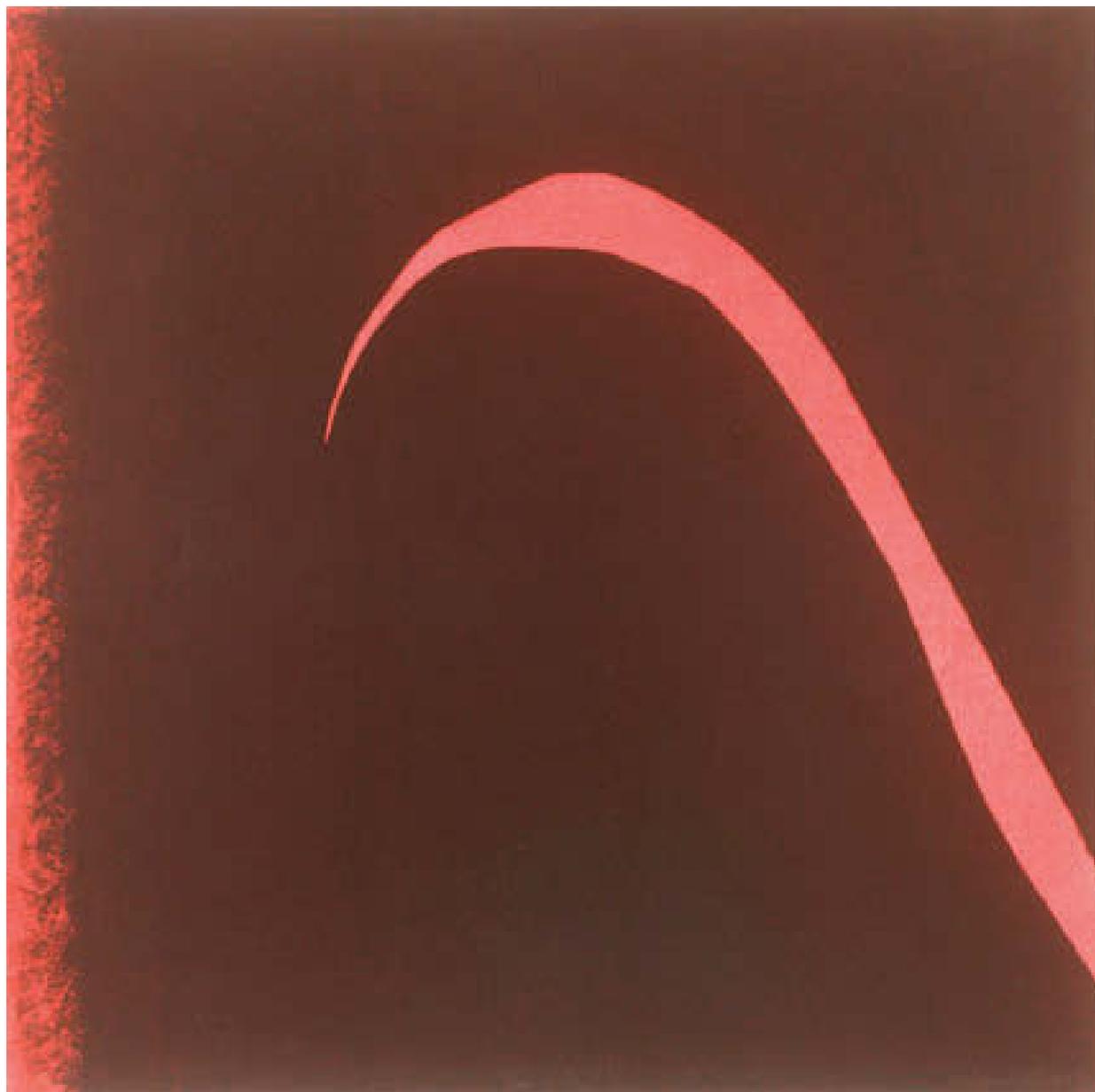
Pintora, gravadora, escultora, vem para o Brasil em 1936, fixando-se em São Paulo. Em 1952, inicia-se em pintura com o artista Keisuke Sugano. No ano seguinte, integra o Grupo Seibi, do qual participam Manabu Mabe, Tikashi Fukushima, Flavio Shiró e Tadashi Kaminagai, entre outros.

Após um breve período de arte figurativa, a artista define-se pelo abstracionismo. A partir dos anos 1970, trabalha com serigrafia, litogravura e gravura em metal. Surgem em suas obras as formas orgânicas e a sugestão de paisagens.

Na década de 1980, passa a utilizar uma gama cromática mais intensa e contrastante. Dedicar-se também à escultura, e realiza algumas delas para espaços públicos.

Recebe, em Brasília, o Prêmio Nacional de Artes Plásticas do Ministério da Cultura – Minc, em 1995.

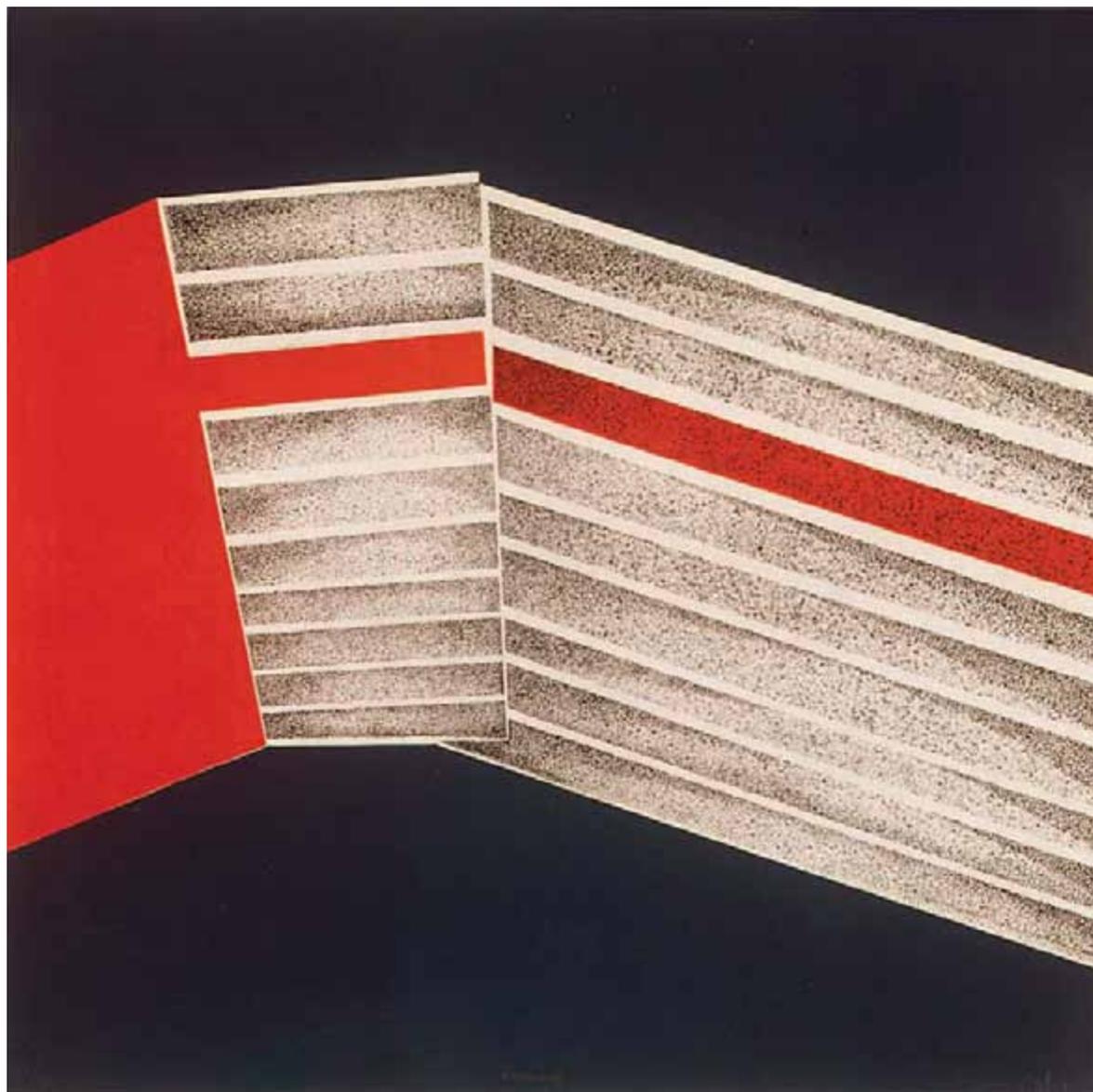
Em 2000, é criado o Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.



TÍTULO: Boi Tatá – ANO: 1972 TÉCNICA: Serigrafia (8/30) – DIMENSÕES: 0,50cm x 0,50cm



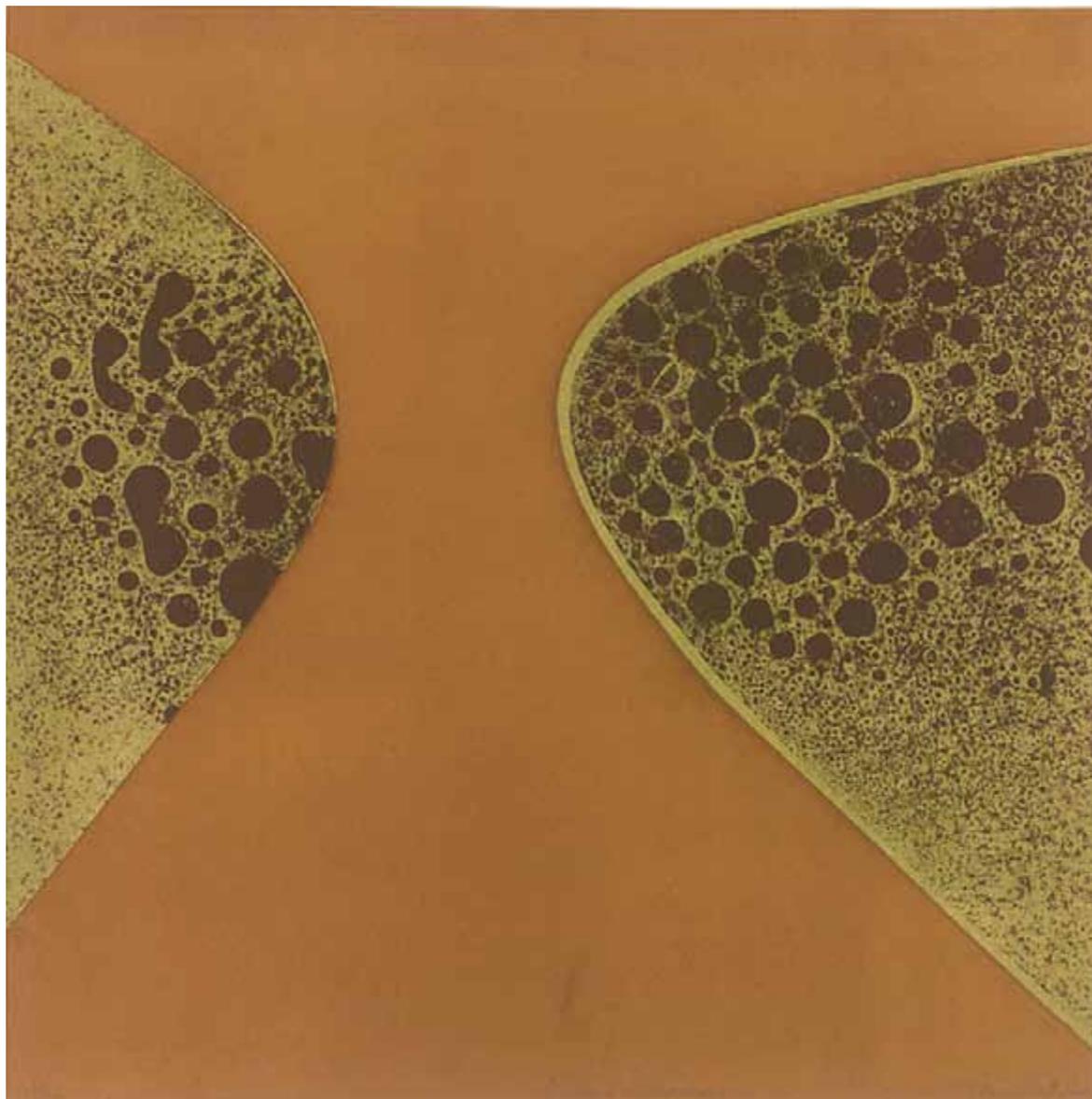
TÍTULO: Visões do Medo - TÉCNICA: Serigrafia (2/30) - DIMENSÕES: 0,50cm x 0,50cm



TÍTULO: Tarumã - TÉCNICA: Serigrafia (12/30) - DIMENSÕES: 0,50cm x 0,50cm



TÍTULO: Abstrata Geométrica – ANO: 1972 – TÉCNICA: Serigrafia (5/20) – DIMENSÕES: 50cm x 50cm



TÍTULO: Tuxana das Manaus - ANO: 1972 - TÉCNICA: Calcografia. Água-tinta e Água-forte - DIMENSÕES: 50cm x 50cm



Tony Lima

Parnaíba, PI, 14-1-1964

Antônio Carlos Lima, pintor, autodidata, desenhava a lápis desde criança. Começou a realizar trabalhos com tinta em 1980, quando se mudou para Brasília. Aos poucos, familiarizou-se com a tinta e o óleo de linhaça, orientado pelo balconista Zé Luís, da casa de material artístico Poliarte.

Participou de alguns cursos de pintura com os artistas Anselmo Rodrigues e Luiz Lobão. Abandonou o trabalho de garçom para se dedicar integralmente à pintura. Suas obras refletem imagens do cotidiano e principalmente figuras femininas inspiradas pelo estilo artístico da obra de Modigliani.

O artista já participou de diversas exposições em todo o país. Foi premiado no Pinte Brasília (1996) e na Coletiva Pátio Brasil (2003).



TÍTULO: Mulheres - ANO: 2006 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 0,60cm x 0,30cm



Wega

Corumbá, MT, 10-3-1912 - Guarujá, SP, 21-5-2007

Wega Nery Gomes Pinto. Artista visual, crítica de arte, pintora, desenhista, poeta e professora. Em 1932, escreve e publica poesias na revista carioca *O Malho* (Parnaso Feminino), usando o pseudônimo de Vera Nunes. Neste mesmo ano torna-se professora de artes. Permanece hospitalizada entre 1943 e 1945, o que a faz retomar a prática da pintura.

Estuda desenho e pintura na Escola de Belas-Artes em São Paulo entre 1946 e 1949. Por volta de 1950, aperfeiçoa estudos com Joaquim da Rocha Ferreira, Yoshiya Takaoka e Flexor. Participa do Grupo Guanabara em 1952 e do Ateliê-Abstração, em 1953.

Leciona desenho e pintura na Sociedade Cívica Feminina em Santos, em 1963. Participa de coletivas do Grupo Guanabara e de diversas edições da Bienal Internacional de São Paulo, onde recebe prêmio de melhor desenhista nacional em 1957 e prêmio aquisição nacional em 1963.



TÍTULO: Paisagem - ANO: 1972 - TÉCNICA: Óleo sobre tela - DIMENSÕES: 1,20m x 1,82m

Bibliografia

- ARAUJO, Marcelo Mattos (Coord.). *Coleção Bradesco de arte brasileira: pinturas*. São Paulo: Estúdio Letra, 2006. 244 p., Il. color.
- CATÁLOGO do Patrimônio Artístico do Estado. São Paulo: Governo do Estado, [2010?]. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/patrimonioartístico/>>. Acesso em: 5 maio 2010.
- CAVALCANTI, Carlos; AYALA, Walmir, org. *Dicionário brasileiro de artistas plásticos*. Apresentação de Maria Alice Barroso. Brasília: MEC/INL, 1973-1980. (Dicionários especializados, 5).
- COSTA, Luiz. *Luiz Costa: pinturas*. Texto de Miguel Jorge. Goiânia: Galeria de Arte Frei Nazareno Confaloni, 1984
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural: artes visuais. São Paulo: Itaú Cultural, 2006. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm>. Acesso em: 02 maio 2010.
- ENOCK, Sacramento. *30 artistas brasileiros na coleção do Bancocidade = 30 artists in the collection of Bancocidade*. São Paulo: Banco Cidade, 1995. 127 p., Il. color.
- GRAVURA brasileira. São Paulo: Galeria Gravura Brasileira, 2008. Disponível em: <http://www.gravurabrasileira.com/index.asp?lang=pt>>. Acesso em: 2 maio 2010.
- INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Acervo artístico da Pinacoteca Barão do Santo Ângelo. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/acervoartes/>>. Acesso em 5 maio 2010.
- INSTITUTO OLGA KOS DE INCLUSÃO CULTURAL. Apresenta textos sobre trabalho de promoção, divulgação e participação em atividades socioculturais de diversas áreas, com a missão de resgatar e fortalecer a identidade cultural do Brasil, favorecendo a inclusão. Disponível em: <http://www.institutoolgakos.org.br/index_quem.html>. Acesso em: 10 maio 2010.
- JOSÉ Ferreira. Apresentação de Walter Waeny Santos: Galeria de Arte do Banco do Brasil, 1986.
- KOSSOVITHC, Leon; MAYARA, Laudanna; RESENDE, Ricardo. *Gravura: arte brasileira do século XX*. São Paulo: Cosac & Naify, Itaú Cultural, 2000. 270 p.
- LEI Áurea : *Ruben Zavallos* : técnica mista papel sobre tela. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/comunica/tour/m_zeva.htm>. Acesso em: 4 maio 2010
- LOUZADA, Maria Alice; LOUZADA, Julio. *Artes plásticas: Brasil*. São Paulo: Julio Louzada, 2002. v. 13.
- . *Artes plásticas Brasil 94: seu mercado : seus leilões*. São Paulo: Julio Louzada, 1994. v. 6, p. 549-550.
- MADAME Kalil. In: ARTE E CULTURA. *Brasília: Administração Regional de Sobradinho*, [2010?]. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:f9Mr2GtTLdQJ:www.sobradinho.df.gov.br/005/00502001.asp%3FttCD_CHAVE%3D6403+sobradinho+kalil&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 2 maio 2010.

NINITA Moutinho: uma exposição camerística. Apresentação de Rachel Jardim e Jacqueline de Castro. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1991.

PINHO, Sandrelany; RIBEIRO, Maria do P. Socorro Nóbrega. *Compleição antropológica na arte de Moacir Andrade: fios e tramas do imaginário cultural amazônico*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO SUSTENTÁVEL, 2., 2008, Fortaleza. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.cdvh.org.br/sispub/image-data/1893/sits/files/COMPLEI%C3%87%C3%83O%20ANTROPOL%C3%93GICA%20NA%20ARTE.pdf>. Acesso em 2 maio 2010.

PONTUAL, Roberto. *Dicionário das artes plásticas no Brasil*. Apresentação de Antônio Houaiss. Textos de Mário Barata et al. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SACHIKO Koshikoku. Prefácio de Kosuke Yoshida. Apresentação de Ichiro Haryu e Pietro Maria Bardi. Texto de Antonio Zago. Fukui: Museum of Fukui Prefecture, 1991.

SILVA, Adhemar Ferreira da; MARTINS, Aldemir; MASSARANI, Emanuel Von Lauenstein. *Visão de São Paulo*. São Paulo: TELESP, 1983. 156 p.

Índice onomástico

A

- ABRAMO, Lívio – 74, 110, 148
ALBERTO I (rei) – 124
ALMEIDA, Guilherme de – 60
ALMEIDA, Mônica Figueiras – 164
ALVES, Teresa Miranda – 236
AMADO, Jorge – 66, 234
AMÉRICO, Pedro – 54
AMORIM, Álvaro – 90
ANDRADE, Mário de – 60, 210
ANDRADE, Moacir – 170
ANDRADE, Oswald de – 60
ANNA LETYCIA [Anna Letycia Quadros] – 28, 70, 156, 178
ARAÚJO, Emanuel – 78
ARRUFAT, A. Vila – 118
AVILEZ, Felix Alejandro Barrenechea – 140
AZEVEDO, Cherubina de – 176

B

- BACCI, Maria – 98
BACCIO, Carena – 98
BANDEIRA, Antonio – 18
BANZER, Marcelo Terceros – 220
BAUMEISTER, Willy – 92
BEHRING, Edith – 28, 70
BESTARD, Jaime – 74
BIANCHETTI, Glênio – 100, 168
BIANCO – 38
BILL, Max – 22
BONADEI, Aldo – 82
BONOMI, Maria Anna Olga Luiza – 148
BORDET, Jules (Dr.) – 124

BOTTICELLI – 168
BRACET, Augusto – 210
BRANCO, Píndaro Castelo – 204
BRAQUE, Georges – 60
BRENNAND, Francisco de Paula Coimbra de Almeida – 90
BRETTI, Guy – 228
BRUEGEL, Pieter – 66
BRUSELL, Carl – 42
BUARQUE, Irene – 114
BULCÃO, Athos – 38
BURLE MARX, Roberto – 38, 210

C

CABANEL, Alexandre – 54
CAMARGO, Iberê – 28, 216
CAMPOFIORITO, Quirino – 206
CARLOS OSWALD – 70, 86, 206
CARO, Anthony – 228
CASTELLANO, Savério – 228
CAVALCANTI, Denis – 56
CAVALLEIRO, Henrique – 204, 206
CELSO ANTÔNIO – 210
CESCHIATTI, Alfredo – 22
CÉZZANNE – 140
CHABLOZ, Jean-Pierre – 66
CHAGALL, Marc – 66
CHALREO, Silvia – 178
CHAMBELLAND, Carlos – 236
CHAMBELLAND, Rodolfo – 234
CHATEAUBRIAND, Gilberto – 44
CINTRA, Enio – 146
COCCHIARALE, Fernando – 24
COLINET, Claire Jeanne Roberte – 50
CONFALONI, Giuseppe (frei) – 98
CONSTANT, Benjamim – 56
CONTI, Primo – 98
CORREIA, Rildvan – 52
COSTA, Lúcio – 186, 210
COSTA, Luiz – 136
COTTET, René – 182
CRAVO JUNIOR, Mário – 142
CRUZ, Carmélio – 178
CUNHA, Euclides da – 192
CUNHA, Mônica – 172

D

DAREL – 16
DIAS, Cícero – 90
DI CAVALCANTI – 60, 136
DJANIRA – 66

E

ELIZABETH (rainha) – 124
EPSTEIN, Gustav – 44

F

FERNANDES, Luiz Marcos - 138
FERNANDES NETO, Otoniel – 192
FERREIRA, Joaquim da Rocha – 248
FERREIRA, José – 130
FERRO, Sérgio – 168
FILGUEIRAS, João – 38
FLEXOR – 248
FRANCO, Siron – 32, 98
FRIEDLAENDER, Johnny – 34, 118, 148, 216
FOGGIATTO, Lóris – 146
FONSECA, Deodoro da (marechal) – 54, 108
FONSECA, José Paulo Moreira da – 44
FONSECA, Mário Hermes da – 108
FUKUSHIMA, Tikashi – 240

G

GANEN – 176
GARCEZ, Gentil – 130
GARCIA LORCA – 118
GEIGER, Anna Bella – 24
GIORGI, Bruno – 22
GOELDI, Osvaldo – 28, 156, 216
GOMIDE, Antonio – 34
GONÇALVES, Danúbio – 100
GONZÁLES, Francisco Rebolo – ver REBOLO, F.
GRACIANO, Clóvis – 82
GRASSMAN, Marcelo – 142, 228
GRUBER, Mário – 136, 228

GRUDZINSKI, Hans – 110
GUERRA, José Espinós – 132
GUERSONI, Odetto – 182
GUIMARÃES ROSA – 170

H

HASTOY, Gustavo – 108
HAYTER, Stanley William – 86, 182
HENRIQUE OSWALD – 52, 78, 142
HORA, Abelardo da – 90
HORI, Marlene – 160

I

INDIG, Nely Evange – 176
INDIG, Paulo – 176
INDIG, Schirley Jeanne – 232

J

JIMÉNEZ, Edith – 74
JOKURITI, I. – 182

K

KALIL, Raimunda Gomes – 140
KAMINAGAI, Tadashi – 240
KLEMN, Degner – 210
KOSHIKOKU, Sachiko – 226
KRAJCBERG, Frans – 92
KUBITSCHKEK, Juscelino – 186

L

LACERDA, Regina – 32
LAGRECA, Murilo – 90
LAMBEAUX, Jef – 50
LAURENS, Henri – 22
LAZAROTTO, Poty – 16, 142, 206, 228
LESKOSCHEK, Axl – 70, 86, 206

LÉGER, Fernand – 66, 90
LEMES, Joaquim Jonas Mendes – 126
LEVY, Hannah – 24
LHOTE, André – 28, 90
LIMA, Antônio Carlos – 246
LIMA, Eduardo Meira – 76
LINCH, Joel Minervino – 130
LOBÃO, Luiz – 246
LOEB, Michel – 44
LOURENÇO DE BEM – 168

M

MADYOL, Adrien Jean – 124
MADYOL, Jacques – 124
MAILLOL, Aristide – 22
MALAGOLI QUAGLIA – 178
MALAGOLI, Ado – 216
MANABU MABE – 240
MANZÚ, Giacomo – 22
MARCELO – 196
MARCIER, Emeric – 66
MARQUES, Walter – 236
MARTINS, Aldemir – 16, 18, 228
MARTINS, Carlos – 86
MARTINS, Manuel – 82
MATOS, Haroldo – 156
MAURÍCIO ROBERTO – 196
MAZI, Denis – 236
MEIRELES, Vítor – 54
MELO, Antônio de – ver
MELO, Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e – ver DI CAVALCANTI
MÉNDES, Leopoldo – 44
MENDES, Murilo – 38
MENDONÇA FILHO, Manuel – 42
MIANI, Gaetano – 16
MICHELANGELO – 168
MILTON – 196
MIRÓ, Joán – 66, 90
MODIGLIANI – 246
MOHALYI, Yolanda – 148
MONDIN, Guido Fernando – 102
MOTA, Edson – 178
MOTTA, Flávio – 228
MOY, Seong – 148

MULLER, Hans – 148
MUNCH, Edvard – 216

N

NAKAKUBO, Massuo – 164
NEGRELLI, João Guido – 130
NICOLAIEVSKI, Carlos – 44
NIEMEYER, Oscar – 22, 38, 154, 186, 196
NIVOULIES, Marie – 234

O

OHTAKE, Tomie – 240
OLIVEIRA, Nonato de – 180
OSCAR SERAPHICO – 136
OSTROWER, Fayga – 24, 86, 216

P

PEDREIRA, Renina Katz – 206
PEDROSA, José – 22
PEIXOTO, Floriano – 54
PENNACCHI, Fúlvio – 82
PENZO, Cândido – 98
PEREZ, Rossini – 70, 118, 156, 216
PERETTI, Marianne – 154
PICASSO, Pablo – 60, 90
PICAULT, Emile-Louis – 68
PINTO, Wega Nery Gomes – 248
PIZA, Arthur Luiz – 34
PLATTNER, Karl – 148
PONS, Isabel – 118
PONS, Jean – 38
PONTUAL, Roberto – 100
PORTINARI, Candido – 38, 70, 210
POTEIRO, Antônio – 32
PRADO, Vasco – 44, 100
PUTZ, Leo – 210

R

REBOLO, F. – 82, 136
RIZZOTTI, Alfredo – 82

ROCHA, Péricles – 198
RODRIGUES, Anselmo – 246
RODRIGUES, Glauco Otávio Castilhos – 100
RODRIGUES, Marília – 156, 160
ROSA, Gustavo – 52
ROSA, Humberto – 82
ROYER, Louis – 68

S

SANTO, Dionísio del – 62
SANTOS, Maria de Fátima dos – 52
SARNEY, José – 134, 198
SCHAPIRO, Meyer – 148
SCHIAZ, Márcio Bueno de Souza – 146
SCHWARTZ (família) – 210
SCLIAR, Carlos – 38, 44, 66, 100, 136, 168
SERPA, Ivan – 28, 176
SHIRÓ, Flávio – 240
SILVA, Djanira da Motta e – ver DJANIRA
SILVA, Monica – 52
SILVA, Severino Alves da – 52
SOARES FILHO, Oscar Niemeyer – ver NIEMEYER, Oscar
SOUTINHO, Maurício Maia – 168
SOUSA, Antônio Batista de – ver POTEIRO, Antônio
STOBBAERTS, J – 124
STRAUS, Agathe – ver STRAUS, Agi
STRAUS, Agi – 16
STRAUS, Deutsch – ver STRAUS, Agi
SUGANO, Keisuke – 240
SZENES, Arpad – 38, 44, 66

T

TAKAOKA, Yoshiva – 248
TEIXEIRA, Osvaldo – 176, 234
TEJO, Orlando – 198
TELLES, Sérgio Barcellos – 234
TSUCHIOKA, Hiderato – 226

V

VALENÇA, Darel – 52
VARGAS, Eufrásio – 78

VAZQUEZ, Carlos – 118
VIEIRA DA SILVA – 44, 66
VIEIRA DA SILVA (os) – 38
VILA-CINCA, Juan – 118
VILLARES, Décio – 54
VOLPI, Alfredo – 82, 136

W

WARHAVCHIC, Gregori – 210
WARNWOOD, Jeanine – 234
WEISSMANN, Franz – 92
WERNECK, Paulo – 196
WILDE, Oscar – 60
WILHEIN, Jorge – 228

Z

ZAMOISKY – 16
ZANINI, Mário – 82
ZÉ LUIS – 246
ZEVALLOS, Rubem – 220